

Património Cultural Regional: Crenças e Tradições

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cátia Maria de Freitas Pinto de Olim

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Setembro | 2011

Património Cultural Regional: Crenças e Tradições

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cátia Maria de Freitas Pinto de Olim

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO

José Silvío Moreira Fernandes

*“Para conhecer o modo de vida de um povo ou sociedade é
preciso entrar em seu mito e sonho, folclore e arte.”*

Campbell (2001:77)

Absctract

A tradição desempenha um papel importante na identidade de um povo, é através da cultura que nos diferenciamos. É a cultura tradicional que está intrínseca na nossa personalidade e que nos torna um povo com características únicas, é a cultura que nos individualiza enquanto comunidade.

O analfabetismo do povo levou a que o património imaterial e a identidade cultural passassem de geração em geração pela transmissão oral, pelo aprender fazendo, pela imitação, assim grande parte da nossa tradição perdeu-se, e a que prevaleceu até hoje sofreu alterações frequentes da transmissão oral. Ainda assim encontramos alguns documentos escritos que corroboram as versões orais actuais.

O isolamento, a falta de médicos devidamente credenciados, a crença em Deus e no seu poder, levaram a que fosse encontrado um outro tipo de tratamentos – as curas e as mezinhas caseiras – que, e uma vez que o resultado parece agradar aos doentes, prevalecem até aos dias de hoje. O poder curativo das plantas é indiscutível e está cientificamente comprovado. O poder curativo das rezas, não está comprovado, mas apresenta resultados positivos àqueles que a ele recorrem.

O presente trabalho tenta recuperar parte dessas crenças, superstições e curas que estavam dispersas por vários tipos de publicações, tentando analisar o porquê da sua existência.

Palavras-chave

Tradição, crenças, rezas, curas, chás.

Abstract

Tradition plays an important role in a Nation's identity. It's in culture that we differ from each others. Traditions are inherited and part of our own personality, and that's what makes us a nation with unique characteristics. Culture is also what differentiates us as a community.

The illiteracy of people led to the oral transmission of intangible cultural heritage and identity, passing on from generation to generation. People learned by repeating what the elder taught, however, a great part of this tradition has been lost, and what prevailed has gone through frequent changes, which commonly occur in oral transmission. Even so, it's still possible to have access to some written documents that confirm the present oral versions.

The island's isolation and the lack of properly recognized doctors, the belief in God's healing power, led to emergence of alternative treatments - the traditional cures and homemade medicines, which have proven to be effective in some patients, prevailing until day. The healing power of plants is beyond doubt and scientifically proven, however, the healing power of prayers is not; nevertheless it has demonstrated positive results for many of those who have experience it.

This survey wishes to recover some of these beliefs, superstitions and traditional cures, scattered across different types of books, aiming to analyze and understand the reason of their existence.

Keywords

Tradition, beliefs, prayers, healing teas.

Índice

I.	Introdução.....	8
II.	Pressupostos teóricos e metodológicos	9
III.	Enquadramento histórico	11
IV.	Povos, Culturas e Religiões	14
1.	Os Povos na Madeira.....	14
a)	O Fenómeno “Cultura”	19
b)	Influências na cultura madeirense	20
2.	As Religiões.....	23
a)	Religiões Escatológicas.....	25
b)	Espiritismo	26
V.	Religiosidade Popular.....	28
VI.	Tradição não religiosa	30
VII.	Aspectos do universo das crenças na Madeira.....	32
1.	Tradição/Folclore	33
2.	Crenças e credices	34
	Metodologia.....	34
a)	Azares.....	35
b)	Boa Sorte/Fortuna.....	41
c)	Casamento	41
d)	Condição feminina e gravidez.....	46
e)	Infantis	48
f)	Morte.....	50
g)	Bruxas/Feiticeiras	53
3.	Receitas medicinais caseiras.....	57

Metodologia.....	57
4. Orações/Curas	63
Metodologia.....	64
a) Aberto.....	65
b) Ar	80
c) Oração para curar bebés tomados da lua.....	92
d) Bucho encostado ou infustado.....	93
e) Cobro / Cobrão / Cobradura / Cobrelo / Vespeiro.....	97
f) Constipações.....	102
g) Erisipela/Esipela/Ziplão	104
h) Impigem	113
i) Íngua	114
j) Inveja/empreso.....	116
k) Mau-olhado ou quebranto (quando o enfermo é uma criança)	124
l) Outras:	145
m) Porco.....	148
n) Pragas	150
o) Queimaduras.....	152
p) Umbigo.....	153
q) Zagre	154
VIII. A dimensão cultural actual deste tipo de crenças	155
IX. Verdadeira dimensão deste tipo de crenças enquanto produto cultural	157
X. Conclusão	159
XI. Bibliografia	161
XII. Anexos	173
5. Orações de Portugal Continental.....	173

a) Região Centro (Beira Baixa) – Sub-região Pinhal Interior Norte - Concelho de Pampilhosa da Serra - Freguesia de Portela do Fojo	173
b) Região Centro (Beira Baixa) – Sub-Região Beira Interior Sul - Castelo Branco	175
c) Região Norte – Sub-região Tâmega - Concelho de Felgueiras	182
d) Região Norte – Distrito do Porto - Concelho de Gondomar – Freguesia de Rio Tinto.....	185
e) Região Norte – Sub-região Grande Porto – Concelho de Matosinhos - Freguesia de Leça da Palmeira.....	186
f) Região Norte - Sub-região Ave - Concelho de Cabeceiras de Basto - Freguesia de Vilar de Cunhas – Lugar de Uz	189
g) Região Norte - Sub-região Alto Trás-os-Montes - Concelho de Boticas - Freguesia de Covas do Barroso	191
h) Região Norte – Sub-região do Minho-Lima - Distrito de Viana do Castelo – Concelho de Ponte de Lima – Freguesia de Estorãos.....	195
6. Orações de Inglaterra.....	197
7. Orações de França.....	198

I. Introdução

A selecção de um tema para desenvolver de forma escrita, para posterior defesa em prova pública, implica, sempre, uma escolha ponderada e parcial, uma vez que esta envolve correr riscos.

A temática seleccionada prende-se com uma figura popular de devoção, que faz parte da psicologia colectiva dos madeirenses e que se manifesta numa união entre o profano e o sagrado de cariz popular.

A dissertação que será apresentada surgiu a partir de um trabalho feito durante a Licenciatura em Ciências da Cultura, para a Cadeira Sociedade e Cultura Madeirense, leccionada pelo Professor Doutor Adriano Ribeiro, sobre “Feiticeiras”, e posterior retoma do tema da cultura e tradições religiosas/profanas da Ilha da Madeira para a unidade curricular de Matrizes da Cultura Ocidental, sob orientação do Professor Doutor Sílvio Fernandes.

Deste modo, tratando-se de um tema interessante pelo qual a mestranda tem um carinho particular, em parte devido à componente folclórica a ele associado, – pese embora a consideração de que lhe estão subjacentes aspectos ainda não aceites pela sociedade actual – julgou-se ser pertinente efectuar uma compilação dos documentos escritos sobre o tema das curas/rezas, bem como sobre algumas crenças/crendices populares.

Para que sejam atingidos os objectivos desta investigação, o trabalho será iniciado a partir de uma breve análise sobre a História da Madeira, relativamente à qual serão destacados os aspectos que terão influenciado a cultura popular. Também será abordada sucintamente a temática das influências externas que marcaram a chamada cultura tradicional madeirense.

II. Pressupostos teóricos e metodológicos

A sociedade actual sente a necessidade de valorizar a cultura e vivências tradicionais/populares, tudo o que seja específico de um povo. Este interesse expressa-se pela tentativa de recuperação destas tradições, seja através de estudos, recolhas e publicações, seja pelo empenho de as recriar e, se possível, de as institucionalizar como património.¹

Podemos, sobre este aspecto, referir que, em 18 de Abril de 2010, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), lançou o tema "Património Rural/Paisagens Culturais", tendo a Madeira participado no evento através da Direcção de Serviços do Património Cultural (DSPC) da Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC), apresentando uma exposição intitulada "Património Imaterial – Recolhas dos anos 70". António Aragão e Artur Andrade foram os responsáveis pelo levantamento de testemunhos orais onde se registaram práticas, expressões e conhecimentos tradicionais, colhidos em diferentes lugares e contextos da Região Autónoma da Madeira.

Presentemente, a Associação Xarabanda, desenvolve um projecto com o qual pretende preservar a memória da cultura imaterial do povo madeirense. Trata-se do Cancioneiro Popular de Tradição Oral Madeirense, que será editado no ano de 2011. Este cancioneiro reúne uma série de recolhas de canções populares, realizadas junto da população, comumente, mais idosa.²

Outras tentativas de manter as tradições no quotidiano estão bem expressas nos festivais de folclore que acontecem um pouco por toda a Ilha, particularmente durante os meses de verão. Se tivermos em consideração que o folclore é uma "*comemoração do passado, mas farol, orgulho, compreensão do presente e projecção do futuro (...)*"³, podemos inferir que é uma criação do povo para o povo, onde se reflecte o espírito colectivo e a arte etnográfica.

¹Cf. <http://www.unesco.pt> [Consultado em 31-05-2010].

²In "5 sentidos", Diário de Notícias de 08 da Agosto de 2010, versão digital disponível em: <http://www.dnoticias.pt> [Consultado em 18-08-2010].

³In SANTOS, Teresinha, "Religiosidade Popular e Folclore", *Revista Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p.12.

A vitalidade da cultura tradicional é uma preocupação da política cultural que, na tentativa de defender e de conservar este bem, se empenha na organização de festividades, com o objectivo primordial de dar a conhecer as manifestações de cariz popular são o objectivo primordial.

O património imaterial é considerado pelas instituições tão ou mais importante do que o material, uma vez que as novas gerações não se encontram despertadas para a realidade e existência de uma herança cultural não física, pese embora a utilidade que esta herança terá na união e consolidação das diferentes gerações. E será neste sentido que se pode entender a opinião de Conceição Andrade, quando fala da importância d' "*O reconhecimento dos usos, costumes e tradições de um povo, favorece o relacionamento entre gerações, perpetuando-os num novo contexto histórico (...)*"⁴

Parte importante do estudo que, a este nível, teria de ser feito, foi levada a cabo por investigadores como António Aragão e Artur Andrade que contactaram curandeiras sobre curas e tratamentos alternativos. Estes registos foram gravados e posteriormente passados a escrita.⁵

Uma vez que as curandeiras já não se inscrevem com tanta importância no imaginário tradicional como antigamente, e porque sofrem também com os estigmas da sociedade e com a crença de que estão ligadas ao oculto e a rituais pagãos,⁶ na presente dissertação será utilizada a metodologia de recolher e tratar informação que se encontra dispersa em diversas publicações existentes nas bibliotecas da Região Autónoma da Madeira.

⁴In "Editorial", *Revista Folclore*, Julho 2000, p.5.

⁵Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade nos anos 70 do séc. XX, com o apoio da Junta Geral, e que se encontra nos arquivos da Direcção de Serviços do Património Cultural da Direcção Regional dos Assuntos Culturais. As entrevistas foram transcritas das fitas magnéticas originais para suporte informático com o apoio do Centro de Multimédia da Direcção de Serviços de Tecnologias Educativas – DRE.

⁶Cf. TRINDADE, Ana Cristina Machado, *A moral e o pecado público no Arquipélago da Madeira na segunda metade do séc. XVIII*, 1999, p. 101 a 108.

III. Enquadramento histórico

Durante a expansão portuguesa no século XV, foi descoberto ou reconhecido o Arquipélago da Madeira no ano de 1418/1419. A sua localização estratégica e o condicionalismo político da competição luso-castelhana pelo domínio do Atlântico, com a consequente facilitação do comércio com Marrocos, levaram a que fosse, logo no ano seguinte, colonizada por iniciativa de João Gonçalves Zarco e por ordem do Infante D. Henrique.

Foi, assim, a primeira das ilhas do Atlântico a merecer uma ocupação efectiva por parte dos colonos europeus. Para que o povoamento se efectivasse, foram propiciadas todas as condições necessárias à habitação condigna por parte dos colonizadores, uma vez que, embora a ilha se encontrasse abandonada, possuía riquezas naturais como madeira, para a edificação de habitações e construção naval, água para a agricultura, e animais (aves e peixes) para a alimentação.

O grupo que chegou ao Funchal na companhia de João Gonçalves Zarco e sua família era composto por 14 elementos da pequena nobreza, sendo os restantes gente das classes sociais mais baixas, entre elementos do povo e antigos presos das cadeias do Reino, a quem se destinavam as tarefas mais físicas, humildes e ingratas.⁷

Após o povoamento e consequente desenvolvimento económico, a ilha, pela sua localização geográfica, tornou-se o porto de passagem mais importante quer para Oriente quer para Ocidente, como afirma Alberto Vieira:

“Como corolário destas circunstâncias a Madeira firmou-se no século XV como um centro importante nas navegações e descobrimentos no Atlântico Oriental. O rápido surto de desenvolvimento económico e o empenho dos principais povoadores em dar continuidade à empresa de reconhecimento do Atlântico reforçaram a posição da ilha através dos serviços prestados pelos colonos madeirenses.”⁸

O facto de ser uma localidade em expansão comercial e ponto de paragem de navios com vários destinos levou a que, no Funchal, circulassem, constantemente, e pelas mais

⁷Cf. SERRÃO, Joel: *Temas Históricos Madeirenses*, 1992, p. 12.

⁸In VIEIRA, Alberto, *As Ilhas Atlânticas - Para uma visão dinâmica da sua História*, p. 4, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/islas.pdf>, [Consultado em 02-02-2009].

variadas razões, estrangeiros.⁹ Alguns vieram com o propósito de permanecer. Eram sobretudo mercadores judeus, genoveses e venezianos, que procuravam, nesta nova terra, a possibilidade de trocas comerciais vantajosas,¹⁰ e escravos e prisioneiros de guerra que contribuíam com a sua mão-de-obra para o esforço agrícola.¹¹

Não foi, porém, a economia a única responsável pela miscelânea de culturas e identidades que passaram pela ilha. A sua beleza natural e característica, bem como as particularidades climatéricas,¹² influenciou a vinda de cientistas, escritores, pintores, médicos, enfermos ou simplesmente viajantes que faziam escala na ilha, antes de continuar o seu itinerário. O clima foi, de facto, um dos principais atractivos para uma estadia mais demorada por parte dos estrangeiros, uma vez que diziam possuir características medicinais.¹³ Foi, de resto, o turismo terapêutico que ajudou a recuperar a economia regional aquando das crises do comércio do açúcar¹⁴ e, posteriormente, da vinha,¹⁵ uma vez que muitos dos estrangeiros enfermos ou familiares e amigos se haviam fixado na Ilha e desenvolvido outras indústrias como o bordado¹⁶ e a tapeçaria.¹⁷

⁹Cf. SILVA, António Marques, *Passaram pela Madeira*, 2008, p. 11.

¹⁰Cf. VIEIRA, Alberto, "As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI", in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p. 35.

¹¹Cf. *Id*, *Minorias Étnicas e Religiosas na Madeira*, Actas do Curso de Inverno 2002, 2003, p. 184.

¹²Cf. SARMENTO, Alberto Artur, *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*, 1936, p. 21.

¹³Cf. VIEIRA, Alberto, *Descobrir o Atlântico nos séculos XVIII e XIX*, p. 9, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/descobriratlantico.pdf> [Consultado em 02-02-2009].

¹⁴ O ritmo de crescimento da cultura do açúcar começa a diminuir a partir de finais do séc. XV, princípio do séc. XVI. Após a crise na comercialização entre 1497 e 1499, foi a concorrência que, a partir de 1516, levou a um abandono dos canaviais. Cf. VIEIRA, Alberto, *As Ilhas. As Rotas Oceânicas*, p. 33 a 34, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/ilhasrotas.pdf> [Consultado em 02-02-2009].

¹⁵ "A crise do comércio do vinho da Madeira começa a sentir-se em 1815, tornando-se evidente entre 1819 – 1823, dominando a esfera de circulação e alarga-se a partir de 1837 à produção, definindo o quadro típico do período de declínio do vinho." In *Id*, "Crise", *Breviário da Vinha e do Vinho na Madeira*, 1991, p. 43 a 47.

"O oídio e a filoxera foram os principais agentes destrutivos da vinha na segunda metade do século XIX. (...) In *Id*, *A Vinha e o Vinho na História da Madeira, séculos XV a XX*, 2003, p.126 a 137.

¹⁶ "Os estrangeiros que escreveram acerca da Madeira nos princípios do segundo quartel do século XIX não se referem à indústria dos bordados, o que parece significar que ou ela não existia a esse tempo ou não tinha ainda importância alguma na ilha. Em 1850 apareceram alguns bordados madeirenses numa exposição industrial que se realizou no Funchal, mas só entre 1854 e 1856 é que esses trabalhos principiaram a ser feitos em larga escala na ilha, devido à procura que já então tinham nos mercados de Inglaterra, onde Miss Phelps os fizera conhecer por intermédio de algumas pessoas das suas relações." In SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário Madeirense*, Fac- Símile da edição de 1940-1946, 1998, Vol. I, p. 162 a 165.

¹⁷ "Na Madeira, esta transformação do saber artesanal numa actividade economicamente rentável deve-se a uma família de origem alemã: os Kebeken. Paul Max Viebeken, em 1938, resolve criar um *atelier* de tapeçaria, procurando, deste modo, diversificar a produção da fábrica de bordados que possuía no Funchal.

Desta forma a Ilha da Madeira apresentou-se, desde o seu povoamento, como um espaço de troca. A sua localização levou a um desenvolvimento comercial considerável e notoriedade nos mercados externos, tornando-se, assim, apetecível para comerciantes de toda a Europa¹⁸. Foram a presença destes comerciantes, as trocas sociais e linguísticas que moldaram a cultura tradicional madeirense. Uma cultura em constante transformação e evolução desde inícios do século XV.

A Identidade do povo madeirense foi desde início moldada pela sua história, comerciantes e pacientes. A ilha acolheu gente de várias nações, com culturas variadas, que de uma forma ou outra deixaram a sua marca. Por essa razão, no capítulo seguinte, serão tratados os tópicos da presença e da influência de estrangeiros na sociedade madeirense.

Este pequeno *atelier* cresce tanto em volume de negócios como em números de trabalhadoras, face ao sucesso da sua produção. Várias são as firmas que se interessam por esta actividade e, a par com a dos bordados, ocupam um lugar de destaque na vida económica da Madeira.” In <http://guia-madeira.net/madeira/artesanato/tapeçaria.html> [Consultado em 05-08-2011].

¹⁸Cf. VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p. 44 a 45.

IV. Povos, Culturas e Religiões

“Todos os povos do mundo têm a sua cultura que se manifesta através de actividades que julgamos imprescindíveis para a manutenção e perpetuação da espécie ao longo dos tempos.”¹⁹

1. Os Povos na Madeira

O madeirense dos dias de hoje não tem noção da quantidade de povos que influenciaram o seu quotidiano. As dificuldades para proceder à ocupação das ilhas foram inúmeras, pelo que, inicialmente, os colonos eram unicamente portugueses do Continente, embora de vários estratos sociais, incluindo presidiários. Todos tinham em comum a falta de haveres²⁰.

Cerca de trinta anos após o início do povoamento a população madeirense era de cerca de novecentos homens. Quarenta anos mais tarde, a população oscilava entre os quinze e os dezoito mil habitantes.²¹

Este notório incremento populacional deveu-se, em grande parte, ao desenvolvimento da economia, nomeadamente do cultivo e comércio do açúcar, que contribuiu ainda para a chegada e permanência de todo o tipo de raças, etnias e religiões. Foi, de resto, a Ilha da Madeira a primeira a despertar a atenção de mercadores estrangeiros.²²

O comércio da cana sacarina, planta que chegou ao mediterrâneo por intermédio dos árabes, foi desenvolvida na Madeira por, para além das gentes locais, judeus, genoveses, venezianos, flamengos e franceses enquanto mercadores e comerciantes. Além disso para que o produto tivesse um preço competitivo, tornou-se crucial, a disponibilização de um grande número de mão-de-obra, preferencialmente barata. A expansão marítima permitiu o fácil acesso aos africanos, sendo a Madeira a pioneira na sua valorização enquanto força de

¹⁹In CAPÃO, António, *Cultura popular em terras de Aveiro*, p. 19 e 20, citado em “Literatura oral e tradicional”, *Folclore*, Julho 2005, p. 6 e 7.

²⁰Cf. SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *op. cit.*, Vol. II, p.163 a 164.

²¹Cf. SERRÃO, Joel, *op. cit.*, p. 23.

²²Cf. VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p.44 a 45.

trabalho escravo. Estes eram maioritariamente constituídos por negros, guanches ou mouriscos.²³

A estrutura social dos sécs. XV/XVI era composta por madeirenses trabalhadores agrícolas e uma burguesia, na sua maioria, constituída por genoveses e judeus.

Foi por volta de 1460 que surgiram os primeiros escravos na Madeira e a sua permanência acompanhou a progressão da exploração da cana sacarina. No entanto, a partir de meados do séc. XVI com a concorrência dos mercados da América Latina, a quantidade de mão-de-obra escrava começa, gradualmente, a diminuir.²⁴ Continua, todavia, a ser utilizada nos serviços domésticos, nas actividades comerciais, nas fancarias e tavernas e na construção civil, como fonte de receita pecuniária.²⁵

A mão-de-obra escrava era constituída por prisioneiros de guerra resultantes das conquistas portuguesas ultramarinas. Uma vez que as Ilhas Canárias faziam parte expedições lusas, também encontramos referência à assídua permanência na ilha de escravos canários, os guanches, a partir do século XV, a desempenhar funções de pastores ou mestres de engenho.²⁶ Estes não eram, porém, bem aceites pelos funchalenses, porque acreditavam que eram violentos e ladrões. Por essa razão exigiram a sua expulsão, o que se veio a concretizar por volta de 1503.²⁷

Os escravos mouriscos foram o produto da defesa madeirense das praças marroquinas e fizeram parte do quotidiano madeirense durante o século XVI, apesar de viverem em núcleos restritos, conhecidos por “mourarias” ou “bairro de mouros”. Eram mais trabalhadores que os restantes escravos, sendo, por essa razão, mais solicitados pelos senhores.²⁸

²³Cf VIEIRA, Alberto, *Minorias Étnicas e Religiosas na Madeira*, Actas do Curso de Inverno 2002, Coimbra, 2003, p. 179 a 180.

²⁴Cf. SERRÃO, Joel, *op. cit.*, p. 23.

²⁵Cf. PETIT, Eduarda M. S. Gomes, *A Madeira na Primeira Metade de Setecentos*, 2009, p. 78 a 82.

²⁶Cf. SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *op. cit.*, Vol. II, p. 164 a 168.

²⁷Cf. VIEIRA, Alberto, *Minorias Étnicas e Religiosas na Madeira*, Actas do Curso de Inverno 2002, Coimbra, 2003, p. 186 a 187 e VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p.47 a 49.

²⁸ Cf. SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *op. cit.*, Vol. II., p. 408 a 409 e VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p. 49 a 50.

Vindos da Costa de África, os escravos negros da Guiné contribuíram para o arroteamento de diversas clareiras abertas na ilha pelos primeiros colonizadores.

A Madeira esteve envolvida no processo de reconhecimento, ocupação e defesa do continente Africano devido à sua proximidade estratégica. O Porto do Funchal era, portanto, de extrema importância, para o comércio ao longo da costa Africana, e um ponto de passagem obrigatório. Esta obrigatoriedade facilitou o acesso a uma mão-de-obra importante e necessária. No entanto, a Madeira não era unicamente receptora de escravos, mas, sobretudo, parte interveniente no comércio activo deste negócio.²⁹

Do outro lado da sociedade estavam os empresários. Uma das comunidades presentes na Ilha era os sefarditas, empresários judeus, que, graças à sua importância para o desenvolvimento económico da Madeira, gozavam de condescendência não só dos locais como da Inquisição, apesar de, durante a permanência na Região, a maior parte deles “se ter disfarçado” de cristãos.

Os ingleses foram a comunidade estrangeira que conquistou, a partir do séc. XVII, um lugar relevante no Arquipélago, nomeadamente no comércio do vinho. Foram os comerciantes que deram origem às fundações do futuro Império Britânico, tendo chegado mesmo a dominar as importações.³⁰

A sua instalação foi profundamente colonial, transferindo para a Ilha os seus usos e costumes, sem, porém, se terem misturado com sociedade insular. Instalaram-se, confortavelmente, na paisagem madeirense, recriando-se com as suas quintas nas encostas do Funchal.

Nos finais do século XVIII e no princípio do XIX, estavam criadas as condições para a fixação efectiva da colónia inglesa. O interesse britânico não era unicamente comercial, pois pretendia ocupar definitivamente a Ilha e controlar toda a sua economia.

²⁹ Cf. VIEIRA, Alberto, “Escravos com e sem açúcar na Madeira”, in: Vários: *Escravos com e sem açúcar*, Actas do Seminário Internacional de 17 a 21 de Junho de 1996, 1996, p. 93 a 102 e VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 2001, p. 50 a 52.

³⁰ *Curso de História e cultura da Madeira de Rui Carita*, Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, UMa, 2008, p.8.

A Madeira foi ocupada duas vezes por forças britânicas. A primeira, em Julho de 1801, na sequência da Paz de Lunéville, durante seis meses, como preparação para uma possível manobra estratégica, face ao aumento da influência francesa na Península Ibérica. A segunda, alguns anos depois, e durante sete anos, com a entrada em Portugal das forças francesas do general Junot.³¹

A permanência de tropas britânicas no Funchal teve influência nas relações entre a Ilha e a Coroa Portuguesa que sempre tiveram em conta os interesses dos britânicos.³²

Ainda hoje, na genealogia madeirense os apelidos estrangeiros cruzam-se com os portugueses. É esta a comunidade que mais peso tem na nossa economia, e é quase sempre inglês o turista, mesmo que seja alemão, francês ou de outra nacionalidade.

A presença de comunidades estrangeiras, nomeadamente da alemã, acentuou-se nas duas últimas décadas do séc. XIX, principalmente pela procura do clima ameno para cura de tísica pulmonar. Muitos dos empreendedores e comerciantes desta nova fase surgiram precisamente do grupo que procurava a madeira para fins terapêuticos.

As casas de bordados alemães surgiram na praça madeirense por volta de 1880. Causaram um impacto na vida social dos madeirenses ao transformar a tradição do bordado, numa actividade de dimensão industrial.

Agora, a linha branca, e não azul, desenhava motivos previamente estampados, não deixando tempo para fantasiar, pois o objectivo era a comercialização. Deixaram de ser feitos nos lares, na companhia de familiares e amigas, para serem confeccionados em grande escala nas fábricas da capital. Deixou de ser sobretudo uma ocupação dos tempos livres ou horas roubadas às tarefas diárias, para se tornar numa profissão cansativa e exigente.

Os alemães trouxeram o desenvolvimento e deram trabalho a muitas mulheres, durante o seu domínio da indústria do bordado entre 1880 e 1916. Proporcionando, para muitas, a possibilidade de sair do “campo” para vir para cidade, permitiram-lhes ser remuneradas.

³¹ *Ibid*, Aula 7 “Da crise do liberalismo português à implantação da República”, Ponto 8 “As ocupações inglesas de 1801 e de 1807 a 1814”, p. 1 a 3.

³² BERNARDES, Lilia, “A Ocupação da Madeira pelos Ingleses”, in Diário de Notícias de 12 de Maio de 2007, versão digital disponível em http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=657395 [Consultado em 09-05-2011].

Deixaram, por isso, de depender dos maridos e dos pais, ganhando dinheiro e tornando-se, segundo as circunstâncias socioculturais da época, mais autónomas.

Apesar de terem contribuído para a emancipação da mulher ao permitir que uma tarefa quase doméstica se tornasse num meio de subsistência, o objectivo principal dos comerciantes do bordado era o lucro, verificando-se que os vencimentos que pagavam eram injustos, quando comparados com as horas de trabalho e com o grau de exigência e precisão que o mesmo exigia.

A rotina diária familiar sofreu, inevitavelmente, consequências com a ausência das mulheres durante o horário laboral. As precárias condições de trabalho faziam com que as bordadeiras adoecessem frequentemente. Todos estes condicionalismos aliados ao facto de se pretender uma produção massiva provocaram na indústria dos bordados a perda de qualidade do bordado e à consequente banalização.³³

³³Cf. SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *op. cit.*, Vol. I, p. 162 a 165.

a) O Fenómeno “Cultura”

A cultura surge dos hábitos da vida em comunidade, sendo passada de geração em geração, por processos cumulativos e evolutivos. Pode evoluir dentro da comunidade ou por contacto com outras culturas. Há ainda a hipótese de que tal fenómeno possa ser sujeito às leis do esquecimento ou à substituição de hábitos ou costumes.

Para compreender convenientemente estes processos, ter-se-á que referir que a dinâmica cultural divide-se em três factores: enculturação, aculturação e desculturação.

A enculturação consiste no processo educativo contínuo através do qual o indivíduo apreende os elementos da sua cultura quer seja informalmente, no meio familiar e social, quer formalmente, através de instituições, como por exemplo a escola. Resumidamente, trata-se da aprendizagem da cultura por um elemento dessa mesma cultura.

A aculturação ocorre em simultâneo com a enculturação, podendo até sobrepor-se. Trata-se da aprendizagem de elementos culturais de outras culturas que não a sua por um indivíduo³⁴. Pode ocorrer a assimilação que é a aceitação e a inclusão de elementos da cultura externa própria ou pode haver resistência e selectividade da cultura receptora. Este processo é o resultado das relações culturais, que podem ser a simbiose cultural (quando há coexistência, não ocasional ou temporária, entre duas ou mais culturas); a osmose cultural (quando duas culturas diferentes têm alguns elementos culturais comuns, seja por alianças matrimoniais, trocas comerciais ou guerras); a fusão cultural (quando elementos culturais de duas ou mais culturas se fundem dando origem a outra cultura); a segregação ou *apartheid* (quando há uma recusa política de aculturação, na tentativa de deter a dinâmica social) e o sincretismo (quando elementos religiosos de sistemas diferentes se fundem dando origem a novos elementos). Muitas destas situações geralmente ocorrem durante actividades missionárias, trocas comerciais, colonialismo e neocolonialismo.

Por fim, o processo de desculturação consiste, basicamente, na perda ou destruição do património cultural, podendo ser consciente ou inconsciente, total ou parcial.³⁵

³⁴Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001, Vol. I, p. 75.

³⁵In <http://criarmundos.do.sapo.pt> [Consultado em 27-08-2010].

b) Influências na cultura madeirense

A Ilha foi, como já referimos, habitada por um considerável número de estrangeiros em simultâneo, que, independentemente do tempo que cá permaneceram, desempenharam, durante a sua estada e segundo os próprios, “*um papel importante na vida pública da cidade*”.³⁶

Fosse por uma evolução civilizacional semelhante ou por serem comerciantes afastados da sua cultura, parte dos estrangeiros (mercadores italianos, flamengos, franceses e castelhanos) integrou a sociedade madeirense durante a permanência na Ilha, e em muitos casos por mais do que uma geração.³⁷

Por outro lado, os povos que mais marcaram e influenciaram a sociedade madeirense foram os Ingleses e os Alemães, principalmente por serem mais desenvolvidos, pela capacidade económica e distanciamento social. Fizeram-no, porém, de formas distintas.

Os britânicos mantiveram-se estrangeiros, preservaram os costumes e a língua, criando uma sociedade à parte.³⁸ Foram determinantes na cultura e comércio do vinho, mas, para seu benefício, não tiveram qualquer consideração pelas necessidades ou interesses do povo quando controlaram as importações.³⁹

Também os alemães, talvez pela sua própria idiossincrasia, não demonstraram qualquer tipo de interesse na criação de um relacionamento social. Não havia qualquer afinidade entre estrangeiros, enquanto patrões, hóspedes ou pacientes, e os madeirenses das classes inferiores ou escravos. Os estrangeiros das classes sociais mais altas que viviam na Ilha, fosse qual fosse a razão, tentavam preservar a sua identidade ao relacionar-se com pessoas

³⁶In WILHELM, Eberhard Axel "Seis meses e meio na Madeira (1854-1855). Os diários da governanta alemã Augusta Werlich", *Islenha*, nº 16, Jan. – Jun.1995, p.64.

³⁷*Curso de História e cultura da Madeira de Rui Carita*, Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, Os comerciantes ingleses no século XVIII, UMa, 2008, p.7.

³⁸*Ibid*, Aula 7 “Da crise do liberalismo português à implantação da República”, Ponto 11 “A sociedade madeirense no século XIX”, “Elites e Classes Sociais: o quase domínio da burguesia inglesa”, p. 8 a 9 e SILVA, António Marques, *Passaram pela Madeira*, 2008, p. 31.

³⁹*Ibid*, Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, “A Economia e Sociedade da Madeira no século XVIII”, p.4.

do mesmo nível social e de preferência da mesma nacionalidade, formando, assim, espécies de colónias.⁴⁰

Não se verifica, por isso, ter ocorrido, aparentemente, qualquer valorização da cultura regional, nem dos costumes tradicionais. Constatamos que não havia grande interesse, por parte dos estrangeiros, em conhecer a verdadeira cultura madeirense. Vinham de passagem ou na esperança de fazer fortuna, aprendiam a língua, mas não a cultura, não demonstrando interesse em conhecer identidade do povo madeirense dos finais do séc. XIX.⁴¹

Embora existam vários livros e catálogos escritos e publicados por estrangeiros, podemos constatar pelos títulos das publicações que os temas abordados pelos alemães são o comércio, os produtos alimentares e agrícolas, os animais, a vegetação, o clima e até a orografia, mas muito poucos falam sobre o povo e a sua cultura.⁴² Por outro lado, os anglo-saxónicos, segundo Silva A. M. (2008), fazem referência à sociedade madeirense da época, descrevendo e tecendo juízos de valor sobre as vestes, a alimentação, a Igreja, a educação, a agricultura, a mentalidade e ao tratamento de que são alvo os ingleses após a morte⁴³.

Este tipo de relação vai alterar-se com a procura, nos finais do século XVIII, de outras actividades económicas, entre as quais se destaca o turismo em relação ao qual desempenha papel determinante a família Reid.⁴⁴ Esta nova actividade deveu-se à procura para a cura da tísica pulmonar, uma vez que a presença cada vez mais assídua e frequente de doentes que levou à necessidade de construir infra-estruturas de apoio, nomeadamente sanatórios, hospedagens e agentes que serviam de intermediários.⁴⁵

Se, numa primeira instância, a aposta era feita apenas pela promoção e comercialização de produtos relacionados com as capacidades terapêuticas da Ilha e depois pela sua beleza,

⁴⁰Cf. WILHELM, Eberhard Axel "Seis meses e meio na Madeira (1854-1855). Os diários da governanta alemã Augusta Werlich", *Isleña*, nº 16, Jan. – Jun.1995, p. 58 a 71.

⁴¹SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *op. cit.*, Vol. I, p. 419 a 421.

⁴² Cf. VIEIRA, Gilda França, e FREITAS, António Aragão de, *Madeira- Investigação Bibliográfica*, 1981-1984, Vol II., p. 210 a 259 e Vol. III, p. 102

⁴³Cf. SILVA, António Marques, *op. cit.*, p. 216 a 225.

⁴⁴*Curso de História e Cultura da Madeira de Rui Carita*, Aula 8 "Da implantação da República às crises da 1ª Grande Guerra", Ponto 8 "As indústrias do Turismo e a transformação do Funchal", Uma, 2008, p. 4.

⁴⁵Cf. VIEIRA, Alberto, *Descobrir o Atlântico nos séculos XVIII e XIX*, p. 9 - 13, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/descobriratlantico.pdf> [Consultado em 02-02-2009].

actualmente foi escolhida a estratégia de oferecer uma Madeira mais cultural, procurando satisfazer outro tipo de turismo.

2. As Religiões

“A partir do momento que Adão e Eva, plenos do seu orgulho por se assemelharem aos deuses, saíram do Paraíso, tornaram-se pais de toda a Humanidade e da vida caída em desgraça pelo pecado (...).”⁴⁶

As religiões sempre desempenharam um papel histórico-cultural importante nas sociedades. Falando do caso português em particular, foi a inquebrável fé e a esperança na recompensa divina que permitiram quebrar barreiras, superar desafios, medos e impossibilidades. A convicção na cruzada por amor a Cristo e a crença na protecção celestial foram a base da construção do mundo atlântico. A missão de destruir os infiéis e levar o baptismo além-mar tornou o povo Luso o orgulhoso emissário de Deus, levando-o a quebrar barreiras e a sedimentar a identidade religiosa portuguesa continental, insular e ultramarina, bem como das suas colónias. Este processo de cristianização teve por objectivo influenciar o mundo muçulmano e garantir uma supremacia religiosa no novo espaço geopolítico e religioso, tendo esse sido o argumento para obter a “bênção” Papal de apoio à estratégia de expansão.

Todavia a cruzada lusa de pretender dar a conhecer a fé redentora aos infiéis, a fim de unificar e manter uma só religião, acabou por resultar, passados tantos séculos, numa realidade que ficou aquém das expectativas, notando-se, actualmente, que existe uma diversidade religiosa inquantificável, desde ateus a beatos, passando por “seitas”⁴⁷ e crenças. Existem várias formas distintas de religiões, bem como religiões com elementos comuns. Historicamente sempre coexistiram religiões apesar das expedições e alianças entre o Estado e a Igreja para tentar converter o resto do mundo, unificando religiões e impondo um único Credo e Deus.

A maior parte das religiões fala de amor, tolerância e de fazer o Bem ao próximo. No entanto, o fanatismo e a intransigência da palavra de Deus leva a que, em defesa da Fé, se

⁴⁶ MIEIRO, Elisabete Maria, *A Atlantização Mítica do Éden, Novos Mundos, Novos Paraísos*, 2001, p. 21.

⁴⁷ O conceito “seita” é aqui utilizado para designar os novos movimentos religiosos.

cometam as maiores atrocidades ao ser humano⁴⁸. A liberdade, a tolerância, o respeito pelo próximo e pelo próprio, a adaptação às sociedades e culturas actuais deveriam ser a base de qualquer manifestação religiosa⁴⁹ ou até mesmo à falta dela.⁵⁰

⁴⁸ De acordo com Girard, em Filorano et Prandi (1999:271) “ (...) o centro de qualquer religião é o sacrifício, entendido como ritualização preventiva das tendências agressivas que surgem em todas as sociedades. (...) O dispositivo do sacrifício é, pois, essencial para impedir a autodestruição da sociedade.”

⁴⁹ **Religiosos/Crentes** – “Relativo ao reconhecimento de um poder superior, sobre-humano, do qual o homem depende”; “relativo ao sistema estruturado de doutrinas, crenças, regras e práticas de uma determinada comunidade de pessoas que institui um determinado tipo de relação com a divindade.” *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001, Vol. II, p. 3175.

Algumas religiões são teístas outras são deístas, panteístas, etc. Pode ser dividido em Monoteísmo (um só deus), politeísmo (vários deuses) e henoteísmo (vários deuses, mas um supremo a todos). In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Te%C3%ADsmo> [Consultado em 17-09-2010].

Teísmo - Do grego “*théos* (“deus) é a “concepção filosófica e religiosa que defende a existência de um Deus único, criador do Mundo.” Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001, Vol. II, p. 3529.

Não se trata de uma religião, mas de uma designação para melhor diferenciar os tipos de religiões. Algumas religiões são teístas outras são deístas, panteístas, etc. Pode ser dividido em Monoteísmo (um só deus), politeísmo (vários deuses) e henoteísmo (vários deuses, mas um supremo a todos). In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Te%C3%ADsmo> [Consultado em 17-09-2010].

⁵⁰ **Não religiosos** - São aqueles que não acreditam em deuses ou não possuem qualquer filiação religiosa, encontram-se divididos entre sem religião, ateístas, agnósticos ou deístas. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sem_religi%C3%A3o [Consultado em 17-09-2010].

Sem religião - Os sem religião são, literalmente, aqueles que não possuem qualquer filiação religiosa, apesar de poderem possuir uma cosmovisão religiosa.

Ateístas - Os ateístas definem-se pela ausência de crença em divindades ou deuses. Com origem grega (“*atheos*”), a sua significação é literal, ou seja, é constituído pelo prefixo de negação “*a-*”, e pela palavra “*theos*” (deus). Porém, foi no século XVIII que surgiram os primeiros ateus com a designação que hoje usamos, isto é, o ateu é alguém que prefere a objectividade aos dogmas. Os ateus são cépticos e recusam-se a acreditar irracionalmente pela fé. Acreditam que as concepções de divindades teístas são essencialmente auto-contraditórias, o que consequentemente impediria a sua existência. Podem, ainda os ateus rejeitar a ideia de um deus por não concordar com a sua ideologia. Cf. CANCIAN, André Díspore, *Ateísmo & Liberdade: Reflexões sobre o Homem, o Mundo e o Nada*, 2002, p.19.

Agnósticos - Os agnósticos admitem a existência de deus, mas afirmam que o absoluto é inacessível ao espírito humano. Derivado da palavra grega “*agnostos*”, formada com o prefixo de negação “*a-*” e “*gnostos*” (conhecimento). O agnóstico é, portanto, aquele que não invalida a existência de um ser sobrenatural, mas não acredita que os humanos tenham capacidade para provar ou compreender esta existência se a houver. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001, Vol. I, p. 125

Deístas - Os deístas acreditam na existência de um deus criador e universal que se revela através da natureza, mas negam os cultos e dogmas. Defendem o conhecimento de Deus baseado na natureza e na razão, não necessitando de pastores, padres ou rabinos. Precisam apenas do senso comum e da criação para contemplar. No deísmo não existem superstições, negativismo e medo que são característicos das religiões “reveladoras” como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Cf. POWELL, Doug, *Guia Holman de Apologetica Cristiana*, 2009, p.112.

a) Religiões Escatológicas

As religiões escatológicas são aquelas que acreditam no Dia do Juízo Final ou do fim do mundo. A doutrina da maior parte das religiões monoteístas ocidentais afirma que o mundo irá acabar e só encontrarão a salvação aqueles que tenham vivido de acordo com os ensinamentos da sua religião. As religiões politeístas também possuem conceitos de um destino individual após a morte ou um ciclo de renascimentos, havendo algumas que também apresentam a ideia de uma abrupta transformação da situação colectiva da humanidade.

Independentemente do Deus professado, a realidade é que, através dessa fé, os crentes encaminham-se para uma esperança num futuro de redenção individual e final para toda a humanidade, no qual só encontrará a salvação aquele que viver de acordo com os ensinamentos da religião na qual crê.

Cristianismo

É uma religião monoteísta fundada sobre os ensinamentos de Jesus de Nazaré, filho ressuscitado de Deus Pai. A sua doutrina, registada no Novo Testamento, afirma que o Messias foi crucificado e morreu pela expiação dos pecados da Humanidade e pela sua redenção. Ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao Céu onde está sentado à direita de Deus.

Os cristãos acreditam que, após a morte, serão julgados e que, aqueles que viveram de acordo com os ensinamentos e cumpriram os dez mandamentos, terão vida eterna no Céu, ao lado de Deus. Os outros irão para o Inferno, para uma eternidade de tormento e sofrimento a fim de expiarem os seus pecados.

Os cristãos representam cerca de um quarto a um terço da população mundial, o que a torna a maior religião do mundo. Para além disso, é a religião oficial de Estado em vários países.⁵¹

⁵¹ Cf. http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html [Consultado em 17-08-2011].

b) Espiritismo

Segundo a Associação de Divulgadores de Espiritismo em Portugal “*o espiritismo é uma ciência filosófica de consequências morais. Como ciência, investiga os factos espíritas. Como filosofia explica-os. Como ética dá-nos um roteiro moral para as nossas vidas. Pode-se definir como sendo a ciência que estuda a origem, natureza e destino dos espíritos, bem como as relações existentes entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo.*”⁵²

Não se trata de uma religião mas de uma doutrina, uma forma de vida não visível aos olhos do ser humano. Mas que existe, porque há quem consiga ver a parte *oculta*. Destina-se a um restrito número de pessoas que possuem um *dom*, isto é, uma faculdade mediúnica que está relacionada com a evolução das reencarnações anteriores, faculdade esta que todos possuímos e que se desenvolve apenas algumas pessoas.

Acreditam em Deus, na reencarnação e na relação causa/efeito. Os espíritas são sensitivos, assumem-se como videntes e possuem várias faculdades, como, por exemplo, as psicomecânicas, nas quais o espírito pode estar incorporado, conseguindo falar e escrever, com a particularidade de o mesmo corpo poder ser utilizado por duas entidades espirituais distintas; as psicográficas,⁵³ associadas à concentração, à escrita e à incorporação e que são consideradas manifestações alfabéticas; e a xenoglossia,⁵⁴ que corresponde à fala através de línguas desconhecidas espírito, ou seja, possuem a capacidade de servir de intermediários entre o celeste e o mundano.

Todos estes tipos de comunicação revelam a crença de que, após a morte, é dada a possibilidade de regressar à Terra, pese embora o condicionamento de o ser vivo em que reencarnamos ser consequência das nossas acções. Para atingir o grau supremo, temos que

⁵² In: http://adeportugal.org/mambo/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1 [Consultado em 24-03-2011].

⁵³ Segundo a doutrina espírita, a psicografia seria uma das múltiplas possibilidades de expressão mediúnica existentes. Allan Kardec classificou-a como um tipo de manifestação inteligente, por consistir transmissão do pensamento dos espíritos pela escrita, por intermédio de um homem.” Cf. KARDEC, Alan, *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, p. 38 e 82 a 87, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/51029494/8/VIII-Das-relacoes-com-os-Espiritos> [Consultado em 10-04-2011].

⁵⁴ “Acontece entre espíritas tanto na forma falada quanto na escrita, quando o médium recebe uma mensagem de algum espírito e essa mensagem é em algum idioma desconhecido. Quando este fato acontece sem o médium ter consciência do que faz (está em transe), é porque, segundo a doutrina espírita, foi o espírito mensageiro quem lhe revelou. Segundo a doutrina espírita, a xenoglossia também é intitulada de mediunidade poliglota”. In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xenoglossia> [Consultado em 15-06-2011].

passar por provações durante as nossas vidas. Quanto melhor for o indivíduo enquanto ser vivo melhor será a sua evolução pessoal.

A relevância desta ciência para o presente trabalho prende-se com o facto de os seguidores da crença espírita acreditarem em maleitas provocadas pela inveja e proporcionarem àqueles que os procuram tratamentos alternativos através de médiuns que dizem possuir a capacidade de realizar curas de várias espécies dependendo da gravidade. Possuem uma doutrina espírita para conseguir resolver problemas de encosto, de magia, de obsessão, de Karma, entre outros.

V. Religiosidade Popular

“A religiosidade do povo luso era outocrática, buscando intermediários bem próximos e sensíveis para o relacionamento com o sobrenatural, o divino.”⁵⁵

Foi no ano de 1419 que a Ilha da Madeira foi (re) descoberta. A primeira acção religiosa consumada foi a sagração da terra com uma missa, até porque, como é do conhecimento comum, a expansão portuguesa tinha o objectivo primordial de evangelizar os povos. A cerimónia foi celebrada pelos Franciscanos. A estrutura eclesiástica da Madeira foi sendo organizada em função da construção de novas edificações habitacionais e da exploração dos terrenos agrícolas⁵⁶. Um pouco por toda a ilha e nos locais onde havia condições para o povoamento e agricultura eram construídas igrejas.⁵⁷

Aquando da chegada à Madeira e da constatação da inexistência de seres humanos, tornou-se prioritário tornar a ilha habitável e povoada. Com essa finalidade aportaram ao arquipélago portugueses de zonas distintas, com culturas, saberes e tradições diferentes.

A cultura madeirense não deriva somente da portuguesa. A Madeira era ponto de passagem quase obrigatório para os barcos que navegavam no Atlântico. Por cá passaram e permaneceram pessoas de diferentes nacionalidades e estatutos sociais, desde escravos a alta nobreza, com credos, tradições e superstições diversos. Por razões comerciais, de saúde ou lazer, a realidade é que a ilha da Madeira se tornou uma miscelânea de culturas.

Foi da interacção destas crenças e superstições e do isolamento que a condição de ilha subentende que nasceu a cultura tradicional madeirense que nos define e diferencia dos demais portugueses. Apesar da cultura dominante ser a europeia, encontramos vários registos que assinalam a passagem de negros e mouriscos, enquanto escravos, pela ilha.⁵⁸

⁵⁵In GOUVEIA, David Ferreira de, “Santo António no folclore: algumas lendas, costumes e devoções que o tempo levou”, *Isleña*, Nº 6, Jan. - Jun. 1990, p. 21.

⁵⁶Cf. VIEIRA, Alberto, *Folclore e Religiosidade Popular*, p. 1 a 2 – Disponível em <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/folclore.pdf> [Consultado em 10-01-2010].

⁵⁷Cf. SILVA, José Manuel A., *A Madeira e a Construção do Mundo Atlântico (Século XV- XV)*, 1995, Vol. I, p. 118 a 121.

⁵⁸Cf. VIEIRA, Alberto, *Notas Soltas. O Quotidiano Madeirense*, 2002, p. 29, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/2002-quotidiano.pdf>. [Consultado em 01/01/2010].

Pequena em tamanho, a ilha escondia muitos perigos para os que se aventuravam a atravessá-la, pelo que o isolamento era duplo. Assim, em cada povoação nasceu uma interpretação da religião trazida pelos povoadores. Cada povo adaptou aquilo que lhe foi ensinado pela sua cultura, criando, praticando e interpretando a religião de acordo com a sua realidade.

A religiosidade popular apresenta-se de diversas maneiras, desde as festas populares ou arraiais, frequentemente dedicados a santos padroeiros, até aos de manifestação colectiva, como o Natal, o Carnaval e os Santos Populares.

Existem, porém, as crenças e ritos individuais que se manifestam através de Orações Populares (ensalmos, coplas, conjuros, responsos, ladainhas⁵⁹ - cada uma com finalidade específica adequada ao quotidiano), de Lendas e de Milagres, sendo, neste caso, melhor exemplo a devoção a Nossa Senhora do Monte, em que a fé do povo leva a que se façam promessas na esperança de alcançar a graça solicitada.⁶⁰

⁵⁹**Ensalmos** – “Prática que visa curar, por meio de feitiços, benzeduras, rezas, ordinariamente tiradas de salmos.” *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001, Vol. I, p. 1434.

Copla – “Pequena composição poética de carácter popular, geralmente em quadras ou sextilhas em redondilha maior, com rima toante ou consonante.” *Ibid*, p. 968.

Conjuro – “Invocação, imprecação dirigida às forças ocultas e geralmente acompanhadas de artes mágicas, de sortilégios.” *Ibid*, p. 926.

Responsos – “Versículo que se canta ou recita em cerimónias litúrgicas.” *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2001, Vol. II, p. 3223.

Ladainhas – “Oração de tipo repetitivo em que se invoca Jesus Cristo, a Virgem Maria ou os santos para que intercedam junto de Deus pelos seus fieis, respondendo a assembleia com uma fórmula breve.” *Ibid*, p. 3213.

⁶⁰Cf. VIEIRA, Alberto, *Folclore e Religiosidade Popular*, p. 4, disponível em <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/folclore.pdf>. [Consultado em 01/01/2010].

VI. Tradição não religiosa

*“Para conhecer o modo de vida de um povo ou sociedade é preciso entrar em seu mito e sonho, folclore e arte.”*⁶¹

A cultura está intrinsecamente associada às realidades mundanas de uma sociedade, não estando exclusivamente dependente da dimensão espiritual.⁶² Não obstante, nota-se uma influência bíblica em quase todas as tradições culturais de matriz cristã. A consciência dicotómica Bem/Mal, imposta pelo cristianismo, condiciona e influencia as superstições/crenças aceites e adoptadas pelo indivíduo.

Na realidade, embora se possa ter a consciência da impossibilidade de existirem bruxas, no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, com os poderes sobrenaturais que a bruxaria implica, todavia, a Igreja, com a criação da Inquisição e a conseqüente caça às bruxas, intensificou o mistério, dando protagonismo ao oculto e aos poderes sobrenaturais.⁶³

Deste modo, o inexplicável encontrava, frequentemente, uma justificação no sobrenatural e no oculto. Doenças como as anemias eram muitas vezes atribuídas às feiticeiras que, de noite, visitavam os inocentes e chupavam-lhes o sangue. As fraquezas e as dores generalizadas eram responsabilidade dos maus-olhados e das pragas rogadas em momento de raiva ou despeito.

Historicamente, segundo Mircea Eliade, este fenómeno fez parte das controvérsias internas da estrutura eclesiástica quando confrontada com a ameaça da heresia: *“Sabe-se, hoje em dia, que, a partir do século VIII, a feitiçaria e a superstição popular foram progressivamente equacionadas à bruxaria e a bruxaria à heresia.”*⁶⁴

Na actualidade estas crenças estão em desuso. A evolução social e intelectual levaram a que o universo das credices e superstições, do oculto e, de certa forma, do religioso, se

⁶¹In CAMPBELL, Joseph, *Mitos, Sonhos e Religião – nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*, Tradução Ângela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade, 2001, p. 77, disponível em: <http://psicologiaanalitica.files.wordpress.com/2010/05/mitos-sonhos-e-religiao-campbell-org.pdf>, [Consultado em 28/12/2009].

⁶²*Ibid*, p. 70.

⁶³Cf. ELIADE, Mircea, *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*, tradução de Noeme da Piedade Lima Kingl, 1979, p. 75, disponível em: <http://www.scribd.com/doc/13021993/Ocultismo-BruXaria-e-Correntes-Culturais> [Consultado em 01/01/2010].

⁶⁴*Ibid*, p. 77.

tornasse tão pessoal que é quase tabu falar sobre estes assuntos sem ferir susceptibilidades. Independentemente da classe social em que esteja inserido, o Homem preocupa-se com o que os outros pensam dele, pelo que acreditar em bruxas ou andar com uma cruz de alecrim no bolso é algo que deve ser mantido só para si, a fim de evitar risco de ser alvo de chacota.

No entanto, para que o conhecimento geral do Homem avance, é imperativo conhecer e compreender o universo religioso e espiritual. Embora muitas crenças se tenham perdido no tempo, deixaram vestígios e contribuíram com a sua influência, para aquilo a que sociedade é hoje em dia, fazendo por essa razão parte integrante da história.

Os madeirenses são, por tradição, profundamente religiosos. Apesar disso as crendices e as superstições desempenham um papel importante no seu quotidiano, pelo facto de se constituírem como solução para as doenças e maleitas provocadas pelo *oculto*, podendo ser curadas com o recurso a lengalengas que solicitam o apoio divino.

VII. Aspectos do universo das crenças na Madeira

*“Todos os povos do mundo têm a sua cultura que se manifesta através de actividades que julgamos imprescindíveis para a manutenção e perpetuação da espécie ao longo dos tempos.”*⁶⁵

O povo madeirense é conhecido pelo seu espírito alegre e expansivo, pela sua hospitalidade e pelo orgulho nas suas tradições. É com vaidade que o ilhéu, talvez devido ao isolamento, passa de geração em geração as suas tradições, artes, comportamentos, usos e costumes, superstições e orações, festas e romarias, muitas vezes expressos em histórias, lendas ou eventos organizados pelas entidades culturais públicas ou privadas.

É cada vez mais frequente a estratégia de recuperação de tradições que o tempo tem vindo a esbater, como, por exemplo, o evento “48 horas a Bailar”, que acontece anualmente em Santana, ou os conhecidos arraiais que têm evoluído (com a criação de discotecas ao ar livre, contratação de grupos musicais de diversos estilos) na tentativa (bem conseguida) de cativar os mais jovens, mantendo embora a sua essência original.

As manifestações religiosas na ilha surgiram com os primeiros colonos, de origens variadas, sendo dominantes influências do norte de Portugal, de onde vieram a maior parte destes.

Desde os arraiais às festas mais religiosas, os madeirenses aproveitavam qualquer oportunidade para descansar do trabalho diário, fosse na terra, nos engenhos ou em casa, e partiam para o folgado. As distâncias entre as localidades tornavam as festas em peregrinações, em testes à fé e em pagamento de promessas.

A fé desempenhou, desde sempre, um papel importante na vida local, sendo através destas manifestações religiosas com manifestações profanas associadas, que o povo manifestava, reafirmava e cumpria com as suas crenças.

⁶⁵ In CAPÃO, António, *Cultura em Terras de Aveiro*, cit. “Literatura oral e tradicional”, *Revista Folclore*, Nº5, Julho 2005, p. 6.

1. Tradição/Folclore

“A tradição é, de resto, e por definição, a memória dum acontecimento que se transmite oralmente por largo espaço de tempo”⁶⁶

As manifestações recreativas, religiosas ou profanas, sempre estiveram ligadas ao quotidiano madeirense. A vida não era fácil na Ilha, visto que tanto o mar que a envolve como a difícil orografia tornaram o dia-a-dia das classes trabalhadoras (povo, escravos, cativos, etc.) árduo e sofrido. A fim de amenizar a labuta constante pelo pão, encontraram nas danças e cantigas uma forma de completar mais rapidamente as tarefas diárias e de animar o seu quotidiano. As classes mais baixas procuravam nas festas o esquecimento momentâneo para as suas dificuldades.

Aquando da chegada dos meses mais quentes o povo saía à rua para as festas e romarias. São celebrações em honra de um santo(a) padroeiro(a), no âmbito das quais é celebrada uma missa, seguida de procissão. Habitualmente acontecem entre os meses de Maio e Outubro, após as colheitas, uma vez que a sua realização estava ordenada de acordo com os calendários das actividades religiosas e agrícolas. Desempenhavam um papel muito importante na vida social e eram uma forma de combater o isolamento geográfico. Através das romarias, o povo viajava por toda a ilha, o que permitia um intercâmbio cultural entre os ilhéus, para além de uma maior convivência familiar e social.

O folclore, no sentido de cultura de um povo em todas as suas vertentes, englobando usos, costumes, tradições sociais e espirituais, literatura oral, música e actividades lúdicas, é o que de primitivo e popular ainda persiste numa sociedade. É este o expoente máximo da sabedoria popular transmitida de geração em geração, é o reflexo do espírito tradicional, das vivências quotidianas de um povo, é a história oral e inacabada do passado, com as adaptações ao presente para que possa ter um futuro, é um veículo de afirmação cultural.

Diz-se comumente que a tradição já não é o que era. A sociedade também mudou, fazendo com que a ambas progredissem juntas, em contextos onde os valores e tradições evoluíram e se adaptaram à sociedade actual.

⁶⁶In NASCIMENTO, João Cabral do, “Notas etnográficas: lendas e tradições”, *Arquivo Histórico da Madeira*, nº 1, 1937, Vol. V, p. 157.

2. Crenças e credices

O ser humano muitas vezes procura explicação para o inexplicável, atribuindo as ocorrências menos felizes a entidades superiores. A mitologia e simbologia desempenham um papel importante na origem e lógica destas superstições.

Metodologia

Optou-se por incluir algumas dessas superstições e credices no presente projecto por se acreditar que estas sempre marcaram o quotidiano madeirense.

O critério de selecção prendeu-se com a importância que a crença possuía para a sociedade, bem como com a sua actualidade, uma vez que muitas destas superstições ainda fazem parte do quotidiano regional.

Foram distribuídas de acordo com a sua área de actuação: azares; boa sorte/fortuna; casamento; condição feminina e gravidez; infantis; morte e bruxas/feiticeiras.

Após a transcrição da superstição, é analisada a sua carga simbólica e/ou mitológica, a fim de elaborar um parecer sobre a razão/lógica da sua existência e possível origem.

a) Azares

I. *Quebrar um espelho*⁶⁷ *indica sete*⁶⁸ *anos de azar.*⁶⁹

Esta superstição advém do famoso mito de Narciso da Grécia antiga. Simbolicamente o espelho reflecte a verdade e o ser (e por *ser* entenda-se alma). Os vampiros, por exemplo, não vêem o seu reflexo no espelho porque não têm alma. Quando se quebra um espelho é como se separasse a alma do corpo, impedindo que estes permanecessem juntos, o que, obviamente, traria má sorte. São sete os anos porque os romanos acreditavam que o ciclo de vida do ser humano renovava-se de sete em sete anos. Em todas as teogonias, filosofias e religiões o número sete é considerado um número sagrado.

Há, ainda, razões económicas para a valorização simbólica dos espelhos neste contexto. Os espelhos domésticos surgiram em Veneza, por volta de 1300, tendo um valor de mercado

⁶⁷O **espelho** pode assumir diversos significados simbólicos, mas quase todos estão ligados à verdade, à sinceridade e à pureza. Podem ser encarados como instrumentos de autocontemplação e reflexão do universo e do ser. São o símbolo da verdade, porque reflectem a imagem tal como ela se mostra, ou a mentira por gerar enganos e imagens deturpadas. Podem, também, ser emblemas de pureza e sinceridade, ao se apresentarem límpidos, ao mesmo tempo em que trazem significados pejorativos, tal como a vaidade, que é um dos sete pecados mortais. É, ainda, o símbolo da harmonia, da união conjugal, por outro lado, o espelho partido é a separação, simboliza a infidelidade conjugal.

Etimologicamente deriva da palavra latina *speculum*, que também significa “imagem”.

In <http://pt.shvoong.com/humanities/arts/1778303-significado-simb%C3%B3lico-espelho-na-cultura/> [Consultado em 13-12-2010]; LURKER, Manfred, *Dicionário de Simbologia*, tradução Mário Krauss e Vera Barkow, 2003, p. 237 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dictionnaire des Symboles*, 1992, p. 635 a 639.

⁶⁸Todos os livros sagrados fazem várias referências ao número **sete** e à sua excelência. Na Bíblia, no livro do Génesis, o sete é o número da Criação, uma vez que o mundo foi feito em sete dias. Assim, desde a criação do mundo, o número sete marca o ritmo universal, como, por exemplo, a semana com sete dias, sendo o sétimo dedicado, segundo o Criador, ao descanso. O sétimo dia é sagrado. Este é o número da perfeição.

Representa a ordem completa, o período, o ciclo. É mágico e sagrado em mitos, contos de fadas e na crença popular. Une simbolicamente o céu e a terra, o masculino e o feminino, as trevas e a luz, pois é a união do 4 (matéria) com o 3 (espírito). O sete era, para os egípcios, o símbolo da vida eterna. O séptuplo resume a totalidade da vida moral.

As fases da lua são de sete dias, são sete as constelações de sete estrelas, são sete as ciências naturais, as notas musicais, os mares, as cores, as virtudes, os pecados capitais, os sacramentos, foram sete as chagas de Cristo, são sete os planetas sagrados, os portais para a alma (2 olhos, 2 ouvidos, 2 fossas nasais e 1 boca), são sete os génios persas e os arcanjos judaico-cristãos.

Por outro lado o sete é, também, o número de Satanás. A Besta Infernal do Apocalipse tem sete cabeças.

In <http://www.frenteirasul.org.br/sete.htm> [Consultado em 20-12-2010], <http://symbolom.com.br/wp/?p=2143> [Consultado em 06-03-2011] e LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 642 a 643 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 860 a 865.

⁶⁹AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 212.

elevado, pelo que os serviçais eram advertidos que se os quebrassem teriam azar (embora não fossem especificamente sete).

II. *Galinha que cante como galo deve torcer-se o pescoço porque anuncia tristezas.*⁷⁰

O género feminino era considerado inferior,⁷¹ sendo o macho o elemento forte e dominante. Assim, qualquer fêmea que apresentasse características fisionómicas do sexo oposto era considerada contranatura.

Esta superstição não é muito conhecida porque, actualmente, a criação de galináceos está praticamente confinada a grandes aviários.

III. *Derramar sal⁷² no chão é sinal de desgraças, para evitá-las devemos atirar um pouco desse sal por cima dos ombros.*

O sal era considerado um bem precioso, equiparável ao ouro, principalmente para os ilhéus que viviam constantemente confrontados com a possibilidade de isolamento e consequente ruptura de *stocks*, pelo que qualquer desperdício deste bem era encarado como sinónimo de

⁷⁰AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 213.

⁷¹O direito da Mulher – “Há 151 anos, no dia 8 de Março de 1857, teve lugar aquela que terá sido, em todo o Mundo, uma das primeiras acções organizadas por trabalhadores do sexo feminino. Centenas de mulheres das fábricas de vestuário e têxteis de Nova Iorque iniciaram uma marcha de protesto contra os baixos salários, o excesso de carga horária e as más condições de trabalho. A manifestação foi violentamente dispersada pela polícia. Mas não a data. Desde 1975 é considerada pelas Nações Unidas como o Dia Internacional da Mulher. Em 2005, 47 países-membros dessa mesma ONU continuavam sem assinar ou ratificar a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher. Outros 43 fizeram-no. Com reservas.” In <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/mulheres-de-combate> [Consultado em 05-05-2011].

⁷²No Novo Testamento, encontramos o duplo significado do **sal**: conservar a união com Deus e dar gosto à vida. Embora existam registos do uso do sal datados de há 5 mil anos, foi apenas na Idade Média que a tecnologia de mineração se começou a desenvolver. Escasso, precioso e imprescindível, este bem era vendido a peso de ouro, tendo inclusive sido usado como moeda, nomeadamente para o pagamento de parte da remuneração dos soldados Romanos, dando origem à palavra salário. Foi, também, a causa de guerras entre países, e o direito pelo consumo originou revoluções e guerras civis.

O sal está presente em rituais religiosos de diversas épocas e civilizações. Foi usado por gregos, romanos, asiáticos e árabes. É nas crenças populares, um ingrediente obrigatório para afastar energias negativas e mau-olhado. Em várias culturas, acredita-se que o sal tem o poder de afastar espíritos densos e as energias negativas, estando também associado a ideias de força vital, de purificação e de protecção contra a corrupção.

É considerado símbolo da incorruptibilidade, pois é a marca da eternidade e da pureza, devido às suas propriedades de conservação e da lealdade. Como se pode verificar na *Bíblia*, o termo "aliança de sal" designa uma relação com Deus que não pode ser quebrada.

O sal pode ser conservador (de alimentos) ou destruidor (pela corrosão). Pode, também, simbolizar a infertilidade, uma vez que a terra salgada é árida

In <http://www.jardimdeflores.com.br/sinergia/S17poderesdosal.htm> [Consultado em 13-12-2010], LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 624 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 858 a 859.

desgraça e infortúnio. O facto de o atirar por cima dos ombros terá a ver com o tentar pôr atrás das costas, superar.

Por outro lado, e desde a Grécia antiga, o sal tinha um grande poder simbólico, porque vem da Mãe Terra, do mar. Tanto as lágrimas como a saliva são salgadas. O sal conserva, condimenta e enriquece os alimentos e, por isso, derramar sal era pecado e o acto de o atirar para traz das costas tinha a finalidade de cegar o Diabo e de dar tempo para que a alma pecadora voltasse ao corpo.⁷³

Esta superstição é conhecida no Brasil.⁷⁴

IV. *Para evitar a ausência de boa sorte não se deve receber em casa sal seja ele comprado, emprestado ou dado depois das ave-marias, uma vez que com este entrará o azar.*⁷⁵

Como já foi referido, o sal tem diversos significados, entre os quais se pode identificar o que simboliza a aliança com Deus que não pode ser quebrada. Uma vez que as ave-marias marcavam o fim do dia de trabalho e o início da oração, o acto de receber sal seria considerado pecado, e, conseqüentemente, quebra daquela aliança.

V. *Entornar azeite, espalhar tinta de escrever ou pisar sal ou carvão atraem má sorte.*⁷⁶

Todos estes recursos eram parcos, todo o gasto desnecessário era considerado falta de discernimento o que, conseqüentemente, atrairia a má sorte.

VI. *Não se deve abrir o guarda-chuva⁷⁷ dentro de casa, porque atrai mau agouro⁷⁸.*

⁷³<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=887> [Consultado em 05-05-2011].

⁷⁴<http://voceacredita.wordpress.com/2009/09/08/13%C2%BA-post-supersticao/> [Consultado em 23-03-2011]

⁷⁵AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 183.

⁷⁶*Ibid*, p. 214 a 215.

⁷⁷“Os mais antigos que se conhecem foram da Mesopotâmia, há 3400 anos. Na Mesopotâmia, região do actual Iraque, há 3400 anos já existiam artefactos destinados a proteger a cabeça dos reis - contra o sol. No Egipto, adquiriram significado religioso e na Grécia e em Roma eram tidos como artigo exclusivamente feminino.” In http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda-chuva#cite_ref-0 [Consultado em 17-05-2011].

O **guarda-chuva** de protecção é um símbolo de protecção e realza. A sombra protege do calor e do sol e a frescura propiciada pela sua sombra representa a protecção contra o sofrimento, o desejo, os obstáculos e as doenças. Tradições diferentes desenvolveram muitos tipos de guarda-chuvas: a parte de cima simboliza

Esta superstição que tem origem oriental e africana, remonta à época em que os reis usavam o guarda-chuva para se proteger do astro rei, pelo que abri-lo num lugar de sombra era considerado sacrilégio.

Quando chegaram à Europa, estes objectos, eram utilizados exclusivamente pelos sacerdotes em enterros, a fim de se protegerem do tempo⁷⁹.

Esta superstição é conhecida no Brasil, embora acreditem que o resultado é um casamento atrapalhado.⁸⁰

VII. *O desperdício de pão⁸¹ é uma prática de mau agouro porque indica que quem o fizer passará fome.*⁸²

O pão é o alimento por excelência, tanto material como espiritual, sendo, no cristianismo, sinónimo do Corpo de Cristo. Uma vez que os madeirenses são cristãos, acreditam que esta superstição está associada à blasfémia e ao pecado. Por outro lado, a população era, na sua maioria, pobre, pelo que o facto de desperdiçar comida seria moralmente condenável.

VIII. *Se está costurando e a tesoura⁸³ cai, ficando com os bicos espetados no chão, é sinal de desgosto.*⁸⁴

sabedoria e o tecido que protege simboliza compaixão. In <http://www.caminhosdeluz.org/A-298a.htm> [Consultado em 13-12-2010] e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 860 a 865.

⁷⁸<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

⁷⁹<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=887> [Consultado em 05-05-2011].

⁸⁰<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110420102949AAE9jt> [Consultado em 05-05-2011].

⁸¹ O pão é, evidentemente, símbolo do alimento essencial e da alimentação espiritual. Pão é vida assim como Jesus é o pão vivo descido dos céus. Liturgicamente, o pão está associado à vida activa e o vinho à vida contemplativa, o pão aos pequenos mistérios e o vinho aos grandes. In <http://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/pao> [Consultado em 06-03-2011] e LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 515 a 516 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 722 a 723.

⁸²<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

⁸³A tesoura é, como a maioria dos objectos cortantes, um símbolo da energia masculina e da acção. Este instrumento modifica o princípio activo que é o feminino. A tesoura é o agente da Vontade celeste que penetra e altera a matéria, é a força que corta, separa, distingue. A modificação da matéria bruta pela tesoura é considerada como o símbolo dos ataques ilegítimos à espontaneidade, às intervenções abusivas do homem contra as leis naturais da vida.

Está associada, na mitologia grega, às três irmãs Moiras, que detinham o poder da vida e da morte sobre deuses e humanos, cortando a linha da vida com uma tesoura. Assim, a tesoura representa a impotência do Homem perante o seu fim inesperado e repentino.

Atendendo a que a tesoura simboliza a impotência do Homem perante o seu destino, acredita-se que o facto de esta cair e cravar no chão, marcando e “ferindo” simbolizará a dor da impotência perante a fatalidade do destino. Por outro lado, sonhar com tesouras caindo significa morte de um conhecido, o que, certamente, trará desgostos.

IX. *Facas⁸⁵ cruzadas⁸⁶ indicam brigas no lar.⁸⁷*

A simbologia da faca está associada à da espada. Tanto as espadas como as facas são armas dos demónios e uma ameaça aos que desceram ao mundo dos mortos. Pode ser também considerada o símbolo da sentença divina. A cruz representa, para os católicos, a sacralidade associada à crucificação do filho de Deus, como o momento de redenção pelos pecados da Humanidade.

As facas pousadas em cruz simbolizam uma encruzilhada e, conseqüentemente, o perigo da escolha entre o Bem e o Mal. Uma má escolha levará à queda e à perdição.

X. *Se um gato⁸⁸ preto⁸⁹ atravessar à nossa frente é sinal de mau agouro.*

In <http://www.girafamania.com.br/montagem/simbolos.htm> [Consultado em 17-05-2011]; <http://www.clxv.org/textos/dicionario/dicsonho.htm> [Consultado em 18-05-2011] e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 260.

⁸⁴ Visconde do Porto da Cruz, *Crendices e Superstições do Arquipelago da Madeira*, 1954, p. 12.

⁸⁵ A **faca**, enquanto objecto cortante, está associada ao trabalho masculino. Porém, para os hindus, representa as divindades terríveis que a usam como arma cruel. Na China é um emblema da lua, pela sua forma curva e porque está associada à temática das fissuras da lua. Nas mais diversas regiões, a faca é um símbolo de poderes ameaçadores associado a ideias sobre o além e a influências maléficas.

Simbolicamente, a faca está frequentemente associada à ideia de execução judicial, de morte, de vingança, de sacrifício e de inúmeros rituais iniciadores, como a circuncisão. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 259 a 260 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 360.

⁸⁶ A **cruz** simboliza, em primeiro lugar, a base de todos os símbolos de orientação (pontos cardeais), nos diversos níveis da existência humana – é a junção entre o céu e a terra. Na tradição cristã, simboliza o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Representa mais do que a figura de Jesus, identificando-se com a própria história humana. Este objecto também serve como defesa contra demónios In <http://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/espada> [Consultado em 06-03-2011] e LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 176 a 177 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 318 a 326.

⁸⁷ Visconde do Porto da Cruz, *op. cit.*, p. 12.

⁸⁸ Segundo Lurker (2003:283 a 284) o **gato** selvagem era considerado pelos egípcios o animal sagrado do Deus do Sol por ser inimigo natural das serpentes. Os gatos, pelo facto de serem animais nocturnos num contexto lunar, são considerados animais simbólicos do feminino, bem como seres próximos das bruxas. Na credence popular, os gatos pretos podem trazer ou anunciar desgraças. Por outro lado, Chevalier & Gheerbrant (1992: 214 a 216) consideram que o simbolismo deste animal é heterogéneo, oscilando entre tendências benéficas e maléficas. No Japão é encarado como símbolo de mau agouro, sendo inclusive capaz de matar mulheres e assumir a sua forma. No Egipto o gato era visto como a força e a agilidade felina posta ao serviço do Homem por uma deusa. Um gato totalmente negro possui, para os muçulmanos, qualidades

A presença animal é essencial para a vida de uma bruxa. Sabe-se que as bruxas têm preferência pelos gatos, visto que acreditavam que estes possuíam o poder de absorver as energias negativas. Os gatos pretos, devido à sua cor, conseguem absorver e extrair mais energia e poder, pelo que concitavam a sua preferência.

O imaginário que construiu a visão das bruxas rodeadas de gatos levou a que a sociedade acreditasse que as elas conseguiam metamorfosear-se nestes animais. Na Idade Média, por exemplo, acreditava-se que os gatos eram bruxas transformadas.

Pelo facto de o preto estar associado às trevas, às sombras e à noite e de os gatos serem, por natureza, animais noctívagos e exímios caçadores, ter-se-á originado a crença, para algumas culturas, de que estes pequenos felinos seriam portadores de desgraças e de mau agouro.

mágicas. Estes animais possuem sete vidas. Os gatos pretos estão associados ao obscuro e à morte, sendo conhecido como um servo dos Infernos.

Tamina Thor, na obra *Tarô Mágico das bruxas* (2005: 49), refere que a carta número nove é a carta do Gato Preto e “indica amizade verdadeira, intuição e protecção”. Refere ainda que a presença animal é uma “constante essencial na vida de qualquer feiticeira”. Segundo a autora, os gatos são considerados grandes amigos das bruxas por possuírem o dom de absorver a energia negativa. Os gatos pretos são, pela sua cor, mais indicados para fazer uma limpeza astral. As bruxas acreditam que se se cruzarem com um gato preto terão sorte e que quem fizer mal propositalmente a um destes animais nunca mais terá sorte.

Na literatura existem várias referências a gatos pretos associados a bruxas e feiticeiras, como, por exemplo, Gil Vicente, em “O Auto das Fadas”. Edgar Allan Poe refere no seu conto “O Gato Preto”, que a sua “(...) mulher que no íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas”. Texto integral disponível em <http://www.poedecoder.com/Qrisse/works/blackcat.php>.

⁸⁹Para as bruxas, a **cor preta** simboliza “a incorporação do lado da sombra, a aceitação e a canalização construtiva do lado oculto e obscuro de cada um.” É a cor que absorve todos os raios de luz sem emitir nenhum, o que simboliza o autodomínio, a sobriedade e o controle pleno de todas as faculdades. É a cor do oculto e do mistério que, por essa razão, produz medo. Está associada às tristezas, às impurezas, ao lado da sombra, às trevas e às bruxarias.

É a cor preferida das feiticeiras porque é uma cor de força e tem a capacidade de absorver e extrair o poder de tudo. Cf. THOR, Tamina, *op. cit.*, p. 47 a 49.

b) Boa Sorte/Fortuna

- I.** *Essa mesma hora marca o fim das limpezas em casa, pois não se deve varrer⁹⁰ a casa depois das ave-marias,⁹¹ principalmente se for de dentro para a rua uma vez que com a sujidade sai a fortuna do casal.⁹²*

As ave-marias são tocadas às 18 horas, porque foi este o momento da Anunciação, marcando o fim do trabalho diário e o início da noite.

Acredita-se que esta superstição se deve ao facto de, após as ave-marias, as famílias serem aconselhadas a reunir para rezar e, por essa razão, ser considerado pecado ainda estar a trabalhar a essa hora. Além disso, também era crença corrente que varrer à noite ofendia as divindades protectoras do lar.

c) Casamento

Há algum tempo atrás, era habitual os pais da futura noiva indagarem sobre a família e as intenções do rapaz. Devia ser solteiro (obviamente), trabalhador, honesto e de boas famílias. Como os namoricos ocorriam muitas vezes nos arraiais ou nas festas religiosas, estas apresentavam sempre uma grande afluência de jovens. Não iam propriamente por devoção ao santo, mas à procura de um parceiro.

Como mais um exemplo da estreita ligação entre o sagrado e o profano, são de referenciar as chamadas *sortes* que as raparigas solteiras tiravam na véspera dos Santos Populares para descobrirem com quem iriam casar e qual seria a sua fortuna.

Todo o ritual do casamento estava envolto em superstições, muitas delas sem qualquer explicação lógica.

- I.** *Não se deve varrer⁹³ os pés ou sapatos dos jovens solteiros porque não casarão.⁹⁴*

⁹⁰ Para algumas culturas, varrer ofende as almas que passeiam e os protectores do lar. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, 1992, p. 98 a 99.

⁹¹ O toque das **ave-marias**, também denominado Hora do Angelus, que corresponde às 6 horas, 12 horas ou 18 horas do dia, relembra aos católicos, através de preces e orações, o momento da Anunciação - feita pelo anjo Gabriel a Maria - da concepção de Jesus Cristo, acreditada como livre do pecado original. No mundo cristão, tratava-se de uma hora celebrada diariamente através de preces e orações. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus> [Consultado em 06-03-2011].

⁹² AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 183 e <http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

O acto de varrer está associado à acção de levar/atirar para fora. Esta superstição está pois relacionada com a simbologia das vassouras das feiticeiras⁹⁵ e significa que, ao varrer os pés dos solteiros, estão a afastar as possibilidades de casar.

II. *Roubar o lenço da noiva que vem da igreja sem ser vista, apressa o pedido de casamento, mas para ser feliz tem de devolver o objecto roubado à dona.*⁹⁶

O desejo de casar leva a que muitas raparigas procurem apressar o processo conducente ao matrimónio e a se apossarem dos símbolos do casamento.

III. *Os noivos não devem ouvir os pregões para que não lhes fuja a felicidade.*⁹⁷

Antes do casamento, os noivos, por determinação do Direito Canónico⁹⁸, registavam o seu nome na Igreja Paroquial. Esta exigência tinha como finalidade que, ao serem anunciados os nomes dos noivos, quem tivesse alguma coisa a opor deveria fazê-lo antes da data marcada para o casamento. A razão de ser desta lei prende-se com o facto de muitos homens terem já filhos com outras mulheres ou de, até mesmo, serem casados.

Os noivos não deviam ouvi-los porque podia o povo dizer coisas de que desconhecêssem e isso traria problemas ao novo casal.

IV. *O Sábado⁹⁹ o melhor dia para dar princípio a qualquer coisa.*¹⁰⁰

O Sábado é, para os Judeus, o dia de visitar a Sinagoga, e, uma vez que, segundo o seu calendário, a noite de Sábado faz já parte do primeiro dia da semana, comemoravam com

⁹³Para algumas culturas, o varrer está associado à limpeza do lar, mas pode, por outro lado, inverter o seu papel protector e afastar a fortuna. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 98 a 99.

⁹⁴<http://madeira4evernews.blogspot.com> [Consultado em 04-12-2009].

⁹⁵Cf. nota de rodapé 152, p. 53.

⁹⁶Visconde do Porto da Cruz, *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira*, 1954, p. 8.

⁹⁷<http://www.portuguesetimes.com> [Consultado em 19-01-2010].

⁹⁸Segundo o Direito Canónico em Livro IV – “Do Múnos de santificar a Igreja”, I Parte – “Dos Sacramentos” Título VII – “Do matrimónio”, Capítulo II – “Dos impedimentos dirimentes em geral”: “Cân. 1067 A Conferência dos Bispos estabeleça normas sobre o exame dos noivos, sobre os proclamas matrimoniais e outros meios oportunos para se fazerem as investigações que são necessárias antes do matrimônio, e assim, tudo cuidadosamente observado, possa o pároco proceder a assistência do matrimônio.” Disponível em http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/CodigodeDireitoCanonico.pdf [Consultado em 09-08-2011].

⁹⁹No judaísmo, o **sábado** significa descanso, cessação ou interrupção. É o dia da semana dedicado à oração e ao descanso, relembrando o sétimo dia original da semana no qual Deus descansou após os seis dias de Criação do Universo. In <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1bado> [Consultado em 17-05-2011].

¹⁰⁰http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

uma refeição comunitária. Esta refeição simbolizava a ceia pascal de Jesus e tinha a finalidade de celebrar a ressurreição do Senhor. Mais tarde, juntaram-se a “celebração da Palavra” e a “Celebração da Ceia”, dando origem à Missa, que originariamente era celebrada na noite de Sábado.¹⁰¹

Assim o melhor dia para começar qualquer coisa era o Sábado por ser o dia consagrado a Deus e ser na sua noite que começa a semana.

V. *Se na véspera do casamento, a noiva sonhar com porcos,¹⁰² tal significa que vai receber muito dinheiro.¹⁰³*

A finalidade do casamento era, primeiramente, a continuidade da família. Na economia rural, o porco é, tradicionalmente, um símbolo de fertilidade e de prosperidade, sendo considerado bom presságio que a noiva sonhasse com este animal.

Por outro lado, os livros de sonhos referem que sonhar com porcos significa alterações financeiras positivas.¹⁰⁴

VI. *É sinal de mau agoiro, o noivo ver o vestido da noiva antes do casamento.¹⁰⁵*

VII. *No caso de haver dois casamentos na mesma igreja as noivas não se devem cruzar, caso contrário a que sai leva a fortuna da que entra.¹⁰⁶*

VIII. *Se for mais do que um casamento à mesma hora, a primeira noiva a sair da igreja leva a sorte das outras.*

IX. *Casamento demorado é sempre malfadado.¹⁰⁷*

¹⁰¹ Cf. KONINGS, Johan M. H. e URBANO, Zilles, (org.), *Religião e cristianismo*, 2007, p. 337.

¹⁰² O **porco**, devido à sua grande prole, está associado à ideia de fertilidade. Devido à sua aparência, pode ser considerado um símbolo de abundância. Por outro lado, também simboliza a voracidade e a gula, pois come tudo o que lhe é posto à frente. Está associado, muito frequentemente, a tendências obscuras, sob todas as suas formas: a ignorância, a gula, a luxúria e o egoísmo. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 559 a 560 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 778 a 779.

¹⁰³ http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹⁰⁴ <http://sonharcom.com/significados-sonhos/sonhar-com-porcos-significados-interpretacao> [Consultado em 19-05-2011].

¹⁰⁵ “Ritos do casamento”, Crenças populares”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6. p. 15 e <http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

¹⁰⁶ Visconde do Porto da Cruz, *op. cit.*, p. 8.

¹⁰⁷ http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

X. *Se chover a caminho da igreja, ou na hora do casamento, a chuva¹⁰⁸ era sinal de lágrimas e desgostos.¹⁰⁹*

Curiosamente a chuva está associada à ideia de prosperidade, fertilidade e vida, pelo que esta superstição terá a ver não com a simbologia da chuva mas com a influência que as condições climatéricas podem provocar numa festa. Por outro lado, sonhar com chuva representa lágrimas, dor e tristezas.¹¹⁰

XI. *No caso de chover, após o casamento, essa ocorrência é tida como bom sinal, pois que a chuva do céu, depois da boda, é a bênção de Deus sobre o casal.¹¹¹*

Atendendo a que a água simboliza a purificação e a vida espiritual, o facto de chover após o casamento expressa, como no baptismo, a bênção de Deus.

XII. *Se o cortejo nupcial se cruzar com ave de penas¹¹² o enlace está desgraçado.¹¹³*

Apesar de simbolicamente as aves representarem a ligação entre o céu e a terra, o povo acreditava que as penas das aves simbolizavam *penas* (tristezas), pelo que o facto de uma nova família se cruzar com uma ave representava agouro.

XIII. *Entornar vinho tinto¹¹⁴, é sinal de brigas.¹¹⁵*

¹⁰⁸A **chuva** está associada ao simbolismo da água como condição essencial para a fertilidade e vida. É, universalmente, considerada como o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. É o agente fecundador do solo. Esta fertilidade estende-se, também, ao espírito, à luz e às influências espirituais. LURKER, Manfred, *op. cit.*, 2003, p. 133 a 134 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, 1992, p. 765 a 767.

¹⁰⁹http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹¹⁰<http://www.clxv.org/textos/dicionario/dicsonho.htm> [Consultado em 18-05-2011].

¹¹¹<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009] e http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010]

¹¹²As **aves** podem ser, para os cristãos, a indicação dos abençoados no paraíso, da alma salva ou, de um modo geral, da remissão dos pecados do mundo. Representam também a amizade dos deuses pelos homens. O facto de estas voarem torna-as elos de ligação entre o céu e a terra. São a imagem da alma que se escapa do corpo, ou apenas das suas funções intelectuais.

Mais frequentemente as aves simbolizam estados espirituais, anjos e estados superiores do ser. Para os africanos representam a força e a vida. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 65 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 695 a 699.

¹¹³Visconde do Porto da Cruz, *op. cit.*, p. 14.

¹¹⁴O **vinho** é, na crença de muitos povos e de muitas religiões o elixir da vida e a bebida da imortalidade, devido à associação simbólica com o sangue de Cristo. Na Bíblia, o vinho aparece como a imagem da alegria de viver. Está também associado à ideia de sacrifício, nomeadamente durante rituais, ao conhecimento e ao

Esta superstição deve-se ao facto de o vinho provocar estados de embriaguez, e não à sua simbologia, uma vez que esta está associado à alegria. O entornar o vinho pode, por outro lado, estar associado ao derramar o sangue de Cristo e, por essa razão, ter uma conotação negativa.

Sonhar com vinho tinto significa lutas ou brigas, independentemente da acção que se desenrola, seja beber, derramar ou apenas ver.

XIV. *Entornar vinho branco na toalha da mesa, durante a boda, é sinal de alegria.*¹¹⁶

O vinho branco, ao contrário do tinto, não tem uma carga simbólica religiosa, talvez por essa razão tenha o significado oposto. Sonhar com vinho branco significa alegrias.

XV. *Para que o casamento pegue deve-se comer bolo de casamento.*¹¹⁷

O bolo de casamento simboliza o desejo de que não falte nada ao novo casal, bem como a garantia de fertilidade.¹¹⁸ Para que o casamento seja feliz e fértil, o bolo é um adereço importante.

XVI. *Matar um grilo*¹¹⁹ *na festa de casamento significa brigas.*¹²⁰

O grilo é considerado um amuleto de sorte¹²¹, pelo que matá-lo não seria um bom presságio.

amor ardente. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 754 a 755 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 1016 a 1018. Por outro lado sonhar com vinho tinto significa lutas. In <http://www.clxv.org/textos/dicionario/dicsonho.htm> [Consultado em 19-05-2011]

¹¹⁵http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010]

¹¹⁶http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹¹⁷Visconde do Porto da Cruz, *op. cit.*, p. 13.

¹¹⁸<http://casamentos.sapo.pt/Artigo/Casamento/Copo-de-Agua/1/O-bolo-da-noiva-908635.aspx> [Consultado em 19-05-2011].

¹¹⁹O grilo é para os chineses o símbolo triplo da vida, da morte e da ressurreição. Ter um destes insectos em casa era considerado como uma promessa de felicidade. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p.487.

¹²⁰Visconde do Porto da Cruz, *op. cit.*, p. 12.

¹²¹A crença de que o grilo era um animal que dava sorte está presente nas histórias infantis como Mulan, que tem um grilo da sorte, e, na história de Pinóquio, em que o insecto é a voz da sua consciência e representação da sabedoria.

Actualmente, e devido a influências externas, como a televisão, a maior parte destas superstições não são do conhecimento dos noivos. A noiva tende a levar o tradicional “something old, something new, something borrowed, something blue”, ou seja “algo velho, algo novo, algo emprestado e algo azul”. Porém, as convidadas ainda têm por hábito roubar as imagens de noivos de cima do bolo ou apanhar o *bouquet*, procedimentos que, teoricamente, cumprem a mesma função de apressar o casamento.

d) Condição feminina e gravidez

Hoje em dia as crenças relacionadas com a condição feminina estão a cair no esquecimento. Como por exemplo o facto de ser *costume* que uma mulher, quando estivesse com a menstruação, não frequentasse a igreja porque era considerado um estado de sujidade. Convém, no entanto, relembrar que a igualdade é muito recente.

Existem, porém, muitas crenças associadas à gravidez que continuam a circular na sociedade actual, merecendo a atenção das futuras mães que, na esperança de ter uma criança perfeita e saudável, preferem prevenir a remediar.

- I.** *Mulher solteira não deve comer uma “dita” (quando dois frutos nascem pegados como gémeos), caso contrário terá filhos gémeos.*¹²²

A lógica da superstição será que ao comer frutos gémeos terá filhos gémeos, o que é cientificamente incoerente. Esta superstição terá surgido com a tradição/costume que havia de a maior porção de um alimento ser para o homem da casa, porque era este o sustento do lar.

- II.** *Uma mulher grávida não deve encostar chaves¹²³ à barriga ou o bebé nasce com a boca cortada.*¹²⁴

¹²²AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 217.

¹²³O simbolismo da **chave** está associado à sua dupla função de abrir e fechar. Estas suas funções levam a que seja o símbolo do poder, do chefe, do iniciador, daquele que detém o poder de decisão e a responsabilidade. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 261 a 262.

¹²⁴<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

Existe uma relação simbólica entre a chave que abre/separa e o lábio leporino. A razão de ser desta superstição prende-se com a necessidade de explicar o porquê da criança nascer com esta anomalia.

III. *Se uma mulher grávida derramar vinho na barriga o bebé nasce com uma marca vermelha no local onde o vinho caiu.*

Cientificamente, esta superstição não tem qualquer fundamento. Existem, porém, mães que afirmam que os seus filhos trazem sinais de nascença que se parecem com um qualquer líquido que derramaram na barriga durante a gravidez. Estes sinais de nascença são comuns e de cor, tamanho e formas variados.

No entanto, existem os clinicamente denominados angiomas¹²⁵ que apresentam formas menos comuns, sendo particularmente densos e de coloração púrpura ou vermelha. Terá havido a necessidade de explicar estas particularidades, com que alguns bebés nasciam, recorrendo a superstições.

IV. *Se uma mulher der à luz sete filhas mulheres seguidas, uma delas é bruxa.*

Esta superstição está associada à simbologia do número sete e com o facto de este ser considerado no Apocalipse¹²⁶ um número associado ao inferno.¹²⁷

Esta superstição é conhecida em Portugal Continental e no Brasil.¹²⁸

V. *Quando uma grávida sofre de azia, é sinal que o filho terá grande cabeleira.*

VI. *As mulheres grávidas devem comer tudo o que lhes apeteça para que os filhos não nasçam com a boca aberta.¹²⁹*

¹²⁵<http://www.manualmerck.net/?id=233&cn=1880> [Consultado em 19-01-2010].

¹²⁶ Apocalipse é um termo grego que significa “revelação”, trata-se de uma literatura própria das épocas de crise. Caracteriza-se pelas imagens grandiosas e simbólicas, apresentadas na forma de visões que pretendem desvendar os caminhos de Deus sobre o futuro. Bíblia Sagrada, 2009, p 2025 a 2026.

¹²⁷ João menciona “sete igrejas” e “sete cartas” (Ap. 1:4 a 3:22, pp. 2028 a 2032); “sete estrelas” (Ap. 1:16, pp. 2028); “sete candelabros de ouro” (Ap. 1:12, pp.); “sete lâmpadas de fogo” e “sete espíritos” (Ap. 4:5, pp. 2032); “sete selos” (Ap. 5:1 pp. 2033); “sete chifres e sete olhos” (Ap. 5:6, pp. 2033 a 2034); “sete anjos” e “sete tombetas” (Ap. 8:2, pp. 2037); “sete trovões” (Ap.10:3, pp. 2039); “sete mil pessoas” (Ap. 11:13, pp. 2041); “sete cabeças” e “sete coroas” (Ap. 12:3, pp. 2042); “sétimo sinal” e “sete pragas” (Ap. 15:1, pp. 2046); “sete taças de ouro” (Ap. 15:7, pp. 2047); “sete taças da ira de Deus” (Ap. 16:1, pp. 2048); “sete montes” (Ap. 17:9, pp. 2049); “sete reis” (Ap. 17:10, pp.2050), Cf. *Bíblia Sagrada*, 2009, p. 2028 a 2050 e LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 642.

¹²⁸<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/julho68/pn68007c.asp> e http://sitededicadas.uol.com.br/folk_bruxa.htm [Consultados em 19-01-2010].

Esta superstição poderá estar relacionada com a falta de comida e com a fome. Como já foi referido, era ao homem a quem era servida a maior quantidade de comida, por ser este o sustento da casa e ser anatomicamente maior. Assim, pode esta superstição ter surgido para justificar a necessidade que uma mulher grávida tem de se alimentar melhor. Biologicamente uma mãe protege sempre a sua cria, podendo esta superstição ser encarada como um mecanismo de defesa da mulher enquanto subalterna.

e) Infantis

I. *“Os cueiros das crianças recém-nascidas não devem apanhar o sereno da noite p’rà lua não lhes prejudicar a saúde.”*¹³⁰

Não se deve deixar a roupa de um bebé a secar na rua enquanto este não for baptizado ou este será “tomado” da lua. Dizia-se que uma criança tomada da lua não dormia de noite.

II. *Não podemos curar de olhado um bebé antes de ser baptizado.*

Esta superstição prende-se com o facto de a criança, antes do baptismo, não ter nome perante Deus. Grande parte das curas contra o olhado faz referência ao nome dado na pia, ou seja, no baptismo (ex: *“Maria foi o nome que te puseram na pia”*). Se a criança não tem nome perante Deus, Este não a pode curar.

Para além disso, acreditava-se que uma criança só padeceria de olhado se, durante o baptismo, o padre não rezasse o Credo correctamente, logo uma criança antes de ser baptizada não teria olhado.

III. *Para proteger a criança contra o mau-olhado devemos vesti-la com uma peça de roupa do avesso.*

O mau-olhado intervém simbolicamente sobre as estruturas organizadas, em forma de lógica dos contrários.¹³¹ Ao ser apresentada uma peça do avesso significará, necessariamente, um sinal de oposição a essa intenção.

¹²⁹ <http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

¹³⁰ http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹³¹ Para o filósofo Heraclito, a doutrina dos contrários era “a lei secreta do mundo que reside na relação de interdependência entre dois conceitos opostos, em luta permanente; mas, ao mesmo tempo, um não pode

IV. *Debaixo da cabeceira da criança deve estar um saquinho com um pedaço de carvão para não ter pesadelos, uma tesoura¹³² aberta para proteger das bruxas e um terço benzido para protecção de Deus.*

A tesoura é, enquanto objecto cortante, um instrumento de protecção. O facto de estar aberta significa que está pronta a ser usada.

No Minho utilizam a tesoura aberta e arruda para proteger as crianças.¹³³ No Brasil retomam a tesoura aberta debaixo da cama para impedir que as bruxas se aproximem.

V. *A madrinha deve levar a criança para a igreja, no dia do seu baptizado, embrulhada num xaile a fim de evitar o mau-olhado.¹³⁴*

Se tivermos em conta que uma criança não pode ser curada antes de estar baptizada, é natural que esta, quando sai de casa, esteja coberta/protegida para não causar inveja em quem a pudesse cobiçar.

VI. *Um adulto não deve passar por cima de uma criança ou esta não cresce mais.¹³⁵*

Uma explicação possível terá a ver com a teoria dos contrários.¹³⁶ O facto de um adulto (grande) passar por cima de uma criança (pequeno) pode simbolizar a impossibilidade desta crescer (ficar grande).

VII. *Quando uma criança sorri enquanto dorme é sinal que está a falar com os anjos.¹³⁷*

VIII. *Cura-se dores de ouvidos de crianças deitando o leite materno de uma mulher que tenha tido um bebé do sexo oposto ao do doente¹³⁸.*

existir sem o outro.” In http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%A1clito_de_%C3%89feso [Consultado em 10-08-2011].

¹³²Vide supra nota de rodapé 83, p.38.

¹³³Cf. CASTILHO, Alexandre Magno, “Crenças populares do Minho”, Almanach de lembranças Luso-Brasileiro, Lisboa, Tipographia Universal, 1855, p. 271.

¹³⁴http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹³⁵<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

¹³⁶Vide supra nota de rodapé 131, p.48.

¹³⁷<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

O leite materno contém propriedades únicas. Apesar de não ser considerado remédio, é *vox populi* que tem propriedades curativas.

IX. «*Se a comadre asseverar que a criancinha chorou antes de nascer, é sinal que será afortunada, pois já lá reza a quadra popular:*

“Ai que criança perfeita

Que meus olhos estão a ver

Há-de ter bem boa sorte

Por chorar antes de nascer”.»¹³⁹

Está relacionado com a simbólica do tempo e com os momentos adventícios, aquilo que anuncia um acontecimento. O facto de a criança chorar antes de nascer completamente, pode, nesse contexto, ter o significado preditivo da boa nova do seu próprio nascimento.

X. “*Vestindo uma criança, logo que nasce, com uma camisa feita com a fralda do pai, essa criança terá sempre uma grande afeição pelo pai.*”¹⁴⁰

Muitas destas crenças não são do conhecimento das jovens mães e as que as conhecem ignoram-nas por acharem que são meras superstições e por não serem, socialmente, bem aceites. Por outro lado, algumas destas crenças não fazem qualquer sentido na nossa realidade.

f) Morte

I. *Se um mocho¹⁴¹ chora perto da cama onde dorme um enfermo, a sua morte está confirmada.*¹⁴²

¹³⁸<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009].

¹³⁹<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009] e http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹⁴⁰<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html> [Consultado em 04-12-2009] e http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010].

¹⁴¹O **mocho** era, na Grécia antiga, a figuração animal de Átropos, a Parca encarregue de cortar o fio do destino. Também, no antigo Egipto, por ser um animal nocturno, era considerado como representação da morte, do frio e da noite. Para os chineses representa um animal feroz e nefasto. Por não enfrentar a luz do dia é o símbolo da tristeza, do obscuro, da solidão e melancolia. In

O mocho está associado, para vários povos e culturas, a superstições nefastas e à morte, talvez pelo facto de ser uma ave de rapina nocturna.

Tendo em conta que os mochos caçam ratos e outros animais de pequeno porte, não era raro encontrá-los perto de casas e de plantações e, como o seu pio parece, efectivamente, um choro, atemorizava aqueles que se encontravam debilitados.

II. *Deixar a gaveta de mobília aberta significa uma sepultura aberta à espera de um familiar homem, para evitar o agoiro deve fechá-la a pessoa que a deixou aberta, caso contrário, recairá a desgraça sobre quem a fechar.*¹⁴³

Quem transgredir deve corrigir o acto que levou à transgressão. Se a correcção do acto for feita por outra pessoa, o castigo passa para quem anular a transgressão, como se isso constituísse um reforço da transgressão.

Além disso, é de valorizar a simbólica da gaveta aberta por analogia com a sepultura aberta e respectivo agouro.

III. *Se forem três*¹⁴⁴ *pessoas a fazer a cama ou a pôr a mesa morrerá o mais novo.*

O número três é, como se diz popularmente, a conta que Deus fez, isto porque os cristãos acreditam nas três pessoas da Santíssima Trindade. Assim sendo, não se consegue depreender o porquê desta superstição. Possivelmente será uma versão da superstição seguinte, ou seja, terá a ver com o facto de o treze estar associado à ideia de morte, bem como ao dois ser o número perfeito e o terceiro elemento ser considerado uma transgressão

<http://simbologiaealquimia.blogspot.com/2008/10/os-mochos-e-as-marcas-alquimicas-em.html> [Consultado 09-05-2011] e LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 158 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 504 a 505. Sonhar com o grito do mocho é sinal de desgraça. In <http://www.clxv.org/textos/dicionario/dicsonho.htm> [Consultado em 09-05-2011].

¹⁴² AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 186 a 187 e 212 a 213.

¹⁴³ *Ibidem.*

¹⁴⁴ O número **três** significa a superação da ruptura e exprime a perfeição na sua natureza abrangente. É universalmente um número fundamental. Exprime uma ordem espiritual e intelectual, resulta da conjugação do 1 e do 2, ou seja, a União do Céu e da Terra. O ternário é o número da organização, da actividade e da criação.

Este número é próprio do mistério da Santíssima Trindade, representa o mistério da Paixão, Sepultamento e Ressurreição do Senhor. Exprime, ainda, a fé, a esperança e a caridade e significa os três tempos: o primeiro, antes da lei; o segundo, sob a Antiga Lei, e o terceiro, sob a graça. O três representa também as três formas do agir humano para o bem ou para o mal: pensamentos, palavras e obras. In <http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm> [Consultado em 09-05-2011], LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 730 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 972 a 976.

e conseqüentemente passível de punição. O dois, com função social já hierarquizada, que exclui deste modo um terceiro elemento.

IV. *Treze¹⁴⁵ pessoas, à mesa, adivinham a morte do homem mais novo no espaço de um ano.¹⁴⁶*

Esta superstição está associada à recriação da última ceia, na qual estavam treze pessoas, tendo duas delas morrido, Judas Escariotes e Jesus Cristo. Judas suicidou-se após ter traído o seu Senhor e Jesus foi crucificado no dia seguinte.

Pode estar, ainda, relacionada com a simbólica do número doze que exclui o décimo terceiro elemento, considerado como um elemento novo externo à perfeição da dúzia como conjunto harmonioso.

V. *Enquanto faz a cama não deve sair do quarto sem antes colocar o travesseiro ainda que outra pessoa chame.¹⁴⁷*

Fazer a cama e pôr a mesa são actividades que encerram algo de sagrado, porque estão relacionadas com rituais do quotidiano. Este rituais quando começados devem ser acabados e nada deve interferir nesse processo.

VI. *Deixar passar um enterro enquanto se está na cama ou à mesa é sinal de morte certa entre os familiares da casa.¹⁴⁸*

Há um imperativo de referência para com o luto e respeito para com o falecido. A transgressão pode, neste caso, levar à morte.

VII. *Quando um cão¹⁴⁹ uiva durante a noite anuncia a morte do dono¹⁵⁰.*

¹⁴⁵ O número **treze** é considerado um número de mau agouro, em algumas culturas, por estar a seguir ao doze, o número perfeito. Na última ceia eram treze pessoas à mesa. O 13º capítulo do Apocalipse é o do Anticristo e da Besta. No sistema cultural dos antigos Mexicanos, por exemplo, o treze simboliza o número sagrado, fundamental na astrologia, no calendário e na teologia. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 731 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 964 a 965.

¹⁴⁶ AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 186 a 187 e 212 a 213.

¹⁴⁷ *Ibidem.*

¹⁴⁸ *Ibidem.*

¹⁴⁹ O **cão** era, na Antiguidade, um apreciado animal de augúrio. É generalizada a crença de que estes animais, tidos como capazes de ver espíritos, poderiam prenunciar a morte. Na Roma Antiga e na Europa Central o seu uivo era interpretado como sinal de desgraça e morte. O cão era, na mitologia, o guia do homem na

O cão, por ser descendente de lobos, está associado à noite e à morte. Os cães domesticados, habitualmente, não uivam, pelo que, o facto de um cão uivar era associado à simbologia do uivo dos lobos e consequentemente à desgraça e à morte.

g) Bruxas/Feiticeiras

I. *Uma feiticeira antes de morrer tem de passar osovelos à sua sucessora.*¹⁵¹

O raminho, geralmente de cardeais, era pedido pela feiticeira a quem estivesse perto de si, para afugentar as moscas. Depois de as afastar, pedia a uma rapariga que estivesse por perto, que segurasse o novelo. Esse raminho continha os seus poderes e, nessa mesma noite, as outras feiticeiras viriam buscar a aprendiz para ir com elas dançar.

Dizem os mais velhos que a redução do número de bruxas tem a ver com o facto de as pessoas começarem, primeiro, a ter conhecimento desta realidade e, segundo, a morrer em hospitais na presença de profissionais de saúde. Em ambos os casos, em vez de aceitarem os raminhos com a mão, pediam à enferma que os colocasse numa pá do lixo ou noutro objecto semelhante. Assim, o “dom” não passava para ninguém.

II. *Ao colocar uma vassoura¹⁵² de cabo para baixo atrás da porta impedimos a feiticeira de sair.*¹⁵³

escuridão da morte, após ter sido o seu guia na luz da vida. LURKER, Manfred, *op. cit.*, p. 113 a 114 e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 239 a 245.

¹⁵⁰ AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 186 a 187 e 212 a 213.

¹⁵¹ FREITAS, Alfredo Vieira de, *Era uma vez...na Madeira*, 1984, p.133.

¹⁵² A **vassoura** é o símbolo do lar e o instrumento representativo das tarefas domésticas. É, também, símbolo do poder sagrado. Nos templos e santuários, o acto de varrer era um acto de culto. Tratava-se de limpar o chão de todos os elementos prejudiciais que vinham do exterior e esta limpeza só podia ser feita por quem tivesse mãos puras. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 98 a 99.

Para as bruxas, a vassoura é a carta número dezoito do *tarot*, que simboliza o progresso e o movimento ou a mudança. É um objecto ligado à limpeza do lar, usado particularmente por mulheres. Está associado às bruxas porque estando as mulheres confinadas às tarefas domésticas, davam largas à imaginação, partindo em *altos voos*. O movimento repetitivo do varrer facilitava estes estados mentais de esvaziamento da mente e transe. As mulheres, apesar de oprimidas pela sociedade masculina, continuavam felizes, falando de ocorrências e espaços que haviam acontecido durante estes momentos de transe. Assim, a sociedade sentiu necessidade de explicar por que razão estas mulheres estiveram noutros locais e deduziram que o único meio de transporte possível era o voo. Uma vez que o objecto presente em todos os lares era uma vassoura, concluíram que as mulheres voavam nas vassouras. Tendo o mito da vassoura voadora surgido desta forma. Cf. THOR, Tamina, *op. cit.*, p. 70 a 72.

¹⁵³ FREITAS, Alfredo Vieira de, *op. cit.*, p. 130.

A vassoura está associada à protecção do lar e à expurgação para o afastar dos elementos negativos. Ironicamente, este objecto, que é também ele um elemento representativo das bruxas, ao ser invertido e colocado ao contrário, não expulsa o mal do lar, mas retém-no no seu interior.

III. *Uma tesoura¹⁵⁴ aberta dentro de casa impede que a feiticeira saia.*¹⁵⁵

A tesoura, enquanto agente da vontade celeste e elemento decisor da vida e da morte, está associada ao poder divino.

A razão que pode justificar a existência desta superstição prende-se com o facto de a tesoura ser um objecto cortante e de, quando aberta, assemelhar-se à forma de uma cruz. Considerando que a cruz é o elemento protector contra o demónio e que as bruxas são tidas como suas representantes, terá alguma lógica que a tesoura sirva de protecção contra estas.

IV. Orações para afastar as feiticeiras:

*“Hoje é sáb’do
e sáb’do é;
in todas as casas
Jasui, Maria José.*

*Tosca, marrôsca¹⁵⁶
e marrôsca tosca;
ólhu na cara
freio na boca.
Guarda Dês a minha casa
de bruxas e faticeiras
e dessa comarca toda.”¹⁵⁷*

¹⁵⁴A **tesoura** é o agente da Vontade celeste que altera e transforma a matéria. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 260.

¹⁵⁵AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 181.

¹⁵⁶Marosca – Trapaça, engano, ardil, erro, enredo. In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Vol. II, p. 2390.

¹⁵⁷PESTANA, Eduardo Antonino, *Ilha da Madeira, I Folclore Madeirense*, 1965, Cap.V, p.77.

V. Para se proteger e evitar carregar com a feiticeira às costas, deve o homem que a encontrar dizer:

“Tosca, marrosca, cruces na testa, freio na boca, librai-me esta casa e esta comarca toda”.

Durante a oração que deve ser repetida 3 vezes, deve benzer-se na testa, na boca e sobre o peito.¹⁵⁸

VI. Para afastar as bruxas:

*“Hoje é Sáb’do e Sáb’do é in todas as casas Jasui, Maria, José, tosca, marrôscas e manôscas tosca; olhu na cara e freio na boca. Guarde Deus a minha casa de bruxas e faticeiras e dessa comarca toda”*¹⁵⁹

[Hoje é Sábado e Sábado é, em todas as casas, Jesus, Maria, José. Tosca, marosca e marosca tosca, olho na cara e freio na boca, Guarde Deus a minha casa de bruxas e feiticeiras e dessa comarca toda].

De referir que todas estas orações são semelhantes, sendo que duas delas fazem referência ao sábado, provavelmente por este ser considerado dia santo. O Sabath¹⁶⁰ é o dia de descanso, o dia consagrado a Deus.

¹⁵⁸AGUIAR, Fernando de, *op. cit.*, p. 180.

¹⁵⁹“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N° 1, p. 20.

¹⁶⁰CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *op. cit.*, p. 836 a 837.






Fotos tiradas em 2007 no Cruzamento da Rua dos Ferreiros com a Rua dos Netos. Por Cátia Olim





3. Receitas medicinais caseiras

O povo madeirense sempre acreditou e teve fé na fiabilidade das mesinhas caseiras na cura de doenças físicas. A maior parte seria solucionada com um chá ou infusão de ervas regionais. Fernando de Aguiar e o Visconde do Porto da Cruz publicaram em *Cousas da Madeira e Das Artes e da História da Madeira*, respectivamente, recolhas que fizeram sobre as curas para as maleitas das gentes. Alguns tratamentos foram seleccionados da edição de 2005 do Almanaque PEF.

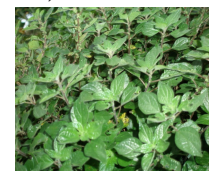
Metodologia

Os critérios de selecção resultaram da actualidade/pertinência das doenças. Uma vez que a lista era extensa, foram seleccionados os remédios caseiros para as doenças que a sociedade actual reconhece.

Doença	Tratamento
Albuminúria (perda de uma proteína chamada Albumina, através da urina).	Chá de amor de burro  Amor de burro (Foto de Cátia Olim)
Amenorreia	Botões de arruda.  Botões de arruda (Foto de Cátia Olim)
Amigdalite	Gargarejar com a água onde se ferveu sabugueiro.
Anemia	Comer ao deitar e ao levantar uma fatia de pão embebido em mel silvestre e vinho da ilha, em partes iguais; Comer grandes porções de agrião e de cebolas; Chá de losna bem temperado com açúcar de cana.  Losna (Foto de Cátia Olim)

<p>Apetite</p>	<p>Tomar um pequeno cálice de aguardente de cana em jejum; Chá de macela; Chá de alecrim pela manhã e pelo dia.</p>	 <p>Macela (Foto de Cátia Olim)</p>
<p>Apoplexia (extravasação sanguínea num órgão)</p>	<p>Chá de rosa mosqueta; Perfume de louro, losna, arruda, rosmaninho, murta, alecrim e outras ervas aromáticas que devem ser colocadas dentro de um prato de barro com brasas. Quando começar a fumar, coloca-se o prato por debaixo das roupas do doente. Deve ser feito à noite para que transpire e fique tranquilo.</p>	 <p>Louro (Foto de Cátia Olim)</p>
<p>Ar (o povo, quando desconhecia a causa da doença, dizia que certo indivíduo <i>teve um mal</i> ou <i>foi ar que lhe deu</i>, referindo-se, deste modo, a doenças actualmente popularizadas pela designação “AVC”)</p>	<p>Usar um anel de aço.</p>	 <p>Anel de aço (Foto de Cátia Olim)</p>
<p>Asma</p>	<p>Chá das folhas de grama; Cozimento com duas chávenas de água para seis raminhos de funcho, hortelã-pimenta, e um pouco de excremento de pombo, com uma ou duas colheres de açúcar; Caldo de lesmas.</p>	
<p>Azia</p>	<p>Uma colher de sopa, rasa de açúcar de cana; Comer peros, batata-doce, laranjas ou talos de couve.</p>	
<p>Bexiga</p>	<p>Chá de pés de cereja; Chá de raízes de morango; Cozer barbas de milho; Comer agrião cru ou raízes de aipo; Comer pimpinelas cozidas; Infusão das flores e das folhas de artemija.</p>	
<p>Bronquites</p>	<p>Mel de abelha; Chá de folhas de pitangueira; Infusão bem quente de folhas de eucalipto; Leite bem quente com umas colheres de aguardente de cana e mel silvestre.</p>	 <p>Pitangueira (Foto de Cátia Olim)</p>
<p>Calmante</p>	<p>Água de alface.</p>	





Calos	Amarrar durante quatro noites uma folha de ensaio sobre o calo e depois desse período lavar com água muito quente e com a unha tirá-lo.
Calvice	Chá de artemija ou de macela para lavar o cabelo; Água em que foram cozidas as cebolas para beber em jejum durante um longo período.
Chagas	Lavar com chá de amor-de-burro.
Cobro (eczemas)	Aplicação de farinha torrada, misturada com óleo de forja.
Colesterol	Chá de pitanga.
Cólicas	Chá de romã; Chá de macela; Uma chávena de chá de cascas de pepino.
Constipações	Chá de ervas com aguardente, tomados quentes; Chá de limão; Inspirar o vapor de uma infusão de água fervendo com folhas de eucalipto, seguindo-se forte resguardo.
Contusão	Friccionar o local com azeite e vinagre em partes iguais; Friccionar com vinagre e sal.
Coração	Chá de flores de laranjeira; Chá de oliveira; Infusão de folhas de pessegueiro inglês (Lúcia –Lima); Alho mastigado em jejum.
Dentes	Bochechos com chá de arruda, ou de sabugueiro; Bochechos de vinagre, aguardente e sal.
Desmaio	Friccionar os pulsos e as fontes com vinagre, com vinho ou com água fresca.
Diabetes	Chá de folhas de eucalipto; Chá de orégãos.
Diarreia	Chá de canela branca; Chá de silvado.
Digestão	Comer os talos subterrâneos da cenoura da rocha; Chá de anis.
Disenteria (infecção do intestino grosso que provoca normalmente fortes dores abdominais, ulceração das mucosas e diarreia, sempre acompanhada de muco e sangue.)	Irrigações internas com infusão de alfavaca; Beber infusão de casca de canela; Comer doce de uveira; Chá de casca de romã; Chá de erva-cidreira; Chá de folhas de arça roxo; Chá de folhas de pereira; Chá de alfavaca-de-cobra.
Dispneia	Chá de laranjeira; Chá de hortelã – pimenta.



Alfavaca (Foto de Cátia Olim)



Hortelã - Pimenta (Foto de Cátia Olim)

Diuréticos	Chá de pessegueiro inglês; Chá da flor da artemisa (artemisia ou alfinetes de senhora); Chá de barba de milho; Ingestão de acelgas; agrião; aipo; alcachofras; alho.
Dores menstruais	Chá de folhas de arruda; Infusão de losna. 
	Arruda (Foto de Cátia Olim)
Eczemas	Lavar com infusão de urtigas-vivas; Aplicar o líquido amarelo da cidronha. 
	Cidronha (Foto de Cátia Olim)
Entorses	Massagens feitas pelas “mulheres de virtudes” ou bruxas.
Epilepsia (ataques)	Tomar em jejum meio cálice de vinho Madeira com a infusão de esterco seco de cão.
Erizipela	Lavagens de chá de urtigas vivas ou de erva-gigante.
Estômago	Chá de erva-cidreira; Chá de botões de macela depois das refeições; Chá de camomila; Chá de erva-doce depois das refeições; Pêra abacate esmagada; Sumo de laranja ou de limão. 
	Erva-Cidreira (Foto de Cátia Olim)
Expectorantes	Chá de limão; Xarope de nabo (cortam-se os nabos às rodela e cobre-se com açúcar, para obtermos uma calda que é tomada às colheres de chá.)
Febre	Chá de tília.
Feridas	Pomada de pepino.
Feridas – Canelas	Ter a perna estendida e fazer aplicações com papa de abóbora amarela.
Fígado	Tomar em jejum e durante um mês um copo de água morna com sumo de um limão; Chá de boldo. 
	Boldo (Foto de Cátia Olim)
Furúnculos	Aplicar o mel extraído do figo;

(pêlo encravado)	Folhas de bonina pisadas e postas sobre o inchaço; Se for pequeno pode ser coberto com uma passa de uva ou um figo.
Garganta	Gargarejar água do mar morna; Gargarejar com uma colher de sopa de vinagre ou de sumo de limão e outra de sal de cozinha depois de dissolvidas.
Golpes	Uma teia de aranha estanca o sangue de uma ferida Azeite de loureiro colocado sobre o golpe estanca o sangue.
Gripe	Chá de eucalipto; Chá de segurelha; Deitar dentro de uma panela um litro de água, juntar um limão, três grelos de loureiro, três grelos de alecrim, duas folhas de malva brava, um raminho de erva-cidreira e um cálice de aguardente de cana. Deixa-se ferver até que o limão esteja cozido e, depois, cõa-se. O doente toma uma xícara deste remédio, bem quente, temperado com açúcar, antes de adormecer. Deve permanecer em resguardo.
Hemorróidas	Chá de pimentas malaguetas; Irrigações com água morna.
Ictéria (coloração amarelada da pele e/ou esclera (“branco do olho”))	Chá de rizoma de morangueiro; Chá cenouras; Suco cru cana-de-açúcar.
Infecções (externas)	Aplicar óleo de baga de loureiro.
Inflamações	Banhos de infusão de erva-gigante.
Íngua	Aplicar um unguento composto por uma colher de azeite e o mesmo de farinha, ligado muito bem.
Insônia	Chá de manjerona ou de erva cidreira; Chá de flores de laranjeira; Chá de pessegueiro.
Intestinos	Chá de linhaça (semente do linho).
Lombrigas	Chá de hortelã-pimenta.
Mordeduras (picadas de insectos)	Aplicar folhas de salsa pisadas; Aplicar folhas de novelos com alho e azeite pisados.
Nervos	Chá de flor de laranjeira; Água destilada da Alface; Chá de erva-cidreira.
Nevralgias	Colocar no local da dor rodela de batata (semilha); Aplicar cebola branca assada sobre as brasas, o mais quente possível.
Olhos	Lavagens com água de macela; Lavagem com chá preto.
Pele	Chá de hortelã.

Pústulas (nome atribuído às crostas ou ferimentos provocados por alforras)	Aplicação de azeite louro.
Queimaduras	Aplicar azeite e vinagre em partes iguais; Aplicar sal fino; Pincelar com azeite de loureiro ou com clara de ovo.
Raquitismo infantil	Mergulhar a criança em mosto acabado de sair da bica do lagar.
Reumatismo	Transportar uma pequena batata (semilha) nova da terra permanentemente no local doente; Friccionar com vinagre morno ou com petróleo; Lavar com infusão bem quente de alecrim; Banhos de água de mar morna.
Rins (cálculos e ácido úrico)	Chá de cavalinha bebido durante vários dias.
Rouquidão	Bate-se uma clara de ovo até ficar em castelo e adiciona-se uma colher de açúcar. Deve ser tomado várias vezes ao dia; Assar um limão sobre as brasas e colocá-lo em forma de cataplasma na garganta.
Sangue (purificar e criar sangue novo)	Chá de urtigas bravas; Infusão de azedas bebida em jejum; Beber durante algum tempo infusão de folhas de nogueira ou de bolsa de pastor.
Tosse	Infusão com as flores do alecrim.
Úlceras	Chá de erva-moura.
Variola (bexigas)	Esfregar o corpo do doente com sumo de limão.
Verrugas	Friccionar sal no lugar da verruga e atirá-lo ao fogo.

Das crendices e superstições, as mezinhas caseiras devem ser as que maior aceitação e, conseqüente, reconhecimento detêm na nossa sociedade. Os pais ou os avós têm por hábito fazer um chá de laranjeira para quase tudo, canja de galinha para os engripados, leitinho morno com mel de abelha para a tosse das crianças e poncha para a dos adultos.

Apesar de existirem inúmeras enciclopédias de medicinas naturais, o não leigo tem uma grande dificuldade em saber qual a planta e, conseqüentemente, em a encontrar, uma vez que as imagens apresentadas não são claras e os nomes, que estão em latim e português, diferem da designação regional.

4. Orações/Curas

É habitual, na Madeira, chamar “olho gordo” ou “camada de olhado” a tudo aquilo que provoca azares ou infortúnios a um indivíduo. A solução para estes problemas inexplicáveis é a *cura*. Esta *cura* é, geralmente, feita por uma mulher de uma certa idade, que apreendeu este conhecimento a partir de tradição geracional. A reza é dita de cor, auxiliada por uma ou mais cruces de alecrim ou por um rosário de contas pretas benzidas. Este tratamento deve ser feito sempre em número ímpar, geralmente nove, e nunca depois das ave-marias.

Há que ter alguns cuidados com o alecrim. Visto que se trata de um amuleto de protecção, o alecrim para curar não deve ver o mar, não deve ser tocado por outra pessoa que não o dono, porque, é voz corrente, que ele sente e enfraquece. Esta planta, também não deve ser plantada por uma pessoa casada, pois quem a plantar fica viúvo.

O alecrim é depois queimado, e o perfume (fumo que deita este preparado), é dado a cheirar ao “curado” para que o tratamento produza o efeito desejado. Os restos do alecrim queimado devem ser atirados em água corrente (levadas), deixados numa cruz (cruzamento) de caminho ou ardidos na lareira da curandeira. Não se deve pegar em alecrim que tenha sido usado para curar pois o mal passa para a pessoa que lhe tocar.

Refira-se que, durante o processo da cura, se acaso passar alguém, desconhecedor de que está a decorrer o tratamento, isso significa que foi um homem ou uma mulher, respectivamente, que deu “olhado” ou inveja.

Para que o procedimento funcione, o doente deve contribuir com algum dinheiro, mesmo que tenha um valor simbólico.

As curas não se resumem apenas à inveja ou ao mau-olhado. Embora sejam estas as mais conhecidas, existem também orações para curar de aberto, de ar, de sol ou ainda para curar animais e a casa.

A finalidade deste costume é curar os males do espírito e, embora não haja maneira de saber se cura os do corpo, a realidade é que depois de curadas tanto as pessoas se sentem melhores como vêm diferenças nas suas preocupações profissionais ou pessoais.

Metodologia

Foi feita uma recolha organizada e sistematizada com a apresentação de análises para os tópicos julgados mais importantes no âmbito dessa selecção.

Foram transcritas todas as orações de cura madeirenses que foram localizadas, independentemente do seu formato físico.

As transcrições feitas mantiveram-se fiéis à grafia original, pelo que se optou por transcrever em português actual as que denotavam marcas mais vincadas da oralidade, a fim de facilitar a leitura e a compreensão do texto.

As orações que se encontravam em formato áudio e que foram transcritas pela mestrandia são apresentadas com grafia actual, não tendo sido feita, por opção, uma transcrição mais fonética, uma vez que não era esse o propósito do projecto.

No final de cada conjunto de curas é feita uma análise tendo em conta o seu conteúdo, com a intenção de o elucidar.

a) Aberto

Aberto — Distensão muscular proveniente de pancada ou queda, dificultando os movimentos.¹⁶¹

Desmentido – Distensão muscular. Desarticulação na mão ou pé.¹⁶²

1.

“Eu o que curo?”

Carne cobrada, aberta, desmentida, torcida, rendida, nervo torto Deus connosco?

É isso mesmo que eu curo em louvor de Deus e das Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade, se é carne cobrada, aberta, desmentida, torcida, rendida, pisada, agravada, botada fora do seu lugar. Assim como eu curo em cruz, sare com o nome de Jesus; assim como eu curo em vão, Jesus te queira por são; assim como eu curo encruzado, Jesus te queira por sarado. E como a Virgem Maria com as suas sagradas mãos, junta carne, junta ossos eu é que curo e Deus é que sara. Em nome de Deus e das Três Pessoas divinas da Santíssima Trindade.”¹⁶³

2.

«Cruzam-se as mãos em cruz sobre a dor, e se “entua” uma oração nove vezes:

“E nosso Senhor pelo caminho.

A Virgem nossa Senhora e o senhor São José,

Encontrou Tomé¹⁶⁴. Que fazes aqui Tomé?

Senhor, eu não posso, estou coxo e manco de um pé

Levanta-te, Tomé

¹⁶¹ SILVA, Padre Fernando Augusto da, *Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira: alguns subsídios para o seu estudo*, 1950, p.1.

¹⁶² *Ibid*, p. 40.

¹⁶³ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Campanário, “Crendices e curas”, *Folclore*, Julho 2005, N.º 15, p. 13.

¹⁶⁴ **São Tomé** foi um dos doze discípulos e ficou conhecido pela sua incredulidade quanto à ressurreição de Cristo (cf. João 20:24/29). “Ora Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Disseram-lhe pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei.

E oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco. Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu. Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.” In: *Bíblia sagrada*, tradução João Ferreira de Almada, 1994, p. 1172.

*Senhor eu não posso estou coxo e manco
 Levanta-te Tomé.
 Quem da sagrada morte e paixão se lembrar
 A tua carne há-de sarar, carne quebrada, aberta,
 Desmentida e “descongentada” nervo torto
 E Deus connosco. Imponho tuas penas como
 Jesus Cristo nas suas “venas”.
 Como eu te cure em são, e sejas são como eu te cure
 Em cruzado seja sombra e sarado como nome de Deus
 E das Três Pessoas da Santíssima Trindade
 Sou eu que te curo e Deus que te acuda,
 E sare a tua necessidade.
 Credo, credo...”»¹⁶⁵*

3.

*“Carne quebrada, aberta ou desmentida, ou torcida acalmagada.
 Assim como eu coso com a Virgem Sagrada,
 assim eu coso com este novelo fofo em vão.
 Santos e Santos te venham tirar com a sua mão”.*¹⁶⁶

4.

*«“Carne aberta, desmentida, nervo torto no seu corpo, estavas doente e não dizias nada.
 Eu curava-te conforme sabias. Sou eu que te cure e Deus que te sare, em nome das três
 pessoas divinas, que é Pai, Filho e Espírito Santo.”
 O doente responde: “Nervo torto, neste meu corpo”.
 Repete-se 9 vezes a oração. Esta oração é rezada com o crucifixo do rosário e fazendo com
 ele cruces.»*¹⁶⁷

5.

*“Fulano, foi o nome que te puseram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria. Jesus
 Cristo encontrou Tomé: o que fazes por aqui, Tomé? Senhor, estou coxo de um pé. (repete
 3 vezes). Pois levanta-te Tomé que é da minha sagrada morte em paixão se lembrou carne*

¹⁶⁵ Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico, “Curas com rezas e orações”, *Folclore*, 2005, N.º 15, p. 14.

¹⁶⁶ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 18.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

quebrada ou aberta, desconjuntada ou apartada, nervo torto, volta à tua casa, volta ao teu osso. O Senhor seja connosco – Deus te cure e que sare a tua necessidade”.

Repete-se nove vezes a oração.¹⁶⁸

6.

«Primeiro faz-se o sinal da cruz.

*“São Gregório, virtuoso, eu curo carne quebrada, aberta, desmentida, desapartada e desconjurada. Se é nervo torto, sara o teu osso. Senhora santa Ana teve a Virgem e a Virgem teve o seu bendito filho Nosso Senhor Jesus Cristo, Santa Isabel, São João Baptista e como eu estimo a pura verdade diz Nosso senhor Jesus Cristo, queira acudir a esta necessidade. Eu te curo e Nosso Senhor Jesus Cristo te sarem nome das três pessoas da Santíssima Trindade (diz-se nove vezes) Virgem antes do parto, Virgem depois do parto, Virgem do parto sarai aqui. (é dito três vezes).”*¹⁶⁹

7.

«Primeiro benze-se.

Pessoa que cura:

”Santíssimo nome de Deus e da Virgem Maria, graça do Espírito Santo eu o que curo?”

Pessoa doente:

“Carne quebrada, aberta, desmentida, desconjuntada e veia torcida no meu corpo.”

Pessoa que cura:

”Carne quebrada torna à tua casa, nervo torto no teu solo. S. Gregório, S. Virtude solda a carne com o osso assim como a murta se abriu e se tornou a fechar também eu te curo para Deus te passar.”

Repete-se 9 vezes a oração, fazendo cruces sobre o sítio doente com a cruz do rosário.»¹⁷⁰

8.

“Carne aberta desmentida, nervo torto e isso mesmo que coso, com as três pessoas da Santíssima Trindade.

- O que fazes aí, Tomé?

- Senhor estou leco de um braço, combado de um pé.

*- Levanta-te, Tomé, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Cristo se lembrar.”*¹⁷¹

¹⁶⁸ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N° 1, p. 19.

¹⁶⁹ *Ibid*, p. 20.

¹⁷⁰ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Setembro de 1992, N° 2, p. 43 a 44.

9.

“Eu coso carne aberta, quebrada, desmentida, desconjuntada, veia apartada, nervo torto e Deus connosco.

– Onde vens, Tomé?

– Senhor, leco de um braço, coxo de um pé.

– É das minhas cinco chagas se lembrar. Carne quebrada, aberta, desmentida, desconjuntada, veia apartada, nervo torto torna a soldar.”¹⁷²

10.

“- O que coso?

– Carne aberta, quebrada, desmentida e nervo torto.

- Isso mesmo coso, com o nome de Deus, da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade. Eu que te cure e deus que te sare.

- Que fazes aí, Tomé?

- Senhor, estou leco de uma mão, cambado de um pé.

- Levanta-te daí Tomé. Quem das cinco chagas de Jesus Cristo se lembrar, nervo torto vai ao seu lugar.”¹⁷³

11.

«“Carne aberta, desmentida, nervo torto e isso mesmo que eu coso, as três pessoas da Santíssima Trindade.

- O que fazes aí, Tomé?

- Senhor, estou leco de um braço, cambado de um pé.

- Levanta-te, Tomé, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo se lembrar.”

Esta oração é dita nove vezes, com uma tesoura aberta, um pano que nunca fosse servido e uma agulha que fosse cosendo sem linha.»¹⁷⁴

12.

“Nó Sinhô, por um caminho, incuntrô a Sã Tomé. O Sinhô le perguntua: «Que fazes aqui; Tomé?» «Sinhore, ê tô malaco dum pé». «Al’vanta-te daí, Tomé. Cand’a minha sagrada Paixão-e-Morte for alembrada, a carne será salvada.»

¹⁷¹ “Rezas”, *Xarabanda Revista*, Segundo Semestre 1994, N°6, p. 71.

¹⁷² *Ibidem.*

¹⁷³ *Ibidem.*

¹⁷⁴ *Ibidem.*

Ê cur'aqui. É carne cobrada, aberta dimintida e fora do sê lugar; nervo torto e Dês connosco. E iss'mêm'á que se cura. Se carne cobrada, torna a ligar; se nervo torto, torna ao tê lugar.

Sant'Ana pari'a Virge; e a Virge pari'a Dêes. Ajuntai-nos isto aqui, ó Vírgim Mãe de Dêes. Aqui vem Sã Virtuoso juntar a carn'ao osso e o osso à mema carne.

*Em nome de Dês, da Virge Maria e das três psâuai da Santíss'ma Trindade, ê curo e Dês á que te sara.*¹⁷⁵

[Nosso senhor, por um caminho, encontrou S. Tomé. O senhor perguntou: “Que fazes aqui, Tomé?” “Senhor estou manco de um pé.” “Levanta-te daí Tomé. Quando a minha Sagrada Paixão e Morte for lembrada, a carne será salva.”

Eu curo aqui. É carne quebrada, aberta, desmentida e fora do seu lugar, nervo torto e Deus connosco. É isso a isso mesmo que se cura. Se carne quebrada, torna a ligar, se é nervo torto torna ao teu lugar.

Santa Ana pariu a Virgem, e a Virgem pariu a Deus. Ajunta-nos isto aqui, ó Virgem Mãe de Deus. Aqui vem S. Virtuoso juntar a carne ao osso e o osso à mesma carne.

Em nome de Deus, da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu curo e Deus é que te sara.]

13.

«Em louvô de Dês, da Virge Maria, o que curo? Carne cobrada, aberta, dimintida, osso desconjuntado, nervo torto, no mê corpo. Isso curo eu.

Em louvô de Dês e da Virge Maria e de Sã Vertoso, livrai-nu da carne cobrada, aberta, dimintida, osso desconjuntado, nervo torto, no mê corpo.

Carne cobrada vai ao tê lugar; nerve torto, vai a tê soldo; veia torcida, à tua casa.

Estávai doente, porque nã me chamaste? Ê te curaria, conforme sabia.

*Em louvô de Deus e d'Virge Maria e em nome das três psâuai da Santíss'ma Trindade, que é Padre, Filho e Espírito Santo. Ê te cure e Dês que te sare.»*¹⁷⁶

[Em louvor de Deus, da Virgem Maria, o que curo? Carne quebrada, aberta, desmentida, osso *desconjurado*, nervo torto, no meu corpo. Isso curo eu.

Em louvor de Deus e da Virgem Maria e de São Virtuoso, livrai-nos da carne quebrada, aberta, desmentida, osso desconjuntado, nervo torto, no meu corpo.

¹⁷⁵PESTANA, Eduardo Antonino, *Ilha da Madeira I – Folclore Madeirense*, 1965, Cap.V, p. 75.

¹⁷⁶*Ibid*, p. 75 e 76.

Carne quebrada vai ao teu lugar, nervo torto, vai ao teu soldo, veia torcida, à tua casa.
Estáveis doente, porque não me chamaste? Eu te curaria, conforme sabia.
Em louvor de Deus e da Virgem Maria e em nome das três pessoas da Santíssima Trindade, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Eu te curo e Deus que te sare.]

14.

«”*Sã Felipe Vertuoso, em que coso?*”

Carne cobrada

aberta e dimintida

e nervo torto

e veia cavalgada

ê coso c’a Virge sagrada.

S’ê carne cobrada

vai prá tua casa

s’ê veia torcida

ou nervo torto

que vaia a sê soldo.

Assim como ê te ponho a mão

Jasus Cristo te ponha são

e todos ui santos que na corte do Cé’stão.”

A curandeira, enquanto recita qualquer forma deste ensalmo, simula coser, com uma agulha sem linha enfiada, um novelo de linho, feito, em geral, de retalhos de peças de bordado.»¹⁷⁷

15.

«”*Sã Felipe Vertuoso, em que coso?* [São Filipe Virtuoso, em que coso?]

Carne cobrada [carne quebrada]

aberta e dimintida [aberta e desmentida]

e nervo torto [e nervo torto]

e veia cavalgada [e veia cavalgada]

ê coso c’a Virge sagrada. [eu coso com a Virgem Sagrada]

S’ê carne cobrada [Se é carne quebrada]

vai prá tua casa [vai para a tua casa]

¹⁷⁷ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 76

S' é aberto, vai a tê texto. [se é aberto, vai ao teu texto.¹⁷⁸]

Assim cuma ê coso este novelo fofo, [Assim como eu coso este novelo fofo,]

Assim se una a carne c' o osso [Assim se una a carne com o osso,]

Assim cuma ê coso in vão, assim sejai são. [Assim como eu coso em vão, assim sejas são.]

Assim cuma ê coso em cruz, assim solde c' o nome de Jusus. [Assim como eu em cruz, assim solde com o nome de Jesus.]

Assim cuma ê coso em cruzado, assim seja soldado. [Assim como eu coso em cruzado, assim seja soldado.]

Assim cuma ê te ponho a mão, [Assim como eu te ponho a mão,]

Jasus Cristo te ponha são. [Jesus Cristo te ponha são.]

Santos e santas que no coro do Cé'stão [Santos e santas que no coro do Céu estão,]

te queirum curar c' a sua santa mão. [te queiram curar com a sua santa mão]

Sã Felipe virtuoso, [São Filipe virtuoso,]

C' o nome de Dês eu coso. "[com o nome de Deus eu coso.]

A curandeira, enquanto recita qualquer forma deste ensalmo, simula coser, com uma agulha sem linha enfiada, um novelo de linho, feito, em geral, de retalhos de peças de bordado.»¹⁷⁹

16.

A curandeira, enquanto vai cosendo algum bocado de fazenda ou em novelo de linhas, etc., diz para o doente:

“- *Santo Amaro te encase e te leve ao seu lugar o que coso.*”

O doente responde:

“- *Carne quebrada, aberta, desmintida e nervos desconjuntados, apartados, nervo torto e deus connosco.*”

A curandeira:

“- *Isso mesmo é que eu coso, carne que te quebraste, veia que te acavalgaste, nervo que te desconjuntaste. O bem – aventurado Santo Amaro te encase e leve ao seu lugar. Amém.*”

«Deve repisar-se a prática por nove vezes em cada dia, enquanto o doente não ficar sarado.»¹⁸⁰

¹⁷⁸*Texto* – Cheio; Preenchido; «Atestado». Cf. SILVA, Padre Fernando Augusto da, *op. cit.*, p.111.

¹⁷⁹PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 76.

¹⁸⁰AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 203 e *id.*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 9 e 10.

17.

*“Nas horas de Deus e da Virgem Maria
 Deus Nosso Senhor por um caminho
 E o Senhor São Pedro
 São Tomé encontrou e lhe perguntou
 O que fazes aqui Tomé
 Senhor eu não posso estou conxumento
 De um (diz o nome da parte do corpo que dói)
 Levanta-te Tomé que vou-te curar
 Que na minha sagrada morte paixão cuidar,
 Se for carne quebrada há-de sarar,
 Se for dor há-de passar,
 Se for nervo torto há-de encaixar
 Nas horas de Deus e da Virgem Maria,
 Eu te cure e Deus te sare amém.”*¹⁸¹

18.

*«Nosso Senhor indo por um caminho, São Pedro e São Tomé encontrou.
 -Que fazes aqui Tomé?
 -Senhor tou com inchamento de um pé.
 -Levanta-te Tomé, enquanto a minha morte e paixão se lembrar a tua carne será soldada.
 São Gregório, te cure carne aberta, desmentida, veia calvagada, num todo te junto num
 todo te soldo, e carne quebrada em todas as tuas fendas assim como nosso Senhor Jesus
 Cristo e todas as suas penas.»*

Cura feita nove vezes, e ao fim dessas nove vezes e a pessoa que reza e o que está a ser curado rezam um Pai-nosso e uma Avé Maria.»¹⁸²

19.

«Primeiro há que "rezá-la" com um paninho, uma agulha e linha. No momento da oração, o paninho e agulha encostam-se à zona mazelada [doente] e vai-se cozendo, como se fechando, e inicia-se a cura!

¹⁸¹ <http://www.freguesiasantacruz.com/html/patrimonio.htm> [Consultado em 19-01-2010].

¹⁸² http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

O número de orações tem de ser ímpar, nunca par. Quanto mais rezares, mais depressa ficas curado.

Vamos experimentar? Então é assim, a pessoa que está contigo e que vai orar, com a mãozinha no paninho e cozendo:

“Indo São Tomé pelo caminho,

Nosso Senhor o encontrou.

- Que fazes Tomé? Levanta-te Tomé!!

- Senhor, eu não posso, tenho um chimeco no pé

Quem da minha morte e paixão se lembrar

(agora o orador, mais a vítima)

Carne Quebrada!

(depois a vítima repete)

Aberta!

Desmentida!

Apartada!

Vem à cavalgada!

Nervo torto!

Que irá ser solto!

São Tomé que te cure!”»¹⁸³

20.

Para a cura é necessário um novelo, uma agulha, um pente e uma tesoura.

Coloca-se o pente e por cima a tesoura aberta em cruz. O novelo é colocado em cima da tesoura e enfia-se uma linha na agulha.

A curandeira pergunta enquanto cose no novelo:

- Eu que curo aqui?

O doente responde:

- Carne quebrada e aberta e desmentida

A curandeira diz:

- Trocida e rendida

É isso mesmo que eu curo

Em nome de Deus e da Virgem Maria

¹⁸³<http://nunovrruum.blogspot.com/2007/05/cura-te-e-andaaaaaa.html> [Consultado em 19-01-2010].

Assim como eu em vão coso

Neste novelo fofo

*Assim ligués tu a carne com o osso*¹⁸⁴

21.

Em primeiro lugar dá-se uma massagem e depois faz-se a cura.

A curandeira pergunta:

Eu de que te curo?

Responde o doente:

Carne quebrada, aberta, rendida, distorcida, desmentida

Diz a curandeira:

Eu mesmo te curo

Com nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas divinas da Santíssima Trindade

Onde ponho as minhas mãos, ponha a Virgem Nossa Senhora a sua santidade

Jesus por um caminho, encontrou São Tomé

-Tomé o que tu tens?

-Senhor tou coxo e manco de um pé.

-Levanta-te, Tomé, que na minha sagrada morte

Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Se lembrar de ti, onde dia a dia

morte não morria,

a carne quebrada soldaria

Ao seu lugar iria

No final rezar um Pai Nosso e uma ave maria a São Tomé dizendo:

São Tomé, tu és um servo de Deus

Queira Nosso Senhor curar este pé

Seja pelo amor de Deus

Faz-se a cura nove vezes.¹⁸⁵

22.

Eu ia por um caminho mais o senhor São Pedro

¹⁸⁴ DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 29' 49'' – 31' 42'', por Maria Virgínia de Andrade, 65 anos, Cascalho, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrição de Cátia Olim.

¹⁸⁵DSPC, Calheta, fita 4, gravação 1, 03' 47'' – 05' 35'', por Maria Pechinha, Paul do Mar, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrição de Cátia Olim.

São Tomé encontrou, Nosso Senhor lhe perguntou

-Que fazes aqui Tomé?

-Senhor eu estou doente, estou caximbanco de um pé.

-Levanta-te Tomé.

-Senhor eu não posso.

-Levanta-te Tomé, quem da minha sagrada morte e paixão se lembrar, a sua carne será soldada.

Sangre agora eu coso, carne quebrada, ou aberta, ou desmentida, ou desconjuntada, ou desapartada, ou veia cavalgada, ou nervo torto. Deus connosco.

Isso mesmo eu coso, carne quebrada torna ao teu lugar, nervo torto torna a ser solto.

Eu que te curo e Deus que te sare e te valha às tuas necessidades.

Carne quebrada nas tuas penas assim como Cristo teve nas suas divinas penas. Ámen.¹⁸⁶

23.

Eu que te curo, com nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas da Santíssima Trindade

Eu que te curo e Deus que te sare

E Deus que te acuda à tua necessidade

Ja Jesus por um caminho, São Tomé encontrou

Nosso Senhor perguntou:

-O que fazes aqui Tomé?

-Senhor estou manco de um pé

-Levanta-te daí Tomé, que das minhas cinco chegas

Se lembrou três vezes ao dia

Carne cobrada, ou aberta, ou apartada, desconjuntada

Assim soldes tu

Carne cobrada torna à tua casa e nervo torto torna a ser solto

Assim seja Deus connosco, ámen

Santa Ana é a mãe da Virgem

A Virgem é a mãe de Jesus

Carne cobrada, ou aberta, apartada, desconjuntada

Assim soldes tu

¹⁸⁶DSPC, Machico, fita 26, gravação 5, 00' 06'' – 00' 38'', por António Domingos de Freitas, Porto da Cruz, Referta, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrição de Cátia Olim.

Carne quebrada torna a tua casa

E nervo torto torna a ser solto

Assim seja Deus connosco, ámen”

Cura-se durante nove dias seguidos, nove vezes da cada vez.¹⁸⁷

24.

Curandeira:

- *O que curo?*

Diz o doente:

- *Carne quebrada e aberta, rendida*

Responde a curandeira:

Assim mesmo eu curo

Carne quebrada ou aberta, rendida

Ou desmentida, ou distorcida, ou despartada, ou nervo torto

Torne a ser solto

Assim como o senhor Santo Amaro curou e soldou

Pernas e braços foi o que ele quebrou

Que este pé fique são

Santos e santos

Seja a minha ternura,

Verdadeira Virgem Santíssima

Que me ajude a curar esta enfermidade

Pelo nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo

Sou eu que te cure

E Nossa Senhora que tenha pena e piedade

Enquanto se cura faz-se cruces com a mão. Depois reza-se um Pai Nosso e uma ave maria e pede-se a Deus que cure.¹⁸⁸

25.

Pergunta a curandeira:

Em nome de Deus que coso?

¹⁸⁷DSPC, Machico, fita 2, gravação 1, 04' 54'' – 05' 54'', por Maria José Ferreira Clemente, Ribeira Seca, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrição de Cátia Olim.

¹⁸⁸ DSPC, Calheta, fita 5, gravação 8, 00' 07'' – 01' 16'', por Leopoldina Faria, Paul do Mar, Quebrada, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrição de Cátia Olim.

Responde o doente:

Carne aberta, desmentida, desconjuntada, nervo torto fora do seu lugar

Diz a curandeira:

Isso mesmo eu coso

Em nome de Deus, da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade

Eu que te cure e Deus que te sare

Ia Nosso Senhor pelo caminho

E encontrou Tomé

-Levanta-te Tomé

Responde o doente:

Senhor estou leco de um braço, cambado de um pé

Curandeira:

Levanta-te Tomé

Quem destas cinco chagas se lembrar

Carne quebrada, aberta, desmentida, desconjuntada, nervo torto

Torna a soldar.

Enquanto cura deve a curandeira coser, com agulha e linha, num pano de linho que nunca tenha sido usado. Cura-se nove vezes.

A curandeira deve benzer-se antes e depois da cura.¹⁸⁹

26.

Coloca-se um pano em cima do lugar ferido, e cose-se no pano em cruz com a agulha e linha. Cura-se nove vezes por dia.

Com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade

Eu coso carne aberta e apartada, desconjuntada, mal cavalgada,

São Gregório, São Virtuoso,

Este mesmo é que eu coso, neste corpo vivo não morto

Eu que te cure e Deus que te sare e Deus que te acuda às tuas necessidades e te livre de fistulas e de todo o mal que neste corpo entrar.

A Santa Ana teve a Virgem, a Virgem teve a Deus

Ponha-me este corpo são ó Virgem Mãe de Deus.¹⁹⁰

¹⁸⁹ DSPC, Porto Santo, fita 14, gravação 1, 08' 06'' – 13' 46'', Matilde Gomes de Vasconcelos. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

27.

Para curar a mão:

Carne quebrada e aberta e desmentida e nervo torto

Isso mesmo coso

Das três pessoas santas da Santíssima Trindade

Eu te curo para te passar como Nossa Senhora

Curou seu divino filho para passar

Carne quebrada e aberta e desmentida e desconjuntada torna a seu lugar

A curandeira deve benzer-se em primeiro lugar. Enquanto cura deve coser num pano de linho com uma agulha e linha em cima da zona doente e massajar com algum óleo a área do entorse. Deve curar-se em número ímpar.¹⁹¹

Para curar o pé:

Carne quebrada e aberta e desmentida e desconjuntada torna a seu lugar

Levanta-te Tomé

Senhor estou manco de um braço e leco de um pé

Quando as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo

De mim se lembrar

E nervo torto tornará a seu lugar

Põe-se uma tesoura aberta em cima da zona doente. Enquanto se diz a oração cose-se num pano de linho com uma agulha. Massaja-se a área enferma.¹⁹²

Eram muito frequentes as “queixas de aberto”. Este género de oração caracteriza-se por ter mais versões e variantes do que as restantes orações, à excepção das que são referentes ao olhado.

No seu conteúdo, as orações são semelhantes. Partem de uma enumeração de possíveis locais e variantes de entorses, e recorrem a divindades apelando à cura.

¹⁹⁰DSPC, Machico, fita 36, gravação 1, 00'18'' – 01'52'', Júlia Nunes Pereira, 65 anos, Igreja, Água de Pena. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

¹⁹¹DSPC, Porto Santo, fita 17, gravação 1, 22' 02'' – 26' 17'', Berta Meneses, 75 anos, Tanque. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

¹⁹²DSPC, Porto Santo, fita 17, gravação 1, 22'02'' – 26'17'', Berta Meneses, 75 anos, Tanque. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Das vinte e sete versões encontradas, quinze fazem referência a São Tomé. Foi este apóstolo quem duvidou da ressurreição de Cristo. Não se sabe se foi escolhido por ter questionado esse facto ou se, como apenas acreditava no que via, servia a oração para inculcar a crença cega do doente na cura. Duas referem Santo Amaro e sete apelam a S. Virtuoso. As restantes recorrem a Nossa Senhora e a Deus.

É de salientar que uma das curandeiras faz a distinção entre o curar uma mão e o curar um pé, dividindo o texto, habitualmente utilizado nas outras orações apresentadas, em dois.

Enquanto entoa a reza, a curandeira deve, de acordo com dez das orações, coser num pano de linho ou num novelo. Este último objecto é utilizado em seis das orações.

b) Ar

1.

«*“Eu te curo (nome da pessoa) em louvor de Deus e das Três pessoas divinas da Santíssima Trindade. Eu curo, Jesus que te sare, se foi ponta de ar mau, ar íris, ar frio que entrou neste corpo, Deus te queira tirar e naquele mar o queira deitar, ar mau, ar íris, ar frio, vai-te pela serra fora onde não oiça o galo cantar, pinto piar, machado cortar, água “zuar”, oiro bento passar, nem cão ladrar. Se entrou ao pôr-do-sol, ao nascer das estrelas, ao correr das areias, Deus te queira tirar e naquele mar o queira deitar. Assim como a Virgem curou Jesus com a sua Santa mão, eu também a curo com a minha. Amém Jesus. Pai-Nosso e Avé Maria.”*

Isto, depois do sol nascer e antes do sol se pôr com as contas, na mão, uma cruz de alecrim e uma foice ao ombro.

Curar 9 vezes.»¹⁹³

2.

«Uma toalha de linho e um copo de água sobre a cabeça, nove pontas de alecrim e nove galinhos de palmitos, benzidos no Domingo de Ramos, são indispensáveis para curar “males” da cabeça. Este ritual fazia-se acompanhar de uma oração:

“Maria, (nome de baptismo) estás alembrada filha de Deus Pai, filha de Deus Filho encarnado, filha do Espírito Santo.

Na divina encarnação, faz este filho cristão.

Se é ar quente vai para a serra

Se é ar frio vai para o mar

Que este corpo que me é pobre

Não se pode sentar que o mar é rico

E poderoso e pode com todo o mal

Credo, Credo”»¹⁹⁴

3.

¹⁹³ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Campanário, “Crendices e curas”, *Folclore*, Julho 2005, N.º 15, p. 13.

¹⁹⁴ Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico, “Curas com rezas e orações”, *Folclore*, Julho 2005, N.º 15, p. 14.

“*“Maria” te chamas de Cristo depois da pia. Com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade eu te curo e Deus te queira tirar este ar, este olhar, este invejado atravessado nas serras seja deitado e vá para o mar que é rico e poderoso, pode com o bem e com o mal. Credo em cruz, que é o nome de Jesus.*”¹⁹⁵

4.

«*“Se é frio vai para a serra, se é mau vai para o mar, que na terra está o louro bento que contigo há-de ficar, que este corpo (nome da pessoa a ser curada) é pobre não te pode sustentar”*

A oração é repetida nove vezes com uma tesoura aberta fazendo cruzeiros sobre a cabeça da pessoa. A mesma pessoa deve ser perfumada três vezes ao dia com alecrim e jarvão¹⁹⁶.»¹⁹⁷

5.

«*“Jesus, com o nome Jesus, com o nome da Virtude. Com o nome da Santíssima Trindade; sou eu que curo, Jesus sare. Santa Maria Virgem, Santa Isabel, São João Baptista. Assim como esta verdade e a Virgem Deus queira tirar este mal deste corpo, deste sangue, destes nervos, que este corpo tem ar passado do sol ou da Lua, o da noite, o do dia, o do frio, o do vento. Oh, sara-me, Senhor que foi crucificado e que andais por este mundo, tirai este mal deste corpo tão fundo. Senhor São Sebastião como foi assaltado com este mal seja curado, Santíssimo nome de Jesus, Santíssimo Sacramento.”*

Rezar um Credo em Deus Pai.»¹⁹⁸

6.

«*“Jesus, com o nome de Jesus, com o nome da Santíssima Trindade, sou eu que curo o ar de caminho ou de levadas ar de igreja ou qualquer coisa que seja casa aguada, de homem bom ou mulher má, por baixo de água ou por cima da palha por onde este mal entrou por lá saia.”*

Rezar um Credo em Deus Pai.»¹⁹⁹

7.

¹⁹⁵ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 17.

¹⁹⁶ **Jarvão** – Erva-crista; Salva-dos-caminhos. In http://aguiar.hvr.utad.pt/pt/herbario/cons_reg_fam.asp?familia=Lamiaceae [Consultado em 06-01-2011].

¹⁹⁷ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 44.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

«*Jesus Cristo obrou, Jesus Cristo encarnou com a sua Santa Encarnação. Deus queira tirar este mal é o frio do ar deste cristão, se é o frio vá para a serra se é ar vá para o mar que este corpo não te quer nem há lugar para nele estar.*»

(Rezar um Credo em Deus Pai.)»²⁰⁰

8.

Para curar de ar com um galho de alecrim de cada vez, é preciso perfumar e a reza é igual tanto de um curado como de outro e o oferecimento também é igual.

Com cinco ou nove galhos de alecrim sobre a cabeça da pessoa ou de outra coisa qualquer, mas sempre benzendo em cruz e dizendo assim:

“Eu te curo em nome de Deus e da Virgem Maria, das três pessoas da Santíssima Trindade eu te curo dos ares da manhã e dos ares da noite e de todos os ares maus, Nossa Senhora por sua misericórdia queira tirar este mal fora deste corpo e deste miolo para o fundo do maré e se isto não basta, basta as três pessoas das Santíssima Trindade. Eu te ponho as minhas mãos, Jesus a Sua Sagrada Virtude e a de São Arluiz, que este corpo não é teu, nunca foi, nem há-de ser vai-te para campos verdes onde não tenhas quem te esbarre, onde não oiças água soar, nem boi berrar, nem galo cantar, nem sino tocar, vai-te para o fundo do mar para nunca mais te tornar a dar.”

*Oferecimento de três Pai Nosso, três Avé Maria e uma Glória a Deus, esta cura que eu curei e esta reza que eu rezei ofereço à Sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e a São Arluiz que queira tirar este mal fora deste miolo e do seu corpo todo para o fundo do mar para nunca mais te tornar a dar.”*²⁰¹

Nota: Para esta transcrição foi adoptada a grafia actual.

9.

«*Ar mau, ar frio, ar morto, sai deste corpo. Vai para a serra não para o mar, onde não ouça galo nem galinha cantar nem erva-benta bocejar, que lá está o louro verde para contigo se abraçar.*»

²⁰⁰ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 45.

²⁰¹ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 206 a 207 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, p.10 a 11.

Rezado nove vezes, usando 9 pontas de louro. De cada nove vezes é jogado o louro para trás das costas sem olhar.»²⁰²

10.

[nome do doente] *tu foste baptizado na pia*
Eu te curo com nome de Deus e da Virgem Maria
E das três pessoas da Santíssima Trindade
Onde eu ponha as minhas mãos
Ponha a Virgem Nossa Senhora e a sua santidade
Alecrim bento que nasceste no campo
Tirai este ar e doença que este corpo tem
Se foi no teu comer, ou se foi no teu vestir, ou no teu calçar,
ou no teu falar, ou no teu ouvido
Senhor foi ar de mal de mulher, ou de bruxa, ou de bruxo, ou ar de caminhos,
ou ar de janelas, ou ar de igrejas, ou ar de mar, ou ar de qualquer lugar
Venha Nosso Senhor de passadinha em passadinha
Deste corpo tirar esse mal olhado, esse mal invejado, essa constipação
Que a tua cabeça e o teu corpo e o teu estômago fique são
Com nome de Deus e da Virgem Maria
E das três pessoas da Santíssima Trindade
Deus te tire essa doença e a deite para longe no prego do mar
Onde não oiça galo nem galinha cantar, nem menino chorar
Porque ele é rico e poderoso
Pode com bom e com o mau
Santo António do Brasil
Tu és um santo português
Pede a Nosso Senhor
Que tire o ar e invejo mau
Que este corpo tem
*Seja pelo amor de Deus*²⁰³

²⁰²http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

²⁰³DSPC, Calheta, fita 4, gravação 2, 00'14'' – 01'20'' e fita 4, gravação 1, 00'16'' – 02'42'', Maria José Faria Pechinha, 53 anos, Paul do Mar. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Ar e ventania**11.**

Caminhou Santa Iria, pelo caminho da mouraria

Encontrou a Virgem Maria

A Virgem Maria lhe perguntou:

- Para onde vais Santa Iria?

- Vou curar o mê filho do ar e da ventania

- Volta atrás Santa Iria

Vai curar o teu filho do ar e da ventania

Com nove pontas de toalha e um copo de água fria

Pai Nosso, ave- maria

Repete-se nove vezes.

Dobra-se uma toalha de linho de maneira a que fique com nove pontas, enche-se uma garrafa com água deixando o gargalo vazio, coloca-se a garrafa virada para baixo em cima da toalha, apertam-se as pontas da toalha para cima, e coloca-se em cima da cabeça do paciente enquanto se cura. Se for mal de ar ou ventania, o ar passa para a garrafa fazendo bolhas. Enquanto a cura é entoada são feitas cruzeiras com a mão.²⁰⁴

Ar de portas e janelas**12.**

*“ Maria se tens ar de portas e de janelas, o ar seja luminado. Jesus Cristo obrou e encarnou a sua santa encarnação. Credo, credo, vai para o mar que és rico e todo-poderoso, podes com o bem e com o mal. Esse corpo é pobre não te pode sustentar Deus te fez, deus te criou e te venha deitar nos olhos de quem te deitou”.*²⁰⁵

Ar de frio**13.**

«Três maus três são vai-te para a serra ou para o mar, onde não ouça o boi berrar, nem o galo cantar. Afasta-te males onde vieste pousar, para nunca mais aqui passar. Vai-te, praga maldita, para aquele mar. Este corpo é pobre, não te pode sustentar.»

²⁰⁴DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 16’59’’ – 24’09’’, Filomena Isabel d’Agrela, 73 anos, Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²⁰⁵ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N ° 1, p. 17.

Diz-se 9 vezes, fazem-se uns perfumes e uns vapores, quando está na cama com água a ferver.»²⁰⁶

14.

«*“Eu te curo cristão com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade, se é ar de portas ou do caminho ou da ladeira ou da ribeira ou da ermida ou dos iluminados, Jesus Cristo obrou e encarnou, queira tirar este mal deste cristão se é ar vai para a serra se é frio vai para o mar que este corpo é pobre não te pode sustentar eu te curo e Deus que te sare.”*

Tem de ser dito nove vezes.»²⁰⁷

Ar de sol

15.

«*“Para onde vais, Iria²⁰⁸? Eu venho curar o meu filho de Sol e calmaria. Torna atrás, Iria, que o teu filho curaria com toalhinha de linho e meio vidro de água fria. Que seja tirado em nome de Deus e da Virgem Maria.”*

Curar com uma toalha de linho sobre a cabeça e com um copo de água fria.»²⁰⁹

16.

«*“Santa Iria pelo mar abaixo ia. Onde vais, Santa Iria? Vou curar o meu filho do fogo. Calmaria, Santa Iria, eu mesmo o curaria com 9 peças de toalha e um vidro de água fria, um Pai Nosso e uma Avé Maria.”*

²⁰⁶“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N ° 1, p. 17.

²⁰⁷ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N ° 2, p. 45.

²⁰⁸“Conta a história que na antiga Nabância (Tomar) nasceu Iria, uma bela jovem. Desde cedo, Iria descobriu a sua vocação religiosa e entrou para um mosteiro. A região era governada pelo príncipe Castinaldo, cujo filho Britaldo tinha por hábito compor trovas junto da igreja de S. Pedro. Um dia, Britaldo viu Iria e ficou perdidamente apaixonado por ela. Ficou doente de amor e, em estado febril e desesperado, reclamava a presença da jovem. Temendo o pior, os pais foram buscá-la. Iria pediu-lhe que a esquecesse, porque o seu coração e o seu amor eram de Deus. Britaldo concordou sob a condição de que ela não pertencesse a mais nenhum homem. Passados tempos, Britaldo ouviu rumores infundados de que Iria tinha atraído a sua promessa e amava outro homem. Furioso, seguiu-a num dos seus habituais passeios ao rio Nabão, apunhalou-a e atirou o seu corpo à água. O corpo de Iria foi levado pelas águas até ao Zêzere e daí ao Tejo. Foi encontrado junto da cidade de Scalabis (Santarém), encerrado num belo sepulcro de mármore. O povo rendeu-se ao milagre e, a partir de então, a cidade passou a chamar-se de Santa Iria, mais tarde Santarém. Cerca de seis séculos depois, as águas do Tejo voltaram a abrir-se para revelar o túmulo à rainha D. Isabel, que mandou colocar o padrão que ainda hoje se encontra na Ribeira de Santarém.” In: *Lenda de Santa Iria*. In: **Infopédia** [on line], Porto, Porto Editora, 2003-2010, [Consultado em 2010-10-07] Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-santa-iria](http://www.infopedia.pt/$lenda-de-santa-iria).

²⁰⁹“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N ° 1, p. 17.

Para a execução é necessário: um copo de água, uma toalha de linho da terra e algo para atar.

A toalha é dobrada em nove partes. Com um copo cheio de água, a toalha cobre o copo e depois é atada de modo a não se soltar do copo. O copo é virado ao contrário e com a boca para a cabeça do doente. A oração é rezada com a mão que faz as cruzes sobre a parte inferior do copo. Cada vez que se reza a oração, tem que rezar o Pai Nosso e a ave-maria. Repete-se nove vezes e por vários dias. O número de dias é impar.»²¹⁰

17.

«*“Na Rua da mouraria, encontrei a Virgem Maria. Tu para onde vás, Santa Iria? Vou curar o meu filho. Pois volta atrás, Santa Iria, curares o teu filho com cinco pontos e uma toalha de linho e um copo de água fria. Pai Nosso – Avé Maria.”*

A toalha é dobrada em cinco pontos e o copo virado com o fundo para o ar sobre a cabeça.»

Reza-se nove vezes e deve ser feita ao sol.

«Depois pronuncia-se:

“*Santa Ana, Senhora de Belém, tira-me este mal que esta senhora tem.*”²¹¹

18.

«*“Caminhou Santa Iria pelo caminho da Mouraria, encontrou a Virgem Maria. A Virgem Maria perguntou: para onde vais Santa Iria? Curar o meu filho do sol e de ar frio. Eu mesmo o curaria com nove pontas de toalha e um copo de água fria, um Pai Nosso e uma Avé Maria.”*

Objectos necessários para efectuar esta cura: uma toalha de linho dobrada em nove pontas, uma cruz de alecrim e um copo de água. O copo é coberto com a toalha amarrada e depois depositado com a boca para a cabeça. O alecrim é colocado em cima ou em baixo do copo, indiferentemente. É rezada a oração nove vezes, fazendo cruzes e, de cada vez que se repete a oração, temos de rezar um Pai-nosso e uma Avé Maria. Se a água ferver, o doente sofre do mal.»²¹²

²¹⁰ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 18.

²¹¹ *Ibid.*, p. 19.

²¹² “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 44.

19.

«Repetir nove vezes, colocando sobre a cabeça um pano branco e um copo de água fria sobre este, voltado para baixo.

“*Santa Iria*

Pelas Avé-Marias

Encontrou a Virgem Maria

Onde vais Santa Iria?

Vou curar o meu filho

Do sol e da Calmaria.

Volta pr’a traz Santa Iria

Que o teu filho eu curaria

Com um panal branco

Três grãos de trigo

E um copo de água fria.”»²¹³

20.

«“*Senhora Santa Iria*

Pelo mar fora iria

Encontrar o Senhor

O Senhor perguntou

Para onde vais Iria

Volta para trás assim

Tu curarás essa cabeça

Com um pano branco de linho

E um copo de água fria

Em nome de Deus

E da Virgem Maria amém.”

Põe-se o pano branco dobrado sobre a cabeça e o copo de água fria em cima e cura-se como quem cura da inveja sempre em cruz.»²¹⁴

²¹³ Grupo de Folclore da Casa do Povo da Quinta Grande, “Rituais Curandeiros”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p.16.

²¹⁴ <http://www.freguesiasantacruz.com/html/patrimonio.htm> [Consultado em 19-01-2010].

21.

«*Rainha da Hungria*

Pò mar iria,

Cum Nossa Sinhóra s'incontraria:

-Por onde vás, rainha da Hungria

-Vô benzer a calma e a calmaria.

- Cum qu'a benzerias?

-Cum toálhai do altar e pinguínhai d'auga fria.

Em louvo de Dês e de Virge Maria, pad'-nosso, av'maria."

Reza-se esta oração nove vezes, três vezes cada dia, tendo, de cada vez, um copo de água e uma toalha com nove dobras.»²¹⁵

[A rainha da Hungria para o mar iria. Com Nossa Senhora se encontraria:

-Para onde vais, rainha da Hungria?

-Vou benzer a calma e a calmaria.

- Com o que a benzerias?

-Com uma toalha do altar e um pinguinho de água fria.

Em louvor de Deus e da Virgem Maria, Pai-Nosso, ave maria.]

22.

Ia a senhora Santa Iria

Pelo mar para lá iria

Curar o seu filho do sol e calmaria

Encontrou a Virgem Maria

- Para onde vais Iria?

- Vou curar o meu filho do sol e da calmaria

- Volta para trás Iria, que o teu filho se curaria

Com uma toalha de linho e um copo de água fria

E dizendo o Credo e ave maria

Dobra-se uma toalha de linho em quatro, enche-se um copo com água, deixando uma folga, coloca-se o copo virado para baixo em cima da toalha, põe-se em cima da cabeça do

²¹⁵ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 77.

paciente, apertando bem. Se for mal de sol, o calor passa para a água que faz bolhas dentro do copo.²¹⁶

23.

Pelo mar fora vai Santa Iria

Perguntou a Virgem Maria

- Para onde vais Iria?

- Vou curar o meu filho

Do sol e da calmaria

- Volta para trás Iria

Que eu mesmo to curaria

Com um estendal branco

E um jarro de água fria

Em nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas divinas da Santíssima Trindade

Eu te curo e Deus te sare

E Deus te acuda à tua necessidade

Põe-se uma toalha de linho que ainda não tenha sido usada, dobrada na cabeça do doente, e coloca-se um copo com água, quase cheio, virado ao contrário. Se tiver mal de sol, a água borbulha dentro do copo.²¹⁷

Animais

24.

Para curar o porco:

Em louvor do senhor Santo Antão

Animal eu te curo

Com nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas da Santíssima Trindade

Se foi ar que meteram no animal

O senhor Santo António te venha tirar

²¹⁶ DSPC, S. Vicente, fita 1, gravação 1, 18' 24'' – 20' 06'', Rosa de Jesus, 63 anos, Sítio das Ginjas, Miradouro. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²¹⁷ DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 27' 43'' – 29' 37'', Maria Virgínia de Andrade, 65 anos, Cascalho. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

*E tire do animal e deite para o prego do mar
 Onde não oiça galo nem galinha cantar, nem menino chorar
 Que ele é o rico poderoso pode com o bom e com o mau
 O Senhor Santo Antão peça a Nosso Senhor
 Que tire este ar, invejo mau
 Que este animal tem
 Seja pelo amor de Deus.*

Cura-se nove vezes com uma cruz de alecrim fazendo o sinal da cruz. Depois de curado deita-se o alecrim numa encruzilhada ou em água corrente.²¹⁸

25.

Ar Luís²¹⁹ vem da serra vai para o mar, onde tu não oiças galo nem galinha cantar, nem vaca berrar, nem porco roncar, que esta rés é minha, tu não hás-de levar.

Faz-se um perfume com palhas de alho, alecrim e oliveira. Depois de queimado atira-se ao mar. Cura-se nove vezes.²²⁰

O povo apelida de *mau ar* ou *ar encanado* as correntes de ar que, pela sua natureza, provocam geralmente dores de cabeça.

Estas orações, apesar de se encontrarem divididas por tipo de ar, têm um texto muito semelhante. Onze delas solicitam a Deus que atire com a doença (ar) para o fundo do mar ou para a serra, porque o corpo do paciente é pobre e não pode sustentar esta maleita.

Curiosamente a oração número quatro tem como objecto de cura uma tesoura aberta. A oração número seis faz referência à “casa aguada” e ao “homem bom, mulher má” que são constantes nas orações de olhado. A oração número onze refere o “mau-olhado”, “mal invejado” e “essa constipação”, deixando dúvidas sobre a verdadeira finalidade da oração. Apenas no final encontramos elementos das curas de ar, como, por exemplo, “deite p’ó prego do mar”, “que tire o ar e invejo mau”.

²¹⁸DSPC, Calheta, fita 4, gravação 1, 02’43’’ – 03’40’’, Maria José Faria Pechinha, 53 anos, Paul do Mar, recolha feita por Artur Andrade e António Aragão, transcrição feita por Cátia Olim.

²¹⁹O *Ar Luiz* é, segundo a entrevistada, o *ar mau*.

²²⁰DSPC, Machico, fita 26, gravação 12, 00’21’’ – 03’ 15’’, Elisa de Abreu Veloza, Porto da Cruz, recolha feita por Artur Andrade e António Aragão, transcrição feita por Cátia Olim.

As que mais diferem das restantes são as curas de ar de sol, tanto no texto como na acção. Estas curas têm lengalengas muito parecidas. Todas referem que Santa Iria encontrou Nossa Senhora e, quando questionada para onde ia, afirmou ir curar o seu filho do sol e calmaria. A escolha da Santa poderá ter a ver com a rima e não com a sua biografia.

Dizem as curandeiras que se uma pessoa tiver ar de sol, ao ser curada com um copo de água na cabeça, o calor passa para a água e esta ferve dentro do copo, curando o paciente. Deste modo, esta deverá ser das poucas orações que o doente sabe logo se fez efeito ou não.

A cura de ar de animais é semelhante à cura das pessoas, diferindo principalmente no apelo a Santo Antão, que é o Santo Padroeiro dos animais.

c) Oração para curar bebés tomados da lua

1.

«Entrar e sair seis vezes de dentro de casa, rezando a oração:

“*Lua, Luar*

Que vais no teu andar

Leva o meu Filho

E ajuda a Criar.”»²²¹

Acreditava-se que, quando um bebé chorava de noite e não dormia, era porque estava tomado pela Lua. Isto acontecia quando as roupas do bebé, antes de ser baptizado, eram deixadas a secar no exterior onde a lua “pudesse ver”.

Dizem ainda que, quando as crianças fazem a fezes de cor verde, antes de estarem baptizadas, é porque estão tomadas da lua.

Esta oração apela ao lado *maternal* da Lua, uma vez que esta era considerada, pelas antigas civilizações, uma divindade feminina, estando associada à fecundidade, à fragilidade, à ilusão e à pureza.

²²¹ Grupo de Folclore da Casa do Povo da Quinta Grande, “Rituais Curandeiros”, *Folclore*, Julho 1996, N° 6, p.16.

d) Bucho encostado ou infustado

Bucho – Estômago dos animais, pança, ventre, barriga.²²²

Bucho encostado, infustado e virado — Certos incómodos nos intestinos, que se curam com massagens.²²³

Bucho virado – Popularmente é uma doença infantil, cujos sintomas passam por vômitos, falta de apetite e dores de barriga, sendo, geralmente, provocado por quedas ou brincadeiras nas quais a criança ficasse em posição de cabeça para baixo em relação ao resto do corpo.

1.

«*Em nome do Padre, do Filho, do Esprite Sante, cui nômi de Dês e da Virge Maria e as tri d'vinas psauiai da Santíss'ma Trindade, aí onde ê punh'âi mínhai mãe, Dês ponha a sua santidade.*

Ê te cure do buche virade, do buche caíde e incostade, em nome do s'nhô Sã Francisque e em nome do s'nhô Sante Serve de Dês. Se nã tens quem te cure, cure-te eu pelo amor de Dêes.»

Esta oração tem de ser dita três vezes.»²²⁴

[Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, com o nome de Deus e da Virgem Maria e as três pessoas da Santíssima Trindade, aí onde eu ponho a minha mão, Deus ponha a sua santidade.

Eu te curo do bucho virado, do bucho caído e encostado, em nome do senhor São Francisco e em nome do senhor Santo Servo de Deus. Se não tens quem te cure, curo-te eu pelo amor de Deus.]

2.

«Enquanto se aplica massagens sobre o ventre com a mão embebida em azeite, a curandeira vai rezando:

²²² In: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/bucho> [Consultado em 07-10-2010].

²²³ SILVA, Padre Fernando Augusto da, *op. cit.*, p. 21.

²²⁴ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 77.

“Maria, com o nome da “Verige” Maria e das Pessoas da Santíssima Trindade, onde eu ponho as mãos ponha Deus a Sua Santidade. Morteirinha, abre-te e fecha-te para Nossa Senhora entrar. Se for bucho ou a coalheira²²⁵ que vaia ao seu lugar.”

As curas são sempre feitas em número ímpar, pois de contrário tornará o bucho a voltar para fora do seu lugar.

Depois de cada massagem coloca-se geralmente, contra o ventre a folha de couve, ligeiramente aquecida e humedecida para tirar a febre.

Em seguida, deve envolver-se, o ventre do padecente, em panos de linho branco, até completar a cura.»²²⁶

3.

«Assim como a murta se abriu e se tornou a cerrar, assim isto seja verdade. Nosso Senhor Jesus Cristo queira pôr este bucho, este ventre, este debulho, esta coalheira no seu lugar.”

Depois, descansando as mãos sobre o ventre do padecente, continua, ainda por nove vezes:

“coalheirinha, vai ao teu lugarzinho, bucho volta ao teu lugar.”

Acabadas as rezas e, portanto, as massagens, aconselha-se, pela medicina caseira, o emprego da folha de couve, de tenra verdura, que, aquecida a lume brando e humedecida com azeite, deve ser colocada sobre o ventre do enfermo.»

Se a folha estiver seca no dia seguinte é porque o bucho estava encostado, caso contrário o doente padece de outro mal.²²⁷

4.

«Assim como a murta se abriu para o Menino Jesus passar e de novo se tornou a fechar e deste modo ninguém o viu, assim isto é bem verdade: Nosso Senhor desta maneira queira por esta coelheira, este ventre e este bucho muito no seu lugar por toda a eternidade.”

Enquanto colocava sobre a barriga massajada uma folha de couve espalmada e a segurava com a ajuda de uma toalha de linho, em forma de cinta apertada esconjurava nove vezes a modo de ladainha:

²²⁵ **Coalheira** – s.f. Pedaco de víscera de ruminante que se usa para coalhar o leite na fabricação de queijos. O quarto estômago dos ruminantes, também denominado coagulador. In <http://www.dicio.com.br/coalheira/> [Consultado em 07-10-2010].

²²⁶ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 204 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937 p. 10.

²²⁷ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 205.

“Coelheira vai ao teu lugar, bucho vai ao teu lugar.”

Quando, passados alguns dias, a folha de couve estivesse seca, era sinal certo que o mal tinha passado e que a criança estava curada.»²²⁸

5.

Massaja-se levemente a barriga com azeite enquanto se diz:

Assim como a murta se abriu para Nossa Senhora entrar

Bucho coalheira torna ao teu lugar.

Depois, coloca-se uma folha de couve (que serve para tirar a febre) ou um penso de linhaça (que cura por dentro).

Ferve-se a linhaça em água, de modo a que não fique nem muito dura nem muito rala. Coloca-se a linhaça em cima de um pano ou de uma toalha, espalhando muito bem com uma colher. Em seguida, cobre-se a mistura e aplica-se sobre a área enferma, amarrando bem.

Se colocarmos uma folha de couve e esta ficar seca é sinónimo de febre. Deve fazer-se, por isso, novo tratamento. Se a folha não secar, o doente não tem febre.

Note-se que é a massagem que trata e não na oração, que parece ser um elemento essencial a este tipo de práticas.²²⁹

6.

Massaja-se a boca do estômago com azeite, enquanto se diz:

Bucho virado, vai ao teu lugar

A Virgem Maria te manda curar

Eu que te curo, e Deus que te sare

Onde eu ponho as minhas mãos

Ponha a Virgem Nossa Senhora e a sua santidade

Bucho virado, vai ao teu lugar

A Virgem Maria te manda curar

E Deus que te cure, e Deus que te sare

Que o teu estômago fique bom

*E vá para o seu lugar.*²³⁰

²²⁸ <http://sms8b09.blogspot.com/2009/05/curandeira-do-bucho-virado.html> [Consultado em 07-10-2010].

²²⁹ DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 24' 10'' – 27' 16'', Filomena Isabel d'Agrela, 73 anos, Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

7.

Massaja-se a barriga enquanto se reza, em números ímpares como cinco ou nove vezes:

Assim como a murta se abriu

Para Nossa Senhora passar

Assim o buchinho desta criança

*Volte ao seu lugar.*²³¹

8.

Massaja-se a barriga com azeite e põe-se folhas de couve atadas com um pano, na barriga do doente. Cura-se três ou nove vezes:

Buchinho, buchinho,

Vai para o teu lugar,

Que a Virgem Maria te manda deitar

Árvore de fruto, de fruto Senhora,

Socorrei aqui e o divino Espírito Santo

*E a Virgem Nossa Senhora.*²³²

Acreditava-se que, quando uma criança não comia ou lhe doía a barriga, era porque tinha o bucho virado. Isto acontecia quando as crianças, durante as brincadeiras, saltavam ou viravam-se de cabeça para baixo, provocando uma movimentação anormal do estômago.

Estas oito orações utilizam um vocabulário muito semelhante. Para além de evocarem Deus, Maria e a Santíssima Trindade para curar, cinco referem a murta e quatro designam o estômago de coelheira.

Mas o que todas elas têm em comum é a massagem, facto que leva a supor que a parte mais relevante deste tratamento não é a oração, mas as massagens na barriga dos pacientes, principalmente porque as massagens eram um tratamento frequentemente utilizado para curar vários tipos de maleitas.

²³⁰ DSPC, Calheta, fita 4, gravação 2, 01'33'' – 03'09'', Maria Pechinha, Paul do Mar. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²³¹ DSPC, S. Vicente, fita 4, gravação 1, 24'10'' – 27'16'', Filomena Isabel d'Agrela, 73 anos – Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²³² DSPC, Machico, fita 26, gravação 11, 00'28'' – 01'30'', Elisa de Abreu Veloza, Porto da Cruz, Referta. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

e) Cobro / Cobrão / Cobradura / Cobrelo / Vespeiro

Cobro – Segundo a versão popular cobro ou cobrão era uma doença de pele que surgia devido às roupas interiores se encontrarem a secar em contacto com insectos, como cobras, osgas, lagartos ou lagartixas ou aranhas. Ao passar pela roupa deixavam veneno, o que provocava a doença.

Cobrão - Designação popular de herpes-zóster, por se acreditar que esta afecção se devia à passagem de uma cobra por cima do corpo das pessoas²³³ ou sobre a roupa que o doente vestira, sendo também conhecida por cobra, cobro, zona...²³⁴

Cobrelo - Popular erupção cutânea que a crença popular atribui à passagem de animais peçonhentos pela roupa que se vestiu.²³⁵

Herpes Zoster, "Cobreiro" - O herpes zoster, popularmente conhecido como "cobreiro", é uma doença viral causada pelo *Varicella-zoster virus*, o mesmo vírus causador da varicela (catapora). Após terem padecido de varicela, algumas pessoas não desenvolvem imunidade total ao vírus, que permanece latente em gânglios próximos da coluna vertebral. Quando encontra condições para se desenvolver, o vírus reactiva-se e chega à pele através dos nervos correspondentes ao gânglio.²³⁶

1.

«*Eu te curo*

Inção safanão (3 vezes)

Se é vespa ou a vespeiro (3 vezes)

Se é cobra, ou cabro ou cabrelo (3 vezes)

Se é aranha ou aranha preta (3 vezes)

Se é aranha ou aranha da outra (3 vezes)

Se é tonorisco ou tonarisca (3 vezes)

Se é ramo de Zagro ou fogo de Selvagem ou outras qualidades de bichos ruins que eu não sei dizer o nome

²³³In: <http://www.infopedia.pt/termos-medicos/cobr%C3%A3o> [Consultado em 07-10-2010].

²³⁴*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Vol. I, p. 851.

²³⁵In: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/cobrelo> [Consultado em 07-10-2010].

²³⁶In: <http://www.dermatologia.net/novo/base/doencas/zoster.shtml> [Consultado em 07-10-2010].

Eu te corto cabeça e rabo, unhas e dentes, todos os presentes e toda a sua descendência para que não cresças nem permaneças neste corpo, nem nesta carne, para te deitar fogo a arder.”

Isto é feito 9 dias, 9 vezes cada e é feito de manhã em jejum, tanto a pessoa que cura como a que é curada. Com galho de figueira branca e com uma faca fazem-se cortes no ramo.»²³⁷

2.

“Fulano, foi o nome que te puseram na pia.

Em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu que te curo em são, safanhão, lapa ou panarisco, ou todo o bicho ruim que dá neste corpo a comer, (aqui passa-se a faca) que lhe corte a cabeça e os seus dentes, seus parentes ou todo o bicho ruim que dá neste corpo a comer.”

Com o galho de figueira branca, dizendo 9 vezes e cortando ou malhando (batendo) no galho.»²³⁸

3.

«“-Que me dai, Maria?

–Dô-te, João,

Menino cobrado,

Para me dári são.”

Se o doente é uma criança, qualquer pessoa de família, na manhã de S. João, vai com ela e mais duas pessoas virgens que tenham o nome de Maria e João (e para isso escolhem em geral crianças de 10 a 12 anos) a um campo qualquer onde esteja plantado um vimieiro.

João e Maria arrancam um vime e, diante do paciente, têm este pequeno diálogo, que repetem duas vezes.»²³⁹

4.

«“Ê qu’curo? Cobrel’ô cobre ó seja qu’calidade de bicho for, iss’mêm’ à qu’ê corto: cabeça e rabo, unhas e dentes e toda a sua recendença. Nem ela creça, nem permaneça aqui neste corpo, nem nesta carne.

Em nome do Pad’, do Filho e do Espírito Santo, Amen.”²⁴⁰

²³⁷ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N° 1, p. 18.

²³⁸ *Ibid*, p. 19.

²³⁹ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 78.

²⁴⁰ *Ibidem*.

[Eu o que curo? Cobrelo, cobre ou seja que qualidade de bicho for, é isso mesmo que eu corto: cabeça e rabo, unhas e dentes e toda a sua *descendência*. Nem ela cresça, nem permaneça aqui neste corpo, nem nesta carne.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen.]

5.

O meu Senhor São Pedro

Pelo caminho muito bom

O senhor São Pedro encontrou Nosso Senhor e perguntou

- *Que fogo é aquele que no monte há?*

- *É zagra, é cobro, é fogo, é praga má*

- *Com que se apagará?*

- *Nove galinhos de funcho, nove pedrinhas de sal*

E água da fonte, num cochinho de pau

Cura-se nove vezes, com nove galinhos de funcho, nove pedrinhas de sal e um cocho²⁴¹ de água da fonte.

Deita-se o sal na água e molha-se o funcho, passando na pele doente.²⁴²

6.

Andava São Pedro mais Nosso Senhor

Naquele monte calvário

Perguntou São Pedro a Nosso Senhor

- *Senhor, que fogo é aquele?*

E Nosso Senhor disse

- *Pedro, é fogo e zagre e praga má*

- *E senhor com que se apagará?*

- *Pedro, com nove grelos de silva, com nove pedras de sal, com nove grelos de funcho e água do pau do conço e o pó da guia e o bom do porco*

Em nome de Deus e da Virgem Maria.

A curandeira pergunta

²⁴¹ Tronco de madeira trabalhado numa espécie de bacia, que servia para tirar água da fonte, antes do amanhecer, durante nove dias seguidos. Explicação dada por Maria Nunes Gonçalves durante a recolha.

²⁴² DSPC, S. Vicente, fita 1, gravação 1, 06' 53'' – 11' 42'', Maria Nunes Gonçalves, Sítio das Ginjas. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

- *E Jesus o que corto?*

O paciente diz:

- *Cobro e zagre e praga má*

A curandeira responde:

- *Eu que te corto*

Pega na faca e vai cortando os raminhos que passou nas feridas e diz:

“Tudo te corto, unhas e meias unhas, e cabeça, rabo e unhas

E assim cresças e proveças, como eu hoje comi e bebi

E fui à serra em jejum e vim e estou aqui

Cura-se nove vezes, com nove galhos de funcho, nove galhos tenros de silvado, nove pedras de sal, pó da guia²⁴³ e dois grogues de água.

Primeiro aquece-se o bom do porco²⁴⁴ no lume e, quando estiver derretido, aplica-se nas feridas e depois põe-se o pó da guia.

Deita-se o sal na água, molha-se um galho de funcho e um de silvado nessa mistura e passa-se na pele doente.²⁴⁵

7.

Com o nome de Deus e da Virgem Maria te curo,

Se tens cobro, ou cobre, ou cobro, ou cobrelo, ou aranha, ou aranhão, ou vespa ou vespeiro, ou lapa ou caranguejo, ou impingem rabinja, ou impingem carnal, ou insão safanhão, ou zipla zipelão, ou fogo selvagem, ou tromba ou capas,

Tudo isso eu corto, cabeça e rabo e dentes e parentes e aderentes e raízes e as unhas e o teu corpo todo, e toda a tua criação que não cresça nem permaneça nesta carne, neste osso aqui mesmo tu chabeças.

Enquanto se cura, corta-se com uma faca num galho de pessegueiro. Cura-se nove vezes.²⁴⁶

²⁴³ Pó escuro, espécie de ferrugem preta que o fumo vai fazendo na parede da lareira do lar. Explicação dada por Verónica Maria de Sousa durante a recolha.

²⁴⁴ Pedaco de banha do porco curada ao sol, que se conserva sem sal. Explicação dada pela Sra. Verónica Maria de Sousa durante a recolha.

²⁴⁵ DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 15’27’’ – 21’19’’, Verónica Maria de Sousa, 73 anos, Cascalho. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²⁴⁶ DSPC, Machico, fita 26, gravação 8, 00’ 11’’ – 00’ 58’’, António Domingos de Freitas, Porto da Cruz, Referta. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

8.

Com o nome de Deus e da Virgem Maria te curo,

Se tens cobre, ou cobro, ou cobreiro, ou aranha, ou aranhão, ou vespa ou vespeiro, ou lapa ou caranguejo, ou insão safanhão, ou zipla, ou zipela ou zipelão, ou fogo selvagem, ou crongo ou corja,

Tudo isso eu corto, cabeça e rabo e dentes e parentes, é aderentes, é raízes, é as unhas, é o teu corpo todo, e toda a tua geração, tu não cresças nem permaneças nesta carne, neste osso, aqui mesmo tu jaleças.

Cura-se nove vezes.²⁴⁷

As curas para o cobreiro são poucas, seja porque com o aumento da população a quantidade de bicharocos diminuiu, seja porque as pessoas deixaram de lavar a roupa em cursos de água, para utilizarem poços de lavar e posteriormente máquinas, deixando, portanto, de por a roupa a secar perto de zonas húmidas e mais propensas à existência de animais. Por outro lado, a medicina apresenta outras opções, mais fáceis de aceder, que curam estas maleitas. Em cinco das orações, a curandeira age como se estivesse a cortar o “bicho” que causou a doença, o que nos dá a ideia de que a doença é provocada por um bicho que está, efectivamente, na pele do paciente.

Duas delas utilizam galhos de funcho e/ou silvado para molhar na água que deve conter nove pedras de sal e passar na pele doente. Duas das orações não descrevem qualquer acção.

Além disso, a mais completa é a oração número seis que reúne os objectos utilizados nas restantes e ainda o uso da banha de porco e da cinza da lareira.

²⁴⁷ DSPC, Machico, fita 38, gravação 8, 00' 13'' – 00' 41'', António Domingos de Freitas, Porto da Cruz, Referta. Recolha feita por Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

f) Constipações

1.

«*Com o Santíssimo nome de Jesus a quem lhe creio e adoro verdadeiramente, os bons ao céu com a glória e os maus aos infernos com a vida eterna. Vamos ver estes maus ares constipados que este corpo tem se é ar da porta ou de caminho, ou de ladeira ou de ermida, ou de igreja, ou do sol, ou da lua, ou ar ruim, ou mal invejado, se é na cabeça ou nas costas, ou nos braços, ou nas pernas, ou nas veias, ou nos nervos, que por Deus sejam tirados e no mar sejam deitados que o mar é rico e poderoso pode com o bem e o mal e este corpo não.*»

Tem de ser dito nove vezes, nove dias seguidos. A pessoa que é curada oferece à que cura.

Oferecimento:

«*Assim com o Deus, Deus Nosso Senhor Jesus Cristo espalhou por todo o mundo a sua santíssima virtude neste corpo ou remeta e lhe queira dar saúde com o nome de Deus e da Virgem Maria.*»

Isto é dito uma vez em cada dia, durante os nove dias do tratamento.»²⁴⁸

2.

[Nome da pessoa] *filha de Deus Pai, filha de Deus Filho, filha do Espírito Santo, quem te deu tamanho mal, se foi no teu comer, ou no teu beber, ou dormir, ou no andar, ou no trabalhar, ou pela porta, ou pela serra, ou pela igreja, eis como qual seja.*

Homem manso, mulher irada, casa pingando cobertura molhada e Jesus que é o nome de Jesus, ou João, quantos homens querem ouvi-lo, que espera por grande alegria, que Nossa Senhora te queira tirar esse mal, para deitá-lo no prego do mar, que nem em ti coisa má ou em coisa tua queira entrar.

Cura-se com nove galhos de alecrim cruzado, durante nove vezes, nove dias seguidos.

Deita-se o alecrim no lume.»²⁴⁹

Encontramos apenas duas orações para constipações. No entanto, a lengalenga mal menciona os sintomas desta doença. É semelhante a uma adaptação de uma oração para curar de ar, sendo de resto comum chamar-se constipação ao ar de ventania.

²⁴⁸ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 45.

²⁴⁹ DSPC, Machico, fita 2, gravação 1, 07’ 31’’ – 08’ 33’’, Maria José Ferreira Clemente, Ribeira Seca. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

A primeira oração faz uma enunciação dos possíveis males que podem ter provocado a dita constipação e apela ao poder divino para que os remova do corpo do paciente e os atire ao mar. Uma vez que não utiliza qualquer objecto para auxiliar na cura, é possível que a própria mensagem encerre a razão para o sucesso do tratamento.

A segunda oração apresenta o texto semelhante às curas de olhado, com o uso da característica cruz de alecrim. Curiosamente nada tem de semelhante com as curas de ar, nem faz referência a semelhante doença.

g) Erisipela/Esipela/Ziplão

Zipla - (Erisipela) constipação ligeira.²⁵⁰

Zipla – Doença que afectava mulheres e animais no período do aleitamento e cujos sintomas se evidenciavam passavam por caroços, vermelhão, hematomas, etc.²⁵¹

Erisipela – Popularmente e cientificamente, denomina-se erisipela uma doença de pele semelhante a um eczema.²⁵²

Medicamente, a erisipela é uma infecção na pele e no tecido subcutâneo, causada por uma bactéria. Surge em qualquer idade, sendo mais frequente nos diabéticos, obesos e pessoas com problemas na circulação venosa sanguínea. Nos idosos, o processo de reabilitação é mais moroso. Aparece geralmente nas pernas, mas pode surgir na cara, no tronco e nos braços,²⁵³ acompanhada de pequenas vesículas e quase sempre de febre.²⁵⁴

1.

«*Pedro e Paulo, donde vens?*

Senhor, venho de Roma.

Diz-me P. e P., que novidades há por lá?

Senhor, há muita doença.

Diz-me P. e P., que doença será?

Senhor, há muita érsipela.

Torna atrás P. e P., leva palma e oliveira e cura desta maneira:

Érsipela, érzipelão, quem te trouche a esta morada?

Foi o frio, foi a neve, foi a má tempestade.

Vai-te, érsipela maldita, para o fundo daquele mar,

Que este corpinho é povre, não te pode sustentar.”

²⁵⁰ SILVA, Padre Fernando Augusto da, *op. cit.*, p.120.

²⁵¹ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz, “Cura do Ziplão”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p. 30.

²⁵² <http://www.conhecersaude.com/idosos/3038-Erisipela.html> [Consultado em 06-10-2010].

²⁵³ *Ibidem.*

²⁵⁴ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Vol. I, p. 1475.

Reza-se a oração por nove vezes seguidas, e a abençoar o doente com ramos de palma e de oliveira, tirados das palmas benzidas em Domingo de Ramos e tudo disposto em cruz.»²⁵⁵

2.

«*“Ia Deus por um caminho, Pedro e Paulo encontrou, Nosso Senhor lhe perguntou: donde vens, P. e P.?”*

Senhor eu venho de Roma.

Torna atrás, P. e P., diz-me o que por lá vai.

Senhor, há muita érsipela!

Torna atrás, P. e P., leva palma e oliveira e cura desta maneira:

vai-te maldita érsipela, para adonde viestes fazer morada;

foi do frio e da neve e foi da má tempestade.

Vai-te maldita érsipela, para o meio daquele mar que este corpinho é pobre não te pode sustentar.

*Com o nome de Deus e da Vrige Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade.”*²⁵⁶

3.

«Isto era feito em dias ímpares de manhã em jejum e depois das ave-marias.

”*Deus vinha pelo caminho, encontrou Pedro e Paulo.*

Pedro e Paulo, de onde vens?

Senhor, venho de Roma.

Que se encontra por Roma?

Muita zipla, muito ziplão.

Volta atrás, Pedro e Paulo, com palma de oliveira e cura desta maneira:

Maldita zipla, maldito ziplão, que entraste neste corpo amoroso,

Não sei se foi da chuva ou da neve, ou da grande tempestade,

Vai-te para fundo do mar, que deus te mande deitar,

Que este corpo é pobre, não te pode sustentar.”

Reza-se em cima do lugar afectado, nove vezes seguidas.²⁵⁷

4.

²⁵⁵AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 200 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 7 a 8.

²⁵⁶*Id*, p. 200 a 201 e *Ibid*, p. 8.

²⁵⁷ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz, “Cura do Ziplão”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p. 30.

“Deus vinha pelo caminho encontrou Pedro e Paulo, e perguntou, de onde vens Paulo?

Senhor venho de Roma.

Que se encontrar por Roma?

Muitas doenças de pele, que se chama Zipla.

Volta atrás Pedro e Paulo, com palma de oliveira e cura desta maneira.

- Maldita Zipla, maldito Ziplão, que está a cair a pele toda e muito vermelhão,

Dando muita comichão, sem poder dormir nem de noite nem de dia.

*Curando ao mesmo tempo com chá de malvazia, que Deus te mande deitar ao mar, onde não ouças nem galo nem galinha cantar, nem porco roncar, que este corpo é pobre não te pode sustentar”.*²⁵⁸

5.

“Nosso senhor vinha por um caminho, encontrou Pedro e Paulo. De onde vêm, Pedro e Paulo? Senhor, eu venho de Roma. O que há por lá passado? Muito frio, muita neve e muita doença de esipela. Voltem atrás Pedro e Paulo, que a palma e a oliveira e digam assim desta maneira. Vai-te, maldita esipela, para o fundo daquele mar, onde não ouças galo nem galinha cantar, que o teu corpo é pobre e não se pode sustentar.”

Esta oração é feita 9 dias, 9 vezes cada com a folha de palma e 9 folhas de oliveira. Depois de curado, é deitado para o mar, mas de costas para o mar.»²⁵⁹

6.

«“Vind’ Pedr’e Palo de Roma, c’o Sinhô s’ incontraro.

O Sinhô les perguntua:

- Donde vindes, Pedr’e Palo?

- Vímu de Roma.

- Que novidades há por lá?

- Munta molesta iserplar.

- Vóltim atrás e vão curar.

- Cum quê, Senhor?

- Cum cinco espartos e azeite d’oliva.

*Em lóvô de Dês e da Virge Maria, pad’nosso’ e av’-maria.”*²⁶⁰

²⁵⁸ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz, “Cura do Ziplão”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p. 30.

²⁵⁹ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, Nº 1, p. 18.

²⁶⁰ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 78.

7.

“Pedr’e Palo foi a Roma

E Pedr’e Palo vei’de Roma.

Jasus Cristo incontrua

e le perguntua:

– Donde vindes, Pedr’e Palo?

– Senhor, ê venho de Roma

– Que lá é acontecido?

– Sinhô, munta doença!

Le perguntu’o Sinhô: «O qu’ é?»

– É zipela e zipelão.

– Pedr’e Palo, tronai lá

Cum esta minha divoção.

Luvai palma e oliveira;

Curai assim desta maneira:

«Zipela e zipelão

Quem te deu essa morada?

Foi o fri’e foi a neve

E foi toda a tempustada.

Vai-te, zipela e zipelão, p’a o mar,

Onde nã ôiçai galo cantar,

qu’o [nome do paciente] é povre,

não tem que te dar.

O mar é rico e ped’roso,

Pode com todo o mal.”²⁶¹

8.

“Pedr’e Palo foi a Roma

E Pedr’e Palo vei’de Roma.

Jasus Cristo incontrua

e le perguntua:

– Donde vindes, Pedr’e Palo?

²⁶¹ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 78 a 79.

– *Sinhor, ê venho de Roma*
 – *Que lá é acontecido?*
 – *Sinhô, munta doença!*
Le perguntu’o Sinhô: «O qu’ê?»
 – *É zipela e zipelão.*
 – *Pedr’e Palo, tronai lá*
Cum esta minha divoção.
Luvai palma e oliveira;
Curai assim desta maneira:
Rosa branca e incarnada,
ê te curo e Dês te sare;
E vai p’a o prego do mar,
Qu’este corpo é povre
E nã te pode sustentar.²⁶²

9.

«*Pedr’e Palo foi a Roma*
incontrar’a Jásus Cristo.
 – *Donde vindes, Pedr’e Palo?*
 – *Sinhô, noi vímu de Roma.*
 – *Que lá vai, Pedr’e Palo?*
 – *Sinhô, munta mortidão.*
 - *De quê, Pedr’e Palo?*
 – *Sinhô, da zipl e zeplão.*
Volta lá, Pedr’e Palo;
Leva palma e oliveira
E cura desta maneira:
 «*Zipla e zeplão, de que foste tu jarada?*
Foi do frio, foi da neve,
Foi da grande tempustada.
Zipla e zeplão, vai-te p’ra aquele mar,
que é sagrado e ped’roso, pode com todo o mal;

²⁶² PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 79.

Qu'este corpo é povre, nã te pode sustentar.

Ê te curo, em nome de Dês e da Virge Maria e das três psáuai da Santíssima Trindade.»

A curandeira, enquanto recita o ensalmo, tem na sua mão direita um pedaço de folha de palmeira, benzida em Domingo da Ressurreição, na igreja paroquial, e algumas folhas de oliveira, com as quais vai traçando cruzeiros sobre o paciente.

Às vezes, as folhas de palmeira e oliveira são substituídas por espartos que se molham em azeite.»²⁶³

10.

«Um dia Nosso Senhor ia por um caminho, encontrou Pedro e Paulo. Nosso Senhor perguntou:

-Pedro e Paulo de onde vens?

-Senhor eu venho de Roma.

-Pedro e Paulo o que há por lá?

-Senhor é erisipela.

-Pedro e Paulo torna lá, leva palma e oliveira e cura desta maneira. Erisipela, erisipelão quem te trouxe a esta morada foi o frio e foi a neve foi a grande tempestade, vai-te erisipela maldita p'o prego daquele mar que este corpo é muito pobre não te pode sustentar e em louvor da três pessoas da Santíssima Trindade eu vou-te mandar deitar.»

Rezado nove vezes sobre a parte afectada, com uma cruzinha feita de palma e oliveira.»²⁶⁴

11.

«Em nome do pai e do Filho e do Espírito Santo

Amém

Pedro e Paulo²⁶⁵ foi a Roma

Pedro e Paulo vem de Roma

Jesus Cristo o encontrou

E lhe perguntou por lá

O que haveria Senhor

²⁶³PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 79 a 80.

²⁶⁴http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

²⁶⁵A comunidade de Roma foi fundada e evangelizada pelos apóstolos Pedro e Paulo e é considerada a única comunidade cristã do mundo fundada por mais de um apóstolo e a única do Ocidente instituída por um deles. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Pedro [Consultado em 06-10-2010].

A minha morte e que doença seria

volta atrás Pedro e Paulo

Leva palma e oliveira e cura desta maneira

Se é zipela ou zipelão

Vai para a serra ou para o mar

Que este (nome da pessoa) é pobre não

Pode dar o mar a quem é rico e te pode sustentar.”

Cura-se com sete raminhos de oliveira e sete raminhos de palma, todas as vezes tem de ser com os sete raminhos de cada e deve ser feito nove dias seguidos.»²⁶⁶

12.

Pedro, Paulo veio de Roma

Jesus Cristo encontrou

Jesus Cristo lhe perguntou

- Pedro, Paulo, o que há por lá?

- Senhor morto de mortidão, de zipela, zipelão

- Pedro, Paulo volta atrás

Leva palma e oliveira

E diz desta maneira:

Zipela maldita vai para o fundo do mar

Onde não oiças galinha nem galo cantar

Que esta pessoa é pobre não te pode sustentar

Cura-se com um molhinho de palma e oliveira, fazendo cruces em cima da zona afectada. Depois da cura atira-se os galhos para a água corrente. Cura-se sempre em número impar.²⁶⁷

13.

-Pedro e Paulo donde vens?

-Senhor venho de Roma

-Conta-me o que por lá vai

-Senhor vai muita zipela

²⁶⁶<http://www.freguesiasantacruz.com/html/patrimonio.htm> [Consultado em 19-01-2010].

²⁶⁷DSPC, Santana, fita 7, gravação 3, 00' 17'' – 02' 21'', por Iria Augusta de Freitas, 64 anos, Sítio da Serra de Água. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

-Volta atrás Pedro e Paulo

Tu podes curar assim nesta maneira

Com nove pedaços de palma e nove de oliveira

Pedro e Paulo podes voltar e curar a zipela desta maneira

Porque esta mulher/homem é pobre

Não te pode sustentar

Vai-te maldita zipela para o fundo do mar

Onde não oiçasnem galo, nem galinha cantar

Nem vaca berrar

Porque esta mulher/homem é pobre

Não te pode sustentar

Cura-se com nove galhos de palma (palmito benzido no Domingo de Ramos) e nove de oliveira em cruz, fazendo cruces sobre a zona doente.²⁶⁸

14.

Pedro e Paulo vinham andando

Jesus Cristo encontrou

- Donde vindes Pedro e Paulo?

- Senhor eu venho de Roma

- Pedro e Paulo o que lá há?

- Senhor há muita doença e muita praga má

- Pedro e Paulo volta lá

- Meu Senhor o que será?

- Leva azeite, leva a palma

Leva o pau da tiliveira [oliveira]

E cura desta maneira:

Diz-me zipela maldita

Quem te deu aqui morada?

Se foi o frio se foi a neve

Se foi a grande tempestade

Vai-te zipela maldita

Para aquele prego do mar

²⁶⁸ DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 1h 01' 01'' – 01h 02' 36'', por Ana Marques da Silva. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Que este corpinho é pobre

Não te pode sustentar

Cura-se com um galho de figueira preta (conhecida por figueira bacorinha), com cerca de 20 cm, nove vezes de cada vez, pode-se curar nove manhãs ou nove tardes. Enquanto se cura, coloca-se o galho em cima da zona doente e vai-se cortando o galho da figueira com uma faca. Quando terminar a cura, queima-se o galho da figueira.²⁶⁹

Praticamente todas as orações fazem referência a Pedro e Paulo, provavelmente pelo facto de serem dois dos principais fundadores da Igreja.

Quase todas, treze em catorze, referem-se à realidade de o corpo do doente ser frágil e não poder sustentar a doença, pelo que esta deve ser atirada ao fundo do mar. Esta referência é também utilizada nas curas de ar.

Em todas, excepto na sexta e na última, os objectos auxiliar da cura são folhas de palma e ramos de oliveira, variando apenas a quantidade. Diferindo completamente de todas as outras, esta última oração tem por objecto um galho de figueira preta, aproximando-se, deste modo, da cura de cobrão, na qual o tratamento incluía o uso de um galho de figueira que era cortado durante a cura e queimado na lareira.

²⁶⁹ DSPC, São Vicente, fita 10, gravação 1, 11' 19'' –15' 26''', por Verónica Maria de Sousa, 73 anos, Cascalho. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

h) Impigem

Impigem – Infecção de pele que se caracteriza por crostas gretadas, de cor amarelada ou avermelhada.²⁷⁰

1.

“Impinja, rabinga, a “Verige” do Monte manda curar com escupo da boca e cinza do lar, assim medres, cuma eu comi e bubi e fui à serra e já vim, e fui ao mar e já voltei.”

[Impinja, rabinga, a Virgem do Monte manda curar com cuspo da boca e cinza do lar e assim medres, como eu comi e bebi e fui à serra e já vim, e fui ao mar e já voltei.]

É necessário que a curandeira esteja em jejum. E, conforme diz a oração, vai esfregando a parte atacada, com o dedo molhado em saliva (da sua própria boca) e cinza.²⁷¹

O mais importante nesta cura não parece ser a oração, uma vez que apenas serve para descrever os gestos da curandeira. O tratamento passa pela aplicação de saliva e de cinza da lareira sobre a impigem. Embora não se afigure particularmente higiénico, julga-se, todavia, que a saliva poderia conter propriedades que, juntamente com a cinza, levariam à cura ou minimizariam a infecção.

Um outro tratamento para a impigem, que muitos asseguram funcionar, é a aplicação do líquido amarelo que a erva cidronha deita quando cortada.²⁷²

²⁷⁰ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Vol. II, p. 2040.

²⁷¹ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 202 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 9.

²⁷² Vede *supra* “Impigem”, p. 60.

i) Íngua

Íngua – Ingurgitamento (caroço) dos gânglios linfáticos que, geralmente, surge nas virilhas, no pescoço ou nas axilas.²⁷³

1.

«Passa-se com a faca de bom aço muito bem limpa sobre a íngua, como que a cortá-la, dizendo-se ao mesmo tempo:

“*Íngua corto, íngua talho...*”

e indo em seguida com a faca à cinza, talhando-a em forma de cruz, termina-se:

“*ingua deito neste borralho.*”

E isto quando praticado por cinco ou sete vezes (conforme a natureza do mal), julga-se suficiente para debelar o mal.

A pessoa atacada deve estar em jejum ao aproximar-se da cinza do lar juntamente com a outra pessoa, que lhe pergunta:

- “*Que tens?*”

Resposta da doente:

- “*Tenho uma íngua*” (ou ínguas)

“- *Que é que queres?*”

- *Que me cures.*”

Então a interrogante pega na faca, e faz uma cruz na cinza ao mesmo tempo que reza em voz alta:

“*Íngua te corto, íngua te retalho, íngua te jogo p’ra dentro do borralho.*”

Isto se repete nove vezes.»²⁷⁴

2.

«*Ingua corto,*

Íngua talho;

Íngua boto

No borralho”

²⁷³ In: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/%C3%ADngua> [Consultado em 06-10-2010].

²⁷⁴ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 201 e 202 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 8 a 9.

O paciente vai à lareira e diz três vezes a quadra, enquanto envolve em cinza a lâmina duma faca.»²⁷⁵

3.

«*”Íngua te corte, íngua te retalho e ponho-te a arder no fundo do borralho.”*

A oração é repetida 7 vezes no sítio onde aparece o caroço. O objecto utilizado é a faca e a cura é com a faca a fazer cruces sobre o caroço. A oração é rezada uma vez sobre o caroço e outra sobre o braseiro.»²⁷⁶

4.

«*”Eu te corte, íngua, na cinza na carne não, que tu botes para fora esse carnegão.”*

A pessoa doente põe o pé na cinza ainda quente. Sobre esse pé desenhado na cinza repete-se a oração nove vezes, com uma faca fazendo cruces.»²⁷⁷

Estas quatro orações são semelhantes tanto no texto como na acção. Para curar o mal do doente, a curandeira utiliza uma faca que simboliza o cortar do caroço. A cinza da lareira que o faz figurativamente desaparecer, queimando-o, o que leva à cura do paciente.

²⁷⁵ PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 80.

²⁷⁶ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N ° 1, p. 19.

²⁷⁷ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N ° 2, p. 44.

j) Inveja/empreso

Inveja²⁷⁸ – Sentimento de desgosto e ódio simultâneos provocados pelo bem ou pela felicidade de alguém; sentimento que se traduz pelo desejo de possuir aquilo que outrem possui ou de o igualar ou superar em alguma coisa.²⁷⁹

Dizem os antigos que quem dá inveja, dá-o porque o padrinho não rezou devidamente o Credo durante o seu baptismo. Assim todos, correm o risco de serem invejosos sem o saber, pelo que as curas contra a inveja e o mau-olhado são as mais comuns.

Variam em tamanho, conteúdo e divindades, mas quase todas têm em comum o uso do alecrim.

1.

«*“Deus de Deus e o Verbo de Deus e o Filho do Pai eterno”, (nome da pessoa a quem se cura), se estás empresada no comer, no beber, no vestir ou no calçar, na tua formosura ou no teu lidar, no teu dinheiro, no teu trabalho, no teu estudar, na tua casa, se estás empresada por parte do diabo, Deus te “desemprese”, se estás empatada, Deus te “desempate”, se estás atravessada, Deus de “desentrasse”, se estás amarrada, Deus te “desamarre”, se empresada nas horas das Avés Marias. Alecrim, deitar no prego do mar onde não ouça o galo preto cantar, ovelha benta berrar, nem zangão zangar. Vai este mal para longe e não torne a voltar.”*

Curar 9 vezes.»²⁸⁰

2.

«*“Maria” te chamas de Cristo depois de pia. Com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade eu te curo e Deus te queira tirar deste “empreso”. Este mal empedrado e todas as forças malignas na serra seja deitado e vá*

²⁷⁸ Sobre o conceito de inveja na antiguidade clássica, cf. Aristóteles, *Retórica*, 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2005, p. 190 a 19. Mais recentemente o jornalista Zuenir Ventura escreveu uma obra tendo este pecado capital como pano de fundo: ZUENIR, Ventura, *A inveja. O mal secreto*, Rio de Janeiro, Objectiva, 1998.

²⁷⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Vol. I, p. 2156.

²⁸⁰ Grupo de Folclore da Casa do Povo do Campanário, “Crendices e curas”, *Folclore*, Julho 2005, N.º 15, p. 13.

para o mar que é rico e poderoso, pode com o bem e com o mal. Credo em cruz, que é o nome de Jesus.”²⁸¹

3.

“ Eu te curo com o Santo nome de Deus e da Virgem Maria, se tens inveja ou mal invejado, ou atravessado, ou enfeiticeirado, ou impates ou emprenzamentos, ou pragas malditas no teu corpo, na tua vida, na tua casa, no teu viver, no teu trabalho, nos teus dinheiros, nas tuas comidas ou bebidas. Todos estes mal invejados seja tirado pela morte e paixão de Nosso senhor Jesus Cristo é que tem esse poder e eu não. Amén.”²⁸²

4.

*“Maria, se tens inveja no dormir, ou no espreguiçar, ou no voltar, ou no rir, ou no falar, ou nos miolos, ou nas veias, ou no lidar, nos cabelos ou na tua formosura, ou no escrever, ou no ler, ou no calçar, ou no comer, ou no teu saber. Em tudo quanto tens no teu corpo, se tens olhado ou inveja de homem ou mulher, te alevante com alecrim verde colhido do campo. Tire esse mal se é de cobrante e o tire em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.*²⁸³

5.

*“Alecrim verde, verde alecrim, tire esta inveja que tens em ti”*²⁸⁴

6.

«“Fulano, que nome é o teu que te puseram na pia em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade. Eu, que te curo deste mal invejado, emprenzado que neste corpo está, quem te deu com ele há-de ficar, os olhos hão-de arder, a língua te queimar. Credo, credo, meu Santíssimo Sacramento o que é mau vai-se embora e o que é bom volte para ti. Pai Nosso. Avé Maria.”

Antes de rezar a oração reza-se o Credo. É dito nove vezes, passando em cruz sobre o braseiro de carvão com perfumes de farmácia ou alecrim verde, ou matos do caminho e, no fim da cura, deita-se uma colher de sobremesa de sal e uma de pimenta.»²⁸⁵

²⁸¹“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio de 1992, N° 1, p. 17.

²⁸²*Ibidem.*

²⁸³*Ibidem.*

²⁸⁴*Ibidem.*

²⁸⁵*Ibid*, p. 19 a 20.

7.

*“Dês é Dês e Dês é Verbo e Dês é filho do Pad’Aterno. De todos os demôinos eu arrenego. F... [o nome do paciente], se te der o invejo ou no tê comer, ou no tê buber, ou no tê vestir, ou no tê calçar, ou na tua guerdura, ou na tua fermesura, ou de qualqué maneira, que s’aparte deste corpo e déstai veias e deste sâingue; que vá p’a o prego do mar, qu’este corpo é prov’e nã no pode sustentar aquel’mal invejado. Sant’António dui Milhaigres faça a imola e caridade de tirar este mal invejado que te quero curar, in nome de Dês e da Virgem Maria e das tês psâuai da Santíss’ma Trindade. E eu que te curo e Dês que te salve.”*²⁸⁶

[Deus é Deus e Deus é Verbo e Deus é filho do Pai Eterno. De todos os demónios eu arrenego.

Fulano, se te deram inveja no teu comer, ou no teu beber, ou no teu vestir, ou no teu calçar, ou na tua gordura, ou na tua formosura, ou de qualquer maneira, que se aparte deste corpo e destas veias e deste sangue; que vá para o prego do mar, que este corpo é pobre não o pode sustentar àquele mal invejado. Santo António dos Milagres faça a esmola e caridade de tirar este mal invejado que te quero curar, em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade. E eu que te curo e Deus que te salve.]

8.

[Nome] “, eu te curo de olhado mal invejado e emprezado, em o nome que o padre te poz na pia, com onome de Deus e da Virge-Maria e das tres pessoas da Santissima Trindade. Se está mal invejada, no seu comer, ou no seu beber, no seu vestir, no seu calçar, no seu ter, na sua boniteza, na sua formosura, na sua gordura, no seu andar; quem invejou com mau mado não torne a invejar. Arrebenta-te, cão, vae-te p’ra o infernal. Alecrim verde, que nasce no campo, tirae este mal e este quebranto. Home bom, mulher irada, palhas aguadas, por onde este mal entrou por iá sáia. Credo, tres vezes credo, arrebenta cão nas profundas do inferno.”²⁸⁷

9.

«Fulano quem te invejou que te desinveje, quem te emprezou que te desimpreze, quem te acanhou que te desacanhe, quem te empatou que te desimpate, quem te inguiçou que te

²⁸⁶PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 80 e “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 21.

²⁸⁷SARMENTO, Alberto Artur, *As Migalhas (Contos e Esbocetos)*, 1912, p. 114 a 115 Disponível em: <http://nesos.madeira-edu.pt> [Consultado em 04-10-2010].

desinguce, por pragas pedidas ou protestadas, ou todos os males invejados e atravessados, e quebrante no fundo do mar seja lançado. Em louvor de São Silvestre para tudo que faças, te preste, em louvor de S. Cosme e das três Pessoas da Santíssima Trindade, eu que te curo e Deus que te sare.”

Repete-se nove vezes esta mesma reza, e dizendo-se ao cabo desta:

“Com o nome de Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo te queira tirar este mal por amor de Deus. Amém.”

Faz-se a cura com nove galhos de cedro, e depois de nove curas seguidas em dias certos, deita-se tudo ao mar.»²⁸⁸

10.

«“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém (benzendo-se)

Nome da pessoa, sou eu que te cure e Deus te acuda

Às tuas necessidades, Santa na parié, a Virgem parié,

Jesus são as três pessoas a Santíssima Trindade

Serão servidas tirar o mal do teu corpo, se é no teu comer,

se é no teu beber, se é no teu vestir, se é no teu calçar,

No teu sorrir ou no teu trabalhar, na tua gordura ou formusura, o Anjo do Senhor o mande deitar na serra

Ou no mar com todo o prazer onde não ouça cantar galinha

Nem galo Jesus credo.

Alecrim verde

Verde alecrim

Tirai este mal

Que aqui está em ti

(repete-se três vezes)

Alecrim verde

Que nasce no campo

Curai este mal

E este assombrante

(repete-se três vezes)

²⁸⁸AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 199.

Eu te cure em louvor

Do Santíssimo Sacramento

O que é mau vá para fora

O que é bom venha para dentro

(repete-se três vezes)»

Reza-se o credo em Deus Pai, todo-poderoso.

“*Credo em cruz, Credo em cruz, Credo em cruz*”

Cura-se com três pontas de alecrim, nove vezes seguidas, durante nove dias seguidos.²⁸⁹

11.

Cura-se em número ímpar, com um raminho de alecrim em cruz:

Pai, Filho, Espírito Santo

Com o nome de Deus e da Virgem Maria

E louvor do Santíssimo Sacramento

Das três pessoas divinas da Santíssima Trindade

[Nome] *esse foi o nome que Deus te pôs na pia*

Com o nome de Deus e da Virgem Maria

Se te deram inveja

Ou no teu comer, ou no teu beber, ou no teu dormir, ou no teu descansar, ou na tua barriga, ou no teu estômago, ou no teu intestino, ou no teu vestir, ou no teu calçar

Quem to deu não torne a dar

E o deite no prego do mar

Aonde não oiça galo nem galinha cantar

Homem bom, mulher má

Casa aguada, por cima palha

Por onde este mal entrou, por aí saia

Alecrim verde que nasce no campo

Tire este mal, este quebranto

Credo, credo, credo

Depois faz-se o perfume com o raminho de alecrim enquanto se diz três vezes:

Assim como a Nossa Senhora perfumou o seu bendito filho para bem cheirar,

eu te perfumo [nome] para este mal te passar

²⁸⁹ <http://www.freguesiasantacruz.com/html/patrimonio.htm> [Consultado em 19/01/2010]

De seguida atiram-se as cinzas à água corrente, como uma levada, dizendo:

Nossa Senhora de Belém

*leva o mal que Maria tem*²⁹⁰

12.

A curandeira deve benzer-se em primeiro lugar, e depois diz:

Em nome do Pai, do Filho e Espírito Santo

[nome da pessoa], *se te der este quebranto, este mal invejado*

Se desejaram o teu comer, ou teu beber, ao teu sustento ou a tua formosura

Em não terem é igual

Jesus Cristo te queira tirar, queira deitar no mar largo

Não oiça nem boi berrar, nem porco chiar, nem sino bento tocar

Homem bom ou mulher má, cama de palha aguada

Por onde este mal entrou, por lá saia

Santa Ana pariu a Virgem e a Virgem pariu a Jesus

Jesus São João Baptista”

Cura-se com um galho de alecrim, fazendo cruzeiros em cima do cabelo do doente.²⁹¹

Animais

13.

Para curar um animal:

Pai, Filho, Espírito Santo

Com nome de Deus e da Virgem Maria

Em louvor do Santíssimo Sacramento,

[vaca] *este foi o nome que Deus te pôs para te chamar*

Se te deram inveja, mal invejado

Na tua cor, no teu tamanho, no teu osso, no teu engordar, na tua boniteza, na tua pintura,

ou nas tuas veias, no teu muge, no teu dar leite, no teu corpo inteiro

Quem to deu não volte a dar

E o deite no prego do mar

²⁹⁰DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 02'04'' – 07'39'', por Filomena Isabel d'Agrela, 73 anos, Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

²⁹¹DSPC, S. Vicente, fita 2, gravação 1, 00'09'' – 03'15'', por Rosa de Jesus, 63 anos, Sítio das Ginjas – Miradouro. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Onde não oiça galo nem galinha cantar

Homem bom, mulher má

Casa aguada, por cima palha

Por onde este mal entrou, por aí saia

Alecrim verde que nasce no campo

Tire este mal, este quebranto

Credo, credo, credo

Enquanto decorre a cura, deve uma pessoa estar a mugir a vaca para que as veias do muje estejam abertas e outra com uma bacia a perfumar o animal, com alecrim, palha de alho e louro, da cabeça à cauda, fazendo o sinal da cruz, dizendo:

Assim como a Nossa Senhora perfumou o seu bendito filho para bem cheirar

Perfumo-te vaca para este mal te passar

Se o animal tiver olhado fica com o pêlo no ar.

Deitam-se as cinzas do perfume em água dizendo:

Nossa Senhora de Belém leve o mal que a minha vaca tem

Pode ser necessário curar mais do que uma vez, a cura deve ser sempre em número ímpar.²⁹²

Quase todas as orações fazem, em primeiro lugar, uma enumeração das qualidades que poderiam ser invejadas e do tipo de inveja, apelando, depois, para que Deus e a Virgem Maria limpem a alma do mal que a aflige.

É curioso que doze das treze orações recorram a Deus. Talvez por ser um mal muito poderoso que pode ter consequências nefastas, as curandeiras acreditavam que só Deus teria o poder de salvar o doente. Pode, também, a razão se dever ao facto de o invejoso *nascer* na pia baptismal, perante Deus e, por isso, apenas Este ter o poder de anular esse mal.

Das treze orações aqui transcritas, nove utilizam o alecrim, seja no texto seja como objecto, para limpar o doente da inveja.

Embora os textos sejam semelhantes, sete solicitam que o mal seja atirado para o mar e quatro delas, as orações números oito, onze, doze e treze fazem referência ao *Homem bom*,

²⁹²DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 07' 40'' – 11' 16'', por Filomena Isabel d'Agrela, 73 anos, Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

*mulher irada/má, palhas aguadas/casa aguada, por cima palha.*²⁹³ Estas alusões são constantes nas orações de olhado que serão de seguida analisadas.

²⁹³Segundo a curandeira Rosa de Jesus esta referência tem como origem um episódio da vida de Jesus. Nossa Senhora foi com o Menino pedir agasalho a uma casa. A dona da casa deitou água na cama onde Nossa Senhora ia dormir. No dia seguinte, Nossa Senhora, disse à mulher para lavar o seu filho leproso na água onde ela tinha lavado Jesus. A mulher recusou-se. No dia seguinte a criança estava pior, então Nossa Senhora curou-o com um galho de alecrim.

k) Mau-olhado ou quebranto (quando o enfermo é uma criança)

Olhado — Mau olhar que se atribui a certas pessoas, com efeito prejudicial.²⁹⁴

Feitiço ou condão que certas pessoas ou animais possuem que, segundo crença popular, pode fazer mal àqueles a quem olham.²⁹⁵

Quebranto – Prostração, fraqueza, quebreira; Popular – debilidade atribuída a mau-olhado.²⁹⁶

É mais complicado curar de mau-olhado dado por uma mulher, porque é “*sempre de pior pecado na feitiçaria todo o olhar de mulher*”.²⁹⁷

É do conhecimento popular que uma pessoa não dá mau-olhado por vontade própria, dá-o inconscientemente. Existem três versões para justificar o facto de alguém dar olhado.

Uma das versões atribui a culpa de determinada pessoa dar mau-olhado ao padre porque, na hora do baptismo, não pronunciou a oração correctamente, pelo que a criança não ficou limpa de pecados.²⁹⁸ Outra refere que, se alguém estiver uma semana sem lavar a cara (antigamente devido à falta de água canalizada e à precariedade higiénica esta realidade era frequente), é certo que irá dar mau-olhado. Por último, diz-se que os padrinhos de baptismo, se não souberem rezar o credo ou não o rezarem correctamente na hora do sacramento, a criança dará olhado/inveja em toda a sua vida.

1.

“Assim como o sol nasce e alumia toda a Cristandade, eu te curo (nome da pessoa) dos maus olhos que para ti olharam e se te deram no comer, ou no beber, ou no rir, ou no zombar, nas carnes, ou na gordura, ou na boniteza, em tudo o que comeste ou bebes. Alecrim verde ou verde alecrim que nasce no campo tirai esse mal a esse cobrante. São dez que te derem e três que te tire, em nome do Pai, Filho e do Espírito Santo. Homem bom, mulher curada. Pelo lugar onde entrou por lá saia e deitado no mar onde não haja Cristandade, onde não ouça o vento berrar, nem o menino chorar fará mal. Alecrim verde

²⁹⁴SILVA, Padre Fernando Augusto da, *op. cit.*, p. 45.

²⁹⁵<http://www.infopedia.pt/diciope.jsp?dicio=15&op=DefExpoente&Entrada=mau-olhado&Expoente=0> [Consultado em 07-10-2010].

²⁹⁶<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/quebranto> [Consultado em 07-10-2010].

²⁹⁷AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, p. 183.

²⁹⁸*Ibid.*, p. 183 a 184.

*e verde alecrim que nasce no campo tirai esse mal, esse cobrante. São dez que te derem e três que te tire em nome do Pai, Filho e do Espírito Santo”.*²⁹⁹

2.

“Fulano, que nome é o teu que te puseram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria, diz-me se tens olhado no teu vestir, ou no teu calçar, ou no teu rir, ou no teu falar, ou no teu trabalho, ou no teu comer, ou no teu beber, ou no teu brincar, ou na tua gordura ou formosura, ou na tua maneira de ser, ou em tudo o que tu tens. Nossa Senhora te tire e te deite no mar, que nunca mais te torne a dar”.

Repete-se nove vezes.³⁰⁰

3.

*“Lua Quebrante, que por aqui passaste, a minha saúde levaste. Tornarás a passar, a minha levarás e a dela deixarás. Jesus é credo, credo a Deus, se é quebrante benza-te Deus”.*³⁰¹

4.

«“Eu te benzo, em nome do Pai e do Divino Espírito Santo, as mãos, os olhos para te olhar, os maus olhos que passaram. Seja deitado no perigo do mar. Não seja visto nem aparecido. A Santa Virgem Maria um anjo anunciou, o verbo divino encarnou nas puríssimas entranhas da nossa Mãe Santíssima, Senhora Nossa por obra do Espírito Santo”

(Rezar um credo em Deus Pai).»³⁰²

5.

«“Maria, se tens olhado no comer, no beber, no vestir e no calçar, no próprio andar, no trabalhar, no cabelo e na tua formosura, a invejidade havemos de ouvir entrar para o perigo do mar, aos uivos fortes. Pode com o bem e com o mal para sempre, amén.”

(Rezar um credo em Deus Pai).»³⁰³

²⁹⁹“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 18 a 19.

³⁰⁰*Ibidem.*

³⁰¹*Ibidem.*

³⁰²“Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 44.

³⁰³*Ibidem.*

6.

“Maria foi o nome que te puseram na pia, eu te curo em nome de Deus e da Virgem e das três pessoas da Santíssima Trindade, se te deram olhado no comer, no teu vestir, no teu calçar, nos teus cabelos, nos teus dentes, nas tuas pernas, nos teus braços, no teu corpo, na tua casa, na tua sorte, Deus te queira tirar aqui; deite no fundo do mar, não ouça galo cantar nem cabra berrar, arrenegue olhos maus, este corpo é pobre não pode sustentar. (Diz-se três vezes:) Senhor vivo andai comigo, Senhor morto acompanhai-me, senhor crucificado levanta-me todo o mal.

(Diz-se três vezes:) “Santo Jesus, Santo “porte”, Santo mortal por Jesus, Maria e José levanta-me todo o mal.”

(Diz-se três vezes:) “Deus me fez, Deus me criou, afastai os maus olhos que me prezam.”
No fim reza-se o credo (três vezes).»³⁰⁴

7.

“Eu te curo, em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade. De olhado invejante não invejado, se te deram no comer, no beber, na gordura, na formosura, no andar e no trabalhar. Eu te curo para tirar este mal do teu corpo, da tua carne, dos teus ossos e das tuas veias. Em nome de Deus, da Santíssima Trindade, por Jesus Cristo, batizado em Jordão, verdadeiramente corre este mal.”

Esta oração é rezada de três a nove vezes, com alecrim verde.³⁰⁵

8.

“Eu te curo, com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade. Qual foram os olhos mal aventurados que te deram olhado no comer, no vestir, no calçar, no escrever, no trabalhar, no ler? No pinho da serra sejam deitados, onde eles não ouçam sinal de Cristo andando, nem boi verde zurrar. Cama palaça, cama aguada, por onde esteve mal, assim mesmo saia. Jesus Cristo batizado no rio Jordão, onde eu creio e adoro verdadeiramente.”

Esta oração é rezada de três a nove vezes, com alecrim verde.³⁰⁶

³⁰⁴“Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N ° 2, p. 45.

³⁰⁵“Rezas”, *Xarabanda Revista*, Segundo Semestre 1994, N ° 6, p. 70.

³⁰⁶*Ibidem*.

9.

“*Maria,*

Eu te curo, em nome de Deus e a Virgem Santíssima, em louvor das três tochas da Santíssima Trindade. Se te impressarem o teu comer, o teu vestir, o teu olhar, todo o teu ser, eu te curo do ar da manhã, do ar do meio-dia e do ar da tarde. Peço à Virgem Santíssima que te levante este mal e que deite no mar largo, onde não há embarcações passar, nem sinos tocar, nem galos cantar. Eu te curo, em nome de Deus e da Virgem Santíssima.”

Esta oração é rezada de três a nove vezes, com alecrim verde.³⁰⁷

10.

“*Para inveja, empresos e ares e feiticeiros, meu Jesus, Senhor do Céu, me queira valer, pelo Vosso sagrado e divino poder.*

Nestas santas orações, em cima deste cristão, eu quero dizer para o Senhor do Céu lhe queira valer e afastar todo o mal que lhe acontecer.

Eu curo este cristão, em louvor do Santíssimo Sacramento, e Nossa Senhora de Belém me tire todo o mal que este cristão tem. Ar olhado por olhar, que lhe deram excomungadas ou excomungado que lhe deram. Sai daqui para a rua, que esta casa não é tua.

Se te deram no olhar, ou por olhar, ou por dormir, ou no acordar, ou no levantar, ou a trabalhar, ou no vestir, ou no calçar, ou no bonito manjar, ou na gordura, ou na formosura, ou na feitiçaria, ou na bruxaria, ou no azar, ou no teu trabalhar, ou empate, ou emprego, ou no espírito mau, ou na tua casa, ou pela fazenda, ou pelo caminho, ou pela igreja, ou por todo o lugar que assim seja. Deus do céu te queira tirar alentos e forças, tudo Deus do céu te queira dar, o Santíssimo Sacramento de todos os perigos te livrar.

Alentos e forças, de tudo o Deus do céu te queira dar, o Santíssimo Sacramento que está no altar, com os seus braços abertos para este cristão entrar e o Santíssimo Sacramento de todos os perigos o livrar. Eu curo este cristão, da cabeça aos pés, em louvor do Santíssimo Sacramento, de ares frios e constipações, reumatismo e ensepela, nervoso e tiofostuadas, tonturas grelhadas, sinceras, desta cabeça para o miolo, desta testa, destes olhos, destes ouvidos, deste nariz, desta boca, deste pescoço, deste peito, desta barriga, destes braços, destas pernas, desta carne, deste osso, todo o mal que sai daqui para a rua.

³⁰⁷“Rezas”, *Xarabanda Revista*, Segundo Semestre 1994, N ° 6, p. 70 e 71.

(Nome da pessoa) Este nome é o que te deram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria, inveja má aqui não tem lugar que te deseja.”

Esta oração é rezada de três a nove vezes, com alecrim verde.³⁰⁸

11.

“Alecrim verde, que nasce no campo, eu que te curo do olhado cobrante. Em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo. Nossa Senhora cure o seu bendito Filho para lhe cheirar o que eu curo para passar (nome da pessoa).

Eu te curo, em nome do Santíssimo Sacramento. O que é mau vai p’ra rua e o que é bom vem p’ra dentro.”³⁰⁹

12.

“Eu te curo, em nome de Deus, da Virgem Maria, das três pessoas da Santíssima Trindade. Quais foram mal aventurados que a ti emprezaram no teu comer, o teu beber. Vai-te daqui, mal aventurado. Eu não te curo, nem te sei curar. Deus é que cura e a Virgem Maria é que salva.”³¹⁰

13.

“Maria foi o nome que te puseram na pia, eu te curo em nome de Deus e da Virgem e das três pessoas da Santíssima Trindade, se te deram olhado eu de olhado de homem ou de mulher, quebrante inveja, mal invejado, atravessados olhos que para ti olharam, se te deram olhado no teu olhar, no teu andar, no teu comer, no teu beber, na tua formosura, ou se te deram pelo caminho Deus te queira tirar tudo o que o teu corpo tem por essa inveja, deitado no fundo de qualquer mar, por alma viva não torne mais a voltar, eu te curo e Deus é que te saro em louvor das três pessoas da Santíssima Trindade, assim como nossa Senhora curou seu Bendito Filho para lhe cheirar, eu também te curo para te sarar, alecrim verde que nasce no campo, tirai este mal, este quebranto, pelo Amor de Deus.”³¹¹

14.

«Esta oração deve ser dita nove vezes durante 9 dias consecutivos.

³⁰⁸“Rezas”, *Xarabanda Revista*, Segundo Semestre 1994, N ° 6, p. 71.

³⁰⁹*Ibidem.*

³¹⁰*Ibidem.*

³¹¹Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santa Cruz, “Crenças populares”, *Revista Folclore*, Julho 1996, N° 6, p. 10.

“ (Nome da pessoa), eu te curo em nome de Deus e da Virgem Maria, com as três pessoas da Santíssima Trindade, o Pai, a Filho e o Divino Espírito Santo, com alecrim verde do norte com que te estou a curar que todo o mal do teu corpo Nossa Senhora te queira tirar. Se é do teu comer, do teu beber, do teu vestir, do teu calçar, da tua gordura, da tua formosura, do teu trabalhar, do teu ganhar, do teu aproveitar, dos teus negócios, dos teus clientes, do teu comprar, do teu vender, se é inveja, se é impacto, se é mau-olhado, se é pragas, se é feitiços, se é bruxarias, se é filtros ou encantamentos, que não oiças o galo cantar, nem a cabra berrar, que todo o mal do teu corpo Nossa Senhora te queira tirar, em nome do Deus Filho e de Deus Espírito Santo.”³¹²

15.

«“Fulano, foi o nome que te poseram na peia. Sem este nome nunca podeas ser crestã. Mal quebranto, mal invejado, quem foram os olhos mal abenturados que te imprezaram? Ou no teu comer, ou no teu buber, ou na tua gordura, ou na tua formezura, ou no teu pão, ou no teu peixe, ou no teu café, ou no teu andar, ou no teu falar. A Virge Mãe é que cura, a Virge Mãe é que sara. Nossa Senhora pariu a Jesus no rio de João Sagrado. Assim como isto é berdade, Deus te queira por a mão e tirar esse mal ruim daí das tuas ideias, do teu corpo, no mar, e na rocha seja botado, que não ouça mais o galo cantar, nem boi berrar. Bai embora mal-abenturado, porque aqui não é o teu lugar.”

Ao pronunciar as últimas palavras desta reza, a benzedeira faz um gesto largo a indicar a saída do mal pela janela aberta sobre a rua. E logo, em seguida, continua dizendo desta maneira:

“Cama apalhaça e casa aguada, homem manso e mulher brava, u’onde este mal entrou por i saia”

Novo gesto a empurrar o mal para a saída, reza o Credo em cruz, e benze-se. Depois perfuma o doente.»³¹³

16.

Com cinco ou nove galhos de alecrim sobre a cabeça da pessoa ou de outra coisa qualquer, mas sempre benzendo em cruz e dizendo assim:

³¹²Grupo de Folclore da Casa do Povo da Quinta Grande, “Rituais Curandeiros”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p.16.

³¹³AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 198.

“Árvore João, flor das flores, árvore João flor das mesmas tal me seja dado espera por novas de alegria, assim como a Virgem Maria curava com as suas palavras divinas, também eu te curo com as minhas. Criatura se estas lembrada quem te deu este quebrante, este olhado, mal invejado, Jesus Cristo será nado, se foi no comer ou beber, Jesus te queira valer, se foi no andar, Jesus te queira tirar, se foi no dormir, Jesus te queira acudir, Santa Ana, Santa Isabel, o teu corpo e o teu coração não desfaleça, só a mão de São João é que pode tirar, outra pessoa não.³ te dão, 3 tiram, homem bom, mulher má, Casa varrida e aguada, por baixo água, por cima palhas, por onde este mal entrou por ele saia. São Sebastião queira tirar este mal deste miolo, e deste corpo todo para o fundo do mar, para nunca mais te tornar a dar.”

Perfuma-se com louro, alecrim e matos do caminho.³¹⁴

Nota: Esta transcrição está com grafia actual.

17.

“Vai-se curar um ou uma [o primeiro nome do paciente]. Em louvô de Dês e da Virge Maria, ê te cure d’olhado.

Atravessado, invejado ou imprezado de olhado, mal indiabrade, se te dé no comer, ou no trabalhar, ou no falar, ou no rir, ou no ganhar, ou na boniteza, ou na fermesura, em tu’em que te der o mal, em tud’eu te cure, em nome das tri devinas psâuai da Santís’ma Trindade, Padre, Filho e Esprito Sante. Ê te curo e Dês que te sare.

Se te dé pelos caminhos ou silveiros o mal constipado, mal de tês olhos, que mal te dê, mal dado, ó seja d’home ó de mulher, de olhos pretos, rajados, na serra digo que sejam deitados. Ê te curo e Dês que te sare.”³¹⁵

18.

“Ê te curo, em nome de Dês, da Vrige Maria, das três psâuai da Santíss’ma Trindade. Ê te curo, Jasus te sare.

F... [nome do paciente], se te der olhado ou mal invejado no comer, ou no beber, ou no rir, ou no vestir, ou no calçar, ou no mirar, ó po’portas, ó po’janelas, ó po’caminhos, ó po’ igrejas, ó po’ calquer out’lugar, Nossa Sinhóra te queira tirar e mande deitar p’a o fundo do mar, donde olhi vivos não o torn’a olhar.

³¹⁴AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 207 e id, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 11.

³¹⁵PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 81 e “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N° 1, p. 21.

Nem tê bucho apodreça, nem tê corpo difaleça. Homem bom, mulher má, casa barrida e augada, por onde este mal entrou, por aí saia, p'ra que se cure este cubranto com alecrim bento que nace no campo.

*A mão de São João é que pode tirar, outra pessoa não. Assim cum'o senhor São Sebastião foi morto e sepultado e laciado, tire este mal, este mal invejado, deste corpo qu' é rico e ped'roso: podo co'o bem, co'o mal não. Amén.*³¹⁶

[Eu te curo em nome de Deus, da Virgem Maria e das três pessoas da santíssima Trindade. Eu te curo e Jesus que te sare.

(Fulano), se te deram olhado ou mal invejado no comer, ou no beber, ou no rir ou no vestir, ou no calçar ou no mirrar, ou por portas ou por janelas, ou por caminhos, ou por igrejas, ou por qualquer outro lugar. Nossa Senhora te queira tirar e mande deitar para o fundo do mar, onde olhos vivos não o tornem a olhar.

Nem o teu bucho apodreça, nem o teu corpo desfaleça. Homem bom, mulher má, casa varrida e aguada por onde este mal entrou, por aí sai, para que se cure este quebranto com alecrim bento que nasce no campo.

A mão de são João é que pode tirar, outra pessoa não. Assim como o senhor S. Sebastião foi morto e sepultado e *laciado*, tire este mal, este mal invejado, deste corpo que é rico e poderoso, pode com o bem, com o mal não. Ámen]

19.

«“ (fulano) eu te curo em nome de Deus pai, filho e Espírito Santo se te deram olhado no teu comer, no teu beber, no teu vestir, no teu calçar, no teu trabalhar, no teu ganhar, no teu poupar, na tua formosura, na tua gordura, no teu dormir, no teu sonhar, no teu sorriso, no teu falar, nos teus negócios, na tua casa, nos teus papéis, cartas ou embarcações, no teu corpo interior por onde tu passares entre portas e janelas ou por mar, este mal Jesus Cristo te queira tirar. Amén”

Rezar nove vezes, com uma cruz de alecrim, feita com nove pontas.»³¹⁷

20.

Em nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas da Santíssima Trindade

³¹⁶PESTANA, Eduardo Antonino, *op. cit.*, p. 81.

³¹⁷http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

Eu te curo

Se foi no teu comer, se foi no teu beber, se foi no teu andar, ou no teu vigiar, ou no teu vestir, ou no teu calçar, vai-te embora mal-aventurado

Para o pinho da serra sejas deitado,

Nem cabra berrar, nem boi berrar, nem galo cantar

Cama palhaça, mulher brava, homem manso,

Os olhos que te empresaram no pinho da serra sejam deitados

Em nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas da Santíssima Trindade

Eu te curo para te passar, assim como Nossa Senhora curou seu bendito filho para passar

Vai-te embora mal-aventurado deitado no pinho da serra,

Sejas deitado, mulher brava, homem manso.³¹⁸

21.

Ah meu criança

Nosso Senhor te cure e o divino Espírito Santo e o Santíssimo Sacramento

E o que é mau saia para fora e o que é bom fique dentro

Cura-se nove vezes.³¹⁹

22.

[nome da pessoa ou animal], teu nome foi posto na pia

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo

E das três divinas pessoas da Santíssima Trindade

E Deus que cure e sare

Com o Santíssimo Sacramento

E as três divinas Pessoas e o divino Espírito Santo

E o alecrim verde que nasce no campo

Tire este ar e este olhar e este quebranto

E deite no prego do mar

Que mais nunca em ti

Nem geração tua torne a dar

³¹⁸DSPC, Porto Santo, fita 17, gravação 1, 01'02'' – 22'02'', por Berta Menezes, 75 anos, Tanque. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

³¹⁹DSPC, S. Vicente, fita 4, gravação 1, 14'11'' – 14'53'', por Maria Teresa de Jesus, Laranjal. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

*Se foi olhado de homem, se foi de mulher,
 Ou se foi do teu comer, ou da tua formosura
 Ou ar da serra, ou ar do mar, ou ar da ribeira
 Ou qualquer sorte que seja, casa coberta molhada
 Por onde este mal entrou por lá saia
 Diz-se a oração nove vezes de cada vez que se cura, deve-se curar até ao doente estar bom.³²⁰*

23.

[nome da pessoa]
*Este foi o nome te puseram na pia
 Eu te curo com o nome de Deus e da Virgem Maria
 De olhado, quebranto, do mal invejado
 Das três pessoas da Santíssima Trindade
 Assim como isto é verdade,
 Assim Deus te tire este mal
 Destas veias, destes ossos, desta carne
 No mar e na rocha será botado
 Onde não oiça a voz do galo
 Jesus Cristo foi baptizado
 No rio Jordão sagrado
 Que é Padre, Filho, Espírito Santo,
 Ámen”³²¹*

24.

*Jesus, Credo, em nome de Deus e das três pessoas da Santíssima Trindade
 Onde eu ponha a minha mão, Jesus ponha a santidade
 O alecrim bento que nasce no campo
 Tirai este mau-olhado, este quebranto
 Se é ar da serra, ou do mar, ou ar da lua, ou ar das estrelas, ou ar do caminho,
 ou ar da igreja, seja que moda seja*

³²⁰DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 21’21’’ – 24’19’’, por Verónica Maria de Sousa, 73 anos, Cascalho. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

³²¹DSPC, Porto Santo, fita 4, gravação 2, 00’00’’ – 02’39’’, por Rosa José de Vasconcelos, 72 anos, Serra de Fora. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Santa Ana pariu a Virgem
Santa Isabel, São João Baptista
Nossa Senhora foi Virgem, antes do parto
Depois do parto, sempre Virgem
Homem bom, mulher má,
Casa aguada, cama de palha
Por este mau-olhado entrou
Por aqui saia
Indo sempre São José
De passadinha em passadinha
Para tirar esta camada de olhado
Para esta pessoa ficar boa
Para nunca mais te torne a dar
Vai-te para prego do mar
Onde não oiças nem galo nem galinha cantar
Nem meninos a chorar
Que ele é rico e bom
Pode com o bom e pode com o mau³²²

25.

Eu te curo [nome]
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Qual foi os olhos mal aventurados
Que a ti te empresaram
Ou no teu comer, ou no teu beber
Ou nas tuas carnes, ou nas tuas veias
Ou na tua formosura, ou no teu trabalhar
Ao pinho da serra seja deitado
Onde não haja sinal de cristandade
Nem um boi verde³²³ berrar

³²²DSPC, Calheta, fita 5, gravação 8, 01'46'' – 02'29'', por Leopoldina Faria, Paul do Mar, Quebrada, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrita por Cátia Olim.

³²³ Denomina-se “boi verde” quando o animal foi castrado, não servindo para reproduzir mas para trabalhar. Informação dada pela entrevistada Sr.^a Matilde Gomes de Vasconcelos.

*Nem um galo cantar
 Casa palhaça, cama aguada
 Homem manso, mulher brava
 Por onde este mal entrou, por este saia
 Santa Ana pariu a Virgem, e a Virgem pariu a Jesus
 Assim como isto é verdade
 O divino Espírito Santo
 Queira acudir à tua necessidade
 Deus Pai e Deus Filho e Deus Espírito Santo
 São as três pessoas da Santíssima Trindade
 A quem eu adoro e creio verdadeiramente
 Ámen.*

Cura-se com uma cruz de alecrim, fazendo cruces com a mão em cima do doente. Usa-se uma cruz por cada oração, nove vezes de cada vez. Quando se cura, a porta tem de estar aberta.³²⁴

Curas com azeite:

26.

«Para experimentar:

“Nome, que lhe puseram na pia, em louvor de Deus e da Virgem Maria e das Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade que é Pai, Filho e Espírito Santo, que o mal que tem nesta pessoa que mostre nesta água pelo amor de Deus”

(deita-se um pingo de azeite e se ficar um olho a pessoa não tem qualquer tipo de mau olhado; mas se o azeite se espalhar então há que curar. Se um olhinho pequenino saltar para o lado do olho maior, é apenas pena).

Para curar: *“Alecrim verde que nasce no campo tira o mal desta pessoa se tu és cobrante, homem bom, mulher ruim, casa aguada, cama de palha por onde este mal entrou que por lá saia, que seja homem e mulher, rapaz ou rapariga que lhe dessem no seu comer no vestir na sua boniteza, ou no seu trabalho (nas coisas que a pessoa se queixa) que seja deitado no mar, que o mar é rico e poderoso, que pode com todo este mal, e eu pecadora não posso sustentar, fora mal, fora mal, fora mal.”*

³²⁴ DSPC, Porto Santo, fita 13, gravação 1, 01' 17'' – 13' 19'', por Matilde Gomes de Vasconcelos, Casinhas. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

(Reza-se 9 vezes, utiliza-se uma cruz de alecrim, fazendo cruzeiros à medida que se vai rezando.»³²⁵

27.

«Experimentar – olhar no azeite:

“(Nome da pessoa), *foi o nome que puseram na pia, valha-te o Santíssimo Nome de Deus e da Virgem Maria e as Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade que é Pai, Filho e Espírito Santo.*”

Para experimentar, a pessoa tem que ter sobre a mesa um copo de água, uma garrafa de azeite e um pau para molhar no azeite e deitar um pingo no copo. Repete-se três vezes a oração.

Oração da Cura: “(Nome da pessoa a ser curada), *foi o nome que te puseram na pia, valha-te o Santíssimo nome de Deus e da Virgem Maria e as Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade que é Pai, Filho, Espírito Santo, assim como o Sol nasce e alumia o Mundo todo e toda a cristandade, também te cure (nome da pessoa a ser curada) dos maus olhos que para ti olharam ou pensaram. Também cure desse olhado, mau olhado, mal empregado e mal desejado, se te der no teu comer, no teu beber, no teu vestir, no teu calçar, na tua fala, no teu cabelo, no teu dinheiro, na tua casa; que pragas de homem ou mulher. Alecrim verde, verde alecrim que nasce no campo para esse mal e esse cobrante, são dois que deram, três que tire, que é Pai, Filho, Espírito Santo, Ámen. Homem bom, mulher brava, por onde esse mal entrou, por lá saia, é deitado no prego do mar, que ele é rico e poderoso pode com o bem e o mal não*”.

Repete-se 9 vezes, utilizando raminhos de alecrim, um copo com água, onde se reza fazendo cruzeiros sobre o copo. Em cada reza, utiliza-se um raminho, que depois é posto no colo, para posteriormente ser atirado à água corrente ou então são feitos perfumes com esses mesmos ramos, mas se a pessoa estiver presente faz as cruzeiros na pessoa e depois executa-se o perfume.»³²⁶

28.

«Faz-se o sinal da cruz.

“(Nome), *o nome que o padre te pôs na pia, eu te “espramento” [experimento] do mau olhado invejado “acobrantedo” em todo o teu ser, no teu comer, no teu beber, no teu*

³²⁵ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 43.

³²⁶ *Ibidem*.

trabalho, na tua casa, no teu dinheiro, na tua sabedoria, que nesta água apareça e nela vá para o fundo do mar, onde não ouça porco roncar, nem galo cantar, nem sino tocar, ou para a serra, onde louro bento não possa queimar, que este corpo é pobre não te pode sustentar.”

Reza o credo e diz três vezes o que se segue: “*Alecrim verde que nasce no campo tira este mal se é quebranto.*”³²⁷»

29.

«Esta cura pode fazer-se com água, deitando-se nela três pingos de azeite de cada vez em que se faz a benzedura da água (geralmente por três tempos, substituindo-se a água em cada ocasião).

Se o azeite se dissolve, ou espalha, temos sinal evidente do doente estar atacado do terrível mau-olhado.

Orações:

Reza-se, sempre em cruz, o Creio em Deus, e em seguida:

a) “*Fulano, eu te curo em nome de Deus e da Virge Maria, e das três Pessoas da Santíssima trindade, a quem eu adoro e creio verdadeiramente. Eu vos peço que mostreis nesta água e azeite a pura verdade, que eu te curo, e Nosso Senhor, pela sua infinita misericórdia, que te sare*”

Três vezes.

b) “*Fulano, eu te experimento em nome de Deus e da Virge Maria e das três Pessoas da Santíssima Trindade. Credo*”

c) “*Fulano, foi o nome que te puseram na pia. Com o nome de Deus e da Virge Maria e das três Pessoas da Santíssima Trindade, a quem eu adoro e creio verdadeiramente, eu vos peço que mostreis nesta água e azeite a pura verdade. Eu te curo e Nosso Senhor, pela sua infinita Misericórdia, te sare. Amém.*”»

Cura-se de três em três vezes até ao azeite deixar de se espalhar.³²⁸

30.

Põe-se água numa chávena, benze-se em cruz

Se tens olhado, ou empresado, ou mal invejado,

³²⁷ “Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Novembro 1992, N.º 2, p. 45.

³²⁸ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, vol. I, p. 196 a 197 e AGUIAR, Fernando, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 6 a 7.

Com o nome de São Pedro e da Virgem Maria

*As chagas de Jesus Cristo são claras e formosas e nunca apareceram sem mácula alguma,
Credo, credo, credo*

Santa Ana pariu a Virgem e Santa Isabel São João Baptista.

Deitam-se os pingos de azeite na água, se espalhar é porque tem olhado. Diz-se a seguinte cura:

Se te deram no comer ou no beber, ou no andar, ou no crescer, ou na tua gordura, ou no teu vestir, ou no teu calçar, ou no teu cantar, ou em toda a tua formosura,

Deus Nosso Senhor to tire com o nome de São Pedro e da Virgem Maria.

*As chagas de Jesus Cristo são claras e formosas e nunca apareceram sem mácula alguma,
Credo, credo, credo.*³²⁹



Fotos tiradas em 2011. Por Cátia Olim



Os pingos de azeite não espalharam, pelo que a pessoa não tem olhado ou inveja.



Os pingos de azeite espalharam, pelo que a pessoa tem olhado ou inveja e precisa ser curado.

³²⁹ DSPC, Machico, fita 38, gravação 7, 00' 43'' – 03' 11'', por Elisa de Abreu Velloza, Porto da Cruz, Referta. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Para curar a casa:

31.

“Alecrim do Campo

Campo alecrim

Tirai este mal

Que esta casa tem em si

Como nossa Senhora

Perfumou seu bendito filho

Também casa perfume

Para no cheirar

Este mal te passar

Belém Belém

Sai o mal e entra o bem”³³⁰

32.

“Deus guarda este meu lar e as pessoas que nele residem (Nome das pessoas).

Que seja abençoado o meu lar e entre em minha casa o Senhor Jesus e nos dê a sua santíssima paz. Ó Senhor, abençoi os habitantes desta minha casa, desliguei e desamarrei a minha vida e, se tiver algum feito, com vestimentas deixadas por almas vindas do cemitério, todo o SENHOR tire e desmanche e dê sorte para os meus negócios. Jesus defenda do mau olhado, da inveja, da malícia ou de feitiços encontrados ou se houver algum objecto com terra de sepulturas, ossos de criaturas mortas ou seus vestuários, ou ainda algum objecto de gaze, azeite ou sal derramado dentro da minha casa, tudo o senhor tire, desmanche seus feitos maléficos, Jesus nos defenda de todas as artes diabólicas feitas pelo demónio e seus servos, homens ou mulheres, que tratam de atrasar ou dificultar a nossa vida. Assim nós vos pedimos que com todo o vosso Santíssimo nome nos defenda dos espíritos maus. Ámen. Maria e José.”³³¹

³³⁰ Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santa Cruz, “Crenças populares”, *Folclore*, Julho 1996, N° 6, p. 10.

³³¹ “Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N° 1, p. 20.

Animais:**33.**

A curandeira benze-se, depois diz o nome da pessoa ou animal:

Animal de vaca

Eu te curo com o louvor de Deus, da Virgem Maria, do Santíssimo Sacramento, das três pessoas divinas da Santíssima Trindade

Eu te curo de ar, e olhado, e inveja e da constipação,

Eu te curo em louvor do Santíssimo Sacramento

O que é mau vaia para fora

O que é bom venha para dentro

Que o Santíssimo Sacramento tire este mal

Com a Vossa sagrada santa mão

Bote no prego do mar

Que o mar é rico e poderoso

Pode com o bom e o mau

Credo em cruz, em nome de Jesus

Enquanto cura faz cruces com a mão em cima do pelo do animal ou de uma peça de roupa suada da pessoa, usando um galho de alecrim.³³²

34.

“Eu te curo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, se te deram olhado imprestado ou invejado, que Deus te tire esse mal do teu corpo. Se foi no teu andar, no teu comer, na tua boniteza, na tua carne, na tua cor, do ar da manhã, do ar do meio-dia e do ar da tarde. Quem foi os olhos que para ti olharam que não torne a invejar mais.

Peço à Virgem Santíssima que te levante este mal e que deite no mar largo, onde não se veja embarcações, nem sinos tocar, nem galos cantar, nem porco guinchar, nem menino chorar, nem machado cortar. Eu te curo, em nome de Deus e da Virgem Santíssima.”³³³

³³²DSPC, S. Vicente, fita 1, gravação 1, 23' 51'' – 31' 16'', por Rosa de Jesus, 63 anos, Sítio das Ginjas – Miradouro. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

³³³“Rezas”, *Xarabanda Revista*, Segundo Semestre 1994, N.º 6, p. 71.

35.

«Benze-se o animal, percorrendo todo o seu corpo, com alecrim disposto em forma de cruz, e tornando a oração por nove vezes, ao tempo em que se recita a meia voz e com gesto largo para a saída do mal:

“Em louvor de Sor Sant’Antão³³⁴, olhado, quebranto e mal invejado, se te deram no comer, ou no buber, ou na tua boniteza ou no teu crescer, Sant’Antão t’o queira tirar, que tem esse poder e eu não, que no mar seja deitado, no rio Jordão sagrado, que tem esse poder e eu não. Casa palhaça por baixo augada³³⁵, homem manso mulher brava, em louvor de Sant’Antão, com as três Pessoas da Santíssima Trindade.”³³⁶

36.

Para curar um animal:

Pai, Filho, Espírito Santo

Com nome de Deus e da Virgem Maria

Em louvor do Santíssimo Sacramento,

[vaca] este foi o nome que Deus te pôs para te chamar

Se te deram inveja, mal invejado

Na tua cor, no teu tamanho, no teu osso, no teu engordar, na tua boniteza, na tua pintura, ou nas tuas veias, no teu muge, no teu dar leite, no teu corpo inteiro

Quem to deu não volte a dar

E o deite no prego do mar

Onde não oiça galo nem galinha cantar

Homem bom, mulher má

Casa aguada, por cima palha

Por onde este mal entrou, por aí saia

Alecrim verde que nasce no campo

Tire este mal, este quebranto

Credo, credo, credo

³³⁴Santo Antão é o santo protector dos animais.

³³⁵Entenda-se casa de colmo com água a passar no interior (notas do autor).

³³⁶AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 209 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 12.

Enquanto decorre a cura, deve uma pessoa estar a mugir a vaca para que as veias do muje estejam abertas e outra com uma bacia a perfumar o animal, com alecrim, palha de alho e louro, da cabeça à cauda, fazendo cruzeiros, dizendo:

Assim como a Nossa Senhora perfumou o seu bendito filho para bem cheirar

Perfumo-te vaca para este mal te passar

Se o animal tiver olhado fica com o pêlo no ar.

Deitam-se as cinzas do perfume em água dizendo:

Nossa Senhora de Belém leve o mal que a minha vaca tem

Pode ser necessário curar mais do que uma vez, a cura deve ser sempre em número ímpar.³³⁷

37.

Ah meu porquinho

Nosso Senhor te cure e o divino Espírito Santo e o Santíssimo Sacramento

E o que é mau saia para fora e o que é bom fique dentro

*Cura-se nove vezes.*³³⁸

38.

«Eu te curo animal

Em nome de Deus e da Virgem Maria

E das três pessoas da Santíssima Trindade

Qual foi os olhos mal aventurados

Qu'a ti t'empresaram

Ou no teu comer

Ou no teu beber

Ou na tuas carnes

Ou na tuas veias

Ou na tua fremosura

No teu trabalhar

Ao pinho da serra seja deitado

Onde não haja sinal de cristandade

³³⁷DSPC, Santana, fita 23, gravação 1, 07'40'' – 11'16'', por Filomena Isabel d'Agrela, 73 anos, Pico António Fernandes. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

³³⁸DSPC, S. Vicente, fita 4, gravação 1, 12'51'' – 14'10'', por Maria Teresa de Jesus, Laranjal. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrição de Cátia Olim.

Nem um boi verde berrar
Nem um galo cantar
Casa palhaça
Cama aguada
Homem manso
Mulher brava
P'onde este mal entrou
Por onde este saia
Sant'Ana pariu a Virgem
E a Virgem pariu Jesus
Assim como isto é verdade
O divino espírito santo
Queira acudir à tua necessidade
Deus Pai e Deus Filho
E Deus Espírito Santo
São as três pessoas da Santíssima Trindade
Quem eu adoro e creio verdadeiramente
Ámen”

Cura-se com uma cruz de alecrim, fazendo cruces com a mão em cima do doente. Usa-se uma cruz por cada oração, nove vezes da cada vez. Depois de curar perfuma-se o doente com o alecrim e o que restar deita-se numa encruzilhada ou no mar. Quando se cura a porta tem de estar aberta.»³³⁹

Flores:

39.

Benze-se a planta, percorrendo-a toda, com alecrim disposto em forma de cruz, e tornando a oração por nove vezes, ao mesmo tempo em que se recita a meia voz e com gesto largo para a saída do mal:

“Em louvor do Santíssimo Sacramento, olhado quebranto e mal invejado, olhos invejosos que para ti olharam, se te deram na boniteza ou no teu crescer, o S. S. te queira tirar que

³³⁹DSPC, Porto Santo, fita 13, gravação 1, 01'17'' – 13'19'', por Matilde Gomes de Vasconcelos, Casinhas, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrita por Cátia Olim.

tem esse poder e eu não. Casa palhaça por baixo augada, homem manso, mulher agastada, em louvor do Santíssimo Sacramento, por onde este mal entroua por lá saia.”³⁴⁰

Acredita-se que a inveja/olhado pode afectar qualquer objecto, pelo que existem curas para tudo o que possa ser cobiçado. O animal fica franzino ou raquítico, as plantas murcham e perdem a vitalidade. Acreditam as pessoas ligadas a estas superstições que tanto a inveja como o olhado podem provocar a morte.

As curandeiras mais experientes afiançam que sabem quando um doente tem olhado/inveja. Se for forte, a curandeira começa a sentir um mal-estar no estômago e abre constantemente a boca. Se for mesmo grave a situação, pode a curandeira chegar a vomitar.

Estas curas fazem uma enumeração de qualidades que possam ver invejadas e apelam à protecção divina.

As orações contra mau-olhado falam frequentemente do “homem bom, mulher má”, esta referência deriva, segundo uma das curandeiras de um episódio da vida de Jesus³⁴¹, no entanto não foram encontradas quaisquer outras referências que atestem a veracidade deste acontecimento.

³⁴⁰ AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 209 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 12.

³⁴¹ Cf. nota de rodapé 293, p. 123.

I) Outras:

Mau-olhado e mau ar:

1.

«*Com o Santíssimo Nome de Jesus a quem adoro e creio verdadeiramente que nos há-de vir a julgar, os vivos e os mortos, os bons ao céu e os maus às penas eternas. Todos estes ares maus constipados que este corpo tem, ar do sol, ar da lua, ar de frio, ar da serra e ar do mar, ar da neve e ar da chuva, ar de portas e ar de janelas, ar de camas, ar do berço, ar de caminhos, ar de igrejas, ar da pia, ar de vento ou ruim mal invejado que entrou nesta cabeça, nestes miolos, ou nesta testa, ou nestas fontes, ou nestes olhos, neste nariz ou nesta boca, ou nesta garganta, nestes ouvidos, nestas costas, ou nestes ombros, nestes braços, nestas veias, ou nestas mãos, ou neste peito, ou neste fígado, neste bofe ou neste coração, ou neste bucho, ou neste debulho, ou nesta barriga, nestes ossos, ou nestes joelhos, ou nestas pernas, ou nestes pés, ou nestas juntas, naquele mar seja deitado, que o mar é poderoso e sagrado, pode com tudo sempre. Amém.*»

No final das nove benzeduras, acrescenta-se ainda, ao mesmo tempo em que se corre com a mão direita por todo o corpo ou pela parte achacada:

“*Onde eu ponho as mãos. Nosso Senhor te ponha a sua sagrada virtude e no corpo a saúde.*” (três vezes.)»³⁴²

Nesta oração, que é muito parecida à oração para curar constipações, a curandeira evoca todos os males de ar, olhado ou inveja. Deve ser uma das orações que algumas curandeiras usavam quando não sabiam a causa da maleita do paciente.

Nervoso, frio, constipação e sol:

2.

«*Jesus Cristo que nasceu duma pura encarnação, dai saúde a este cristão, se tem frio, sol ou constipação, se está ciatado, reumatismado, nesses dentes tão juntados, nervos tão*

³⁴²AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, Vol. I, p. 194 a 195 e *id*, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, 1937, p. 5 a 6.

juntados, Deus te queira tirar e te pôr no lugar. Em louvor de Nossa Senhora da Encarnação³⁴³ que este mal desapareça deste corpo e que fique salvo e são. Amén”

Esta cura é feita nove vezes sobre a cabeça da pessoa, onde previamente se colocou uma toalha de linho da terra, dobrada e sobre esta um copo com água, com uma cruz de alecrim na boca do copo. Se a água borbulhar no copo o mal está sendo curado.»³⁴⁴

Algumas orações parecem ser mais generalistas, reunindo características de várias outras. Neste caso em particular, trata-se claramente de uma cura para males de sol, como podemos depreender pelo uso do copo de água na cabeça, apesar de a oração ser totalmente diferente.

Por outro lado, a curandeira fala, ainda, de males de constipação, frio e de nervoso. Comparativamente com as lengalengas específicas para constipação e ar de frio, não foram encontradas referências em comum.

Boa Sorte/Fortuna

3.

«”*Mê raminho d’alecrim,*

Ê te vou queimar;

Os inimigos de mim

Si hão-de afastar.

O mau p’ra fora,

O bom p’a dentro;

A graça de Dêes

Pela portada dentro.”

O chefe da casa, com um ramo de alecrim, molhado na pia da igreja paroquial, enquanto recita o ensalmo, traça uma cruz em cada uma das quatro direcções de cada um dos quartos da casa.»³⁴⁵

³⁴³ Nossa Senhora da Encarnação é a denominação dada a Maria, mãe de Jesus em alusão à encarnação de Seu Filho.” In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Encarna%C3%A7%C3%A3o [Consultado em 07-10-2010].

³⁴⁴ http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

³⁴⁵PESTANA, Eduardo Antonino, *Ilha da Madeira, I Folclore Madeirense*, 1965, Cap.V, p. 76.

Trata-se de uma oração para tentar afastar o mal e não necessariamente invocativa de Boa Sorte. É uma oração de protecção do lar.

m) Porco

1.

«Curar com alecrim e uma foice. Fazer um perfume com alecrim, louro, rama de alho, matos do caminho e enxofre. Vai-se perfumando o animal, dizendo:

“Eu te curo rês de porco. Se tu tens ar mau ou ar ruim ou ar de “plece” ou ar do demónio “barrabel” ou de quais quer ares maus que haja no mundo se te deu nessa cabeça, nesses miolos ou nessas veias, ou nesse sangue, nesses ossos, nessas carnes ou nesses nervos ou nesse corpo todo inteiro.

Se vieste da serra vai-te para a serra, onde não haja gado bento a berrar, nem porco chiar, nem machado a cortar, que este corpo é pobre não te pode sustentar. Se vieste do mar vai-te para o mar que o mar é sagrado pode com o bem e pode com o mal.”»³⁴⁶

2.

Porquinho,

Deus te cure dos maus olhos, dos maus olhares

De todo aquele que te quer mal

Eu sou ferro, tu és aço

E os meus olhos é que embaraçam.

Perfuma-se o animal com alecrim, matos do caminho e bosta de vaca, depois espalham-se as cinzas numa cruz de caminho.

Esta cura tem, segundo a entrevistada, origem brasileira, uma vez que foi um emigrante no Brasil que a ensinou.³⁴⁷

O porco sempre desempenhou um papel importante na economia familiar madeirense³⁴⁸. Este animal, que é quase todo aproveitado, era um meio de subsistência indispensável para o agregado familiar, pelo que a sua saúde era de extrema importância.

³⁴⁶Grupo de Folclore da Casa do Povo do Campanário, “Crendices e curas”, *Folclore*, Julho 2005, N.º 15, p. 13.

³⁴⁷DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 32’04’’ – 34’15’’, por Verónica Maria de Sousa, 73 anos, Cascalho, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrita por Cátia Olim.

³⁴⁸“Papel fundamental assumia o porco na dieta familiar e em torno dele existia um ritual. Não havia casa onde pelo S. João e pelo Natal não acontecesse a célebre matança do porco. Com ele conseguia-se a carne salgada, os enchidos e a banha que tornavam mais rica a dieta alimentar. Era o principal tempero da alimentação. A sua importância está bem patente no recenseamento do gado.” In: VIEIRA, Alberto, *Notas*

A cura do porco é muito semelhante à cura de ar para seres humanos, diferenciando, principalmente, pelo uso da foice e do enxofre, bem como pela ausência de invocação de seres divinos.

Soltas. *O Quotidiano Madeirense*, 2002, disponível em: <http://dc265.4shared.com/doc/RD13g4g6/preview.html>, [Consultado em 10/07/2011].

n) Pragas

1.

«*Em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas Divinas da Santíssima Trindade, eu te curo de pragas. Deus te desate quem te atou a te desamarre quem te amarrou do olhado mal invejado. Pragas juradas ou protestadas eu te desconjuro para o mar coalhado onde este mal veio para lá torne. Em louvor do Santíssimo Sacramento do Altar.*

Sou eu que te curo e Deus que te sare assim como nosso Senhor foi alumiado todos os males inveja sejam tirados.»

A oração deve ser declamada «nove vezes ao dia alternando com a reza do Pai Nosso e da Avé Maria durante nove dias a rei com cinco pontas de alecrim desenhando uma cruz na cabeça do curado.»³⁴⁹

2.

«*Em nome das três pessoas divinas da Santíssima Trindade (dizer o nome da pessoa) Deus te desimpreze de quem te empregou, Deus te desamarre de quem te amarrou, Deus te desate de todos os males de pragas e pregados e protestados. Eu te desconjuro por Deus e São Silvestre, que tudo o que tu tens, que tudo o que tu fazes que se faça e que se preste por Deus e São Pedro e Santa Maria (Pai Nosso e Avé Maria) assim seja ámen.*

Três pessoas divinas da Santíssima Trindade e a paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo que tire todas as maldades todas as pragas e todas as renunciadas más. Ámen.»

*(rezar 9 vezes seguidas).»*³⁵⁰

3.

“Deus te desinveja de quem te invenjou

Deus te desamarre de quem te amarrou

Deus te desate de quem te atou

Deus te desacanha de quem te acanhou

Deus te atalhe de todos os teus maus olhados, de invejidades e de pragas impregnadas juradas ou protestadas em ti no teu comer, no teu beber, no teu vestir, no teu calçar, na

³⁴⁹Grupo de Folclore da Casa do Povo de Santa Cruz, “Crenças populares”, *Revista Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p. 10.

³⁵⁰“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Maio 1992, N.º 1, p. 20.

tua alegria de viver, na tua sorte, no teu trabalhar, na tua saúde, na tua riqueza, na tua casa e Deus desconjure para o mar coalhado onde não haja nem galo nem galinha a cantar nem bóis a berrar e pelo poder de São Gosmo³⁵¹, donde este mal veio torne a voltar, e pelo poder de São Pedro e de São Silvestre tudo aquilo que tu faças te preste.”³⁵²

Na primeira oração, são rogados os poderes de Deus, da Virgem Maria e da Santíssima Trindade, numa prédica que se confunde com a cura contra inveja. Na segunda, os santos invocados para esta cura são S. Cosmo, que tinha o poder de curar doenças; S. Pedro, considerado pelos católicos como o primeiro Bispo de Roma e S. Silvestre que foi Papa em Roma. A razão para terem sido estes os Santos escolhidos prende-se, provavelmente, com a sua importância para a história da Igreja.

Ambas as orações falam da libertação da inveja e do mau-olhado como se fossem a razão para o aparecimento de pragas. Assim, a cura de pragas não é mais do que a cura contra males de inveja e quebranto.

³⁵¹São Cosmo e São Damiano eram originários da Arábia, de uma família nobre de pais cristãos, no século III. Estudaram medicina na Síria e depois foram praticá-la em Egéia. Diziam "Nós curamos as doenças em nome de Jesus Cristo e pelo seu poder". Exerciam sem receber qualquer pagamento e por isso, eram denominados anargiros, ou seja, inimigos do dinheiro. In http://novoencanto.blogspot.com/2008/09/so-cosmo-e-so-damio_3316.html [Consultado em 07-05-2011].

³⁵²http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

o) Queimaduras

1.

Santa Iria tinha três filhas

Uma que talhava, uma que cozia

Outra que no fogo ardia

Perguntou a Nosso Senhor com se curaria

Cura-te Iria três vezes ao dia

Com o nome de Deus e da Virgem Maria

Fogo, muda o teu calor

Assim coma Judas mudou de cor

Quando vendeu a Cristo Nosso Senhor.

Esta oração minimiza o calor provocado pela queimadura.³⁵³

Trata-se de uma oração que relembra a história da traição, que levou ao aprisionamento e morte de Jesus.

Teoricamente reduz o ardor provocado pela queimadura, apelando ao sentimento de culpa que assolou Judas que, após ter vendido Jesus, devolveu o dinheiro e suicidou-se nessa mesma noite. Não há, porém, qualquer referência bíblica a uma possível alteração na cor de Judas.

³⁵³DSPC, Machico, fita 2, gravação 1, 06'51'' – 07'16'', Cristina Ferreira Clemente, Ribeira Seca, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrita por Cátia Olim.

p) Umbigo

1.

Na manhã de São João corta-se parte de um vime grosso ao meio, deixando-o unido nas pontas. Depois uma Maria e um João seguram cada um, num dos lados do vime, enquanto a criança passa pelo meio nove vezes.

O João e a Maria dizem:

Pega lá Maria

Que te dá João

Um menino roto

*Para lhe dares são.*³⁵⁴

Segundo a curandeira, a doença de umbigo ocorria quando a criança tinha o umbigo grande. As causas não são explicadas, mas, atendendo a que o doente é uma criança que já anda, o padecimento não deverá ter a ver com o sarar do cordão umbilical após o nascimento. É ainda possível tratar-se de uma hérnia umbilical.

Por outro lado e uma vez que o tratamento é feito na manhã de S. João, altura em que as parreiras começam a formar as uvas e que neste fruto surgem as chamadas *alforras*³⁵⁵, acredita-se que a doença da qual padece a criança poderá ser de “bicho de alforra” no umbigo (era quando um dos insectos se fixava no pequeno orifício). Tratava-se de uma doença frequente nas crianças que brincavam nos poios, debaixo das parreiras.

Um outro tratamento para esta situação é o de pôr o sumo de uva verde no umbigo da criança.

O facto de ser uma Maria e um João a efectuar a cura, terá a ver com a simbologia que estes nomes têm na representatividade de todas as crianças de ambos os sexos.

Esta oração é muito semelhante à oração número três para curar o cobro.

³⁵⁴DSPC, S. Vicente, fita 10, gravação 1, 39'06'' – 40'22'', Verónica Maria de Sousa, 73 anos; Maria Perpétua, 48 anos, Cascalho, recolha feita por António Aragão e Artur Andrade, transcrita por Cátia Olim.

³⁵⁵Cf. VIEIRA, Rui, *Doenças e pragas no Arquipélago da Madeira*, 2006, p. 4, disponível em <http://www.sir-madeira.org/WebRoot/Sir/Shops/sir-madeira/MediaGallery/PragasDoencas.pdf> [Consultado em 12-08-2011]

q) Zagre

Usagre - Erupção cutânea de natureza herpética, que aparece na cabeça e nas faces das crianças de peito e, por vezes, na pele dos cães, impétigo, lactume.³⁵⁶

1.

Para curar uma criança pequena, lactente.

Ia a Virgem Nossa Senhora por um caminho além

Com seu filho Senhor nos braços

-Meu filho, senhor, que fogo é aquele que vai naquela serra?

-Minha mãe, senhora, é fogo do zagre

-Meu filho, senhor, com quê que se apaga?

-Com água da fonte e funcho do monte e azeite do alívio e nove pedrinhas de sal

Pelo amor de Deus e da Virgem Maria e do Santíssimo Sacramento, das três pessoas da Santíssima Trindade.

Eu é que te curo, Jesus que te apague

Para a cura são necessários nove galinhos de funcho, água, azeite e nove pedrinhas de sal. Deita-se o sal e o azeite na água e molha-se os galhos de funcho. Com os galhos respingamos água para a criança nos locais onde tem a doença a fim de apagar o fogo.

Cura-se nove vezes durante nove dias.»³⁵⁷

Esta cura é extremamente semelhante à cura de cobro. O texto é diferente (com algumas semelhanças nas orações números cinco e seis do cobro³⁵⁸), mas os símbolos são extremamente parecidos, ou seja, em algumas versões da oração de cobro usa-se a planta de funcho que é molhada em água com sal e passada sobre a pele infectada do paciente. Para a cura do zagre, a metodologia é semelhante, apenas difere na adição do azeite. Se for tido em conta que a aparência das maleitas é parecida, poderá haver alguma lógica em se aplicar uma metodologia idêntica. A principal diferença é que o cobro advém da mordidela de um animal e o zagre surge em lactentes, desconhecendo-se a sua origem.

³⁵⁶ <http://www.infopedia.pt> [Consultado em 07-10-2010].

³⁵⁷ DSPC, S. Vicente, fita 1, gravação 1, 20'13'' – 22'38'', Rosa de Jesus, 63 anos, Sítio das Ginjas, Miradouro. Recolha feita por António Aragão e Artur Andrade. Transcrita por Cátia Olim.

³⁵⁸ Vede supra p. 99 a 100.

VIII. A dimensão cultural actual deste tipo de crenças

Compete à actual geração letrada manter este património, defendê-lo e impedir que caia no esquecimento. Surpreendentemente há já escolas que incentivam as crianças a recuperar estes costumes. Existem Juntas de Freguesia, embora em pequeno número, que apresentam nas suas páginas electrónicas algumas versões de curas, bem como publicações em revistas dedicadas à etnografia e ao folclore actuais.³⁵⁹

A responsabilidade pela quase inexistência e anonimato das mulheres de virtude é da sociedade que, para além de as comparar a bruxas, designação com conotações negativas, não possibilita a transmissão oral destes saberes ancestrais. As mulheres vão à escola, trabalham, têm o seu dia-a-dia ocupado com as mais variadas tarefas, o que não permite que permaneçam ao lado da curandeira a ouvir as lengalengas.

A solução para preservar este património passou pela adopção do processo de escrita das curas. No entanto, e como se pode constatar dos exemplos acima apresentados, um dos problemas da tradição oral é que sofre mutações ao passar de geração em geração e de boca em boca. Muitas das orações são semelhantes, com uma base comum, mas com variantes, linguísticas ou estruturais. Algumas delas, se forem lidas tendo em atenção o seu significado, não são nem sintáctica nem semanticamente compreensíveis. No entanto, dizem os curados que os tratamentos surtem efeito, independentemente da versão das orações ou dos objectos (alecrim, azeite ou outro).

Actualmente o povo, por influência dos meios de comunicação e das novas tecnologias, e devido à imigração e à evolução económico-social, importou os costumes brasileiros e orientais. Deixou de ir à curandeira para ir à cartomante, aos centros espirituais, aos adivinhos ou aos *Pai de Santo*. As curas com alecrim foram substituídas por curas feitas por esses novos agentes. Adoptaram, também, outros procedimentos como, por exemplo, a de prometerem tratar o paciente na sua ausência, substituindo, deste modo, a cura em presença que era realizada pelas curandeiras tradicionais. Foram igualmente substituídos os perfumes pelo incenso e por velas esotéricas que, consoante a sua finalidade, variam de cor, tamanho e composição.³⁶⁰ Não é hoje fácil fazer um perfume dentro de um

³⁵⁹Cf. Bibliografia, p. 161 a 163.

³⁶⁰ <http://www.esotericosdelcarmen.com> [Consultado em 05-01-2010].

apartamento, embora as ervas estejam acessíveis nos supermercados (como condimentos) ou nas ervanárias, pois o fumo e o cheiro poderiam fazer questionar, certamente, os vizinhos, já que a sociedade actual vive de aparências.

IX. Verdadeira dimensão deste tipo de crenças enquanto produto cultural

*“O reconhecimento dos usos, costumes e tradições de um povo, favorece o relacionamento entre gerações, perpetuando-os num novo contexto histórico. Estas manifestações de cariz popular, reflectem o espírito tradicional e a cultura de um povo e servem de inspiração para a etnografia”.*³⁶¹

Neste projecto foram abordadas três vertentes da cultura tradicional. Em primeiro lugar, as superstições que, com uma ou outra introdução e uma ou outra supressão, continuam bem presentes no quotidiano madeirense. Todos sabem que não devem partir um espelho e que um gato preto significa azar. Por outro lado, poucos se recordarão que, quando uma galinha canta como um galo, deve ser morta para evitar má sorte, ou que uma vassoura ao contrário atrás da porta evita que a bruxa saia.

Seguidamente, foi elaborada uma lista de chás e mezinhas caseiras que são cada vez mais utilizados pelas novas gerações. A diferença é que não fazem o chá com a folha colhida da árvore, mas com as infusões que se compram nas ervanárias e supermercados.

Por fim, foi analisado o tópico, por vezes marginalizado, das curas. Isto porque, como já foi referido, as curandeiras bem como quem as procura têm medo do que os outros possam pensar ou dizer, optando por permanecer no anonimato.

Os grupos e associações culturais e etnográficas tentam, seja por recolhas seja por publicações, recuperar e preservar estes testemunhos. Actualmente, porém, não existem produtos culturais associados a este tipo de crenças.

A preservação não é feita através do ensino destas lengalengas à geração actual, mas pelo registo escrito. Ora o registo, ainda que a recolha seja feita correctamente, não deixa transparecer todas as subjectividades de tal arte de curar por palavras, onde estas se associam aos gestos intuitivos para quem domina este tipo de tradição.

As novas gerações dizem não acreditar no poder curativo destas lengalengas. A maior parte delas, porém, acredita no poder de adivinhação dos *orixás* e das *cartomantes*.

É comum encontrar-se em feiras representantes das artes divinatórias, bem como cursos online de espiritismo, cartomancia, leitura de mãos, etc. No entanto, as curas tradicionais

³⁶¹ ANDRADE, Conceição, Editorial, *Folclore*, Julho 2000, Nº 10, p.5.

continuam a ser conhecidas por um número muito limitado de madeirenses, quase todos com idades mais avançadas.

Aquando da selecção do tema para desenvolver no âmbito do mestrado em Gestão Cultural e depois de ter sido comentado com diversas pessoas do círculo de amizade da mestranda que a escolha recairia sobre as curas e crendices, muitas das pessoas demonstraram interesse em saber mais sobre esta ciência.

Assim, seria pertinente fazer uma recuperação associada ao tratamento estruturado e sistematizado desta vertente do património cultural.

Uma das possibilidades seria a criação de um sítio electrónico de divulgação, com vídeos de curandeiras a efectuarem as curas, para que não se perdesse nenhum dos aspectos figurativos e para melhor perceber a acção e a sua importância simbólica. As dificuldades que teriam de ser superadas, além das financeiras, eram as de encontrar curandeiras que tivessem o conhecimento necessário e estivessem dispostas a participar num projecto deste género.

Outra possibilidade seria a publicação de um livro de recolhas, no qual figurassem fotos elucidativas dos passos a dar para obter o efeito desejado. Este projecto implicaria custos financeiros, mas seria, provavelmente, mais fácil de realizar e de conseguir a colaboração das curandeiras. Caso isso não se verificasse, pela descrição oral seria possível fazer um esboço dos gestos que acompanham a cura.

A terceira opção que teria um carácter mais breve mas, possivelmente, mais direccionado à população em geral, atingindo um público mais diversificado, seria a realização de um evento do género de uma feira, com tendas. Dentro das tendas estariam as curandeiras que tratariam as maleitas de quem entrasse na sua barraca. A possibilidade de solicitar apoios, nomeadamente à Câmara Municipal do Funchal e às Secretarias Regionais de Educação e Cultura e do Ambiente facilitariam a execução deste projecto que exige uma logística estruturada mas não envolve muitos custos financeiros.

Tendo em conta a actual conjectura económica, seria este último o projecto mais exequível, bem como o que chegaria a um maior número de pessoas.

X. Conclusão

*“A verdade histórica somente vive no amor da Tradição, no culto soberano dessa realidade contínua, com os homens a quererem reviver na memória da sua posteridade.”*³⁶²

O ser humano desde sempre viveu de acordo com a satisfação das suas necessidades. Se se remontar aos primórdios, os estímulos sensoriais imponham a sobrevivência e a reprodução como prioridades. Com o tempo as prioridades passaram a incluir a convivência social e a interacção com outros seres humanos. Foi com essa finalidade que surgiram as festas como forma de lazer e convivência, de pausa do dia-a-dia de trabalho, um dia de descanso para o corpo e para a mente.

A religiosidade sempre desempenhou um papel fundamental na organização da sociedade. Assim, tanto a génese do fenómeno celebrativo como a participação nas festas religiosas contribuíram para a criação da identidade das gentes, influenciando modos de agir. As manifestações religiosas adquiriram, desta forma, um carácter sociocultural identitário.

A importância da sobrevivência aliada à função que a religião desempenhava na sociedade deu origem à tradição das curas ou rezas. A falta de médicos associada ao isolamento, levou a que a crença na cura por rezas se espalhasse e perdurasse até ao século XXI. Fosse psicológico ou não, o facto é que existem testemunhos que garantem a fiabilidade dos resultados.³⁶³

Como foi possível observar, as curas são extremamente semelhantes dependendo da sua finalidade. Pode tal dever-se ao analfabetismo das gentes e, conseqüentemente, ao facto de a transmissão de conhecimentos ser feita pela oralidade, não existindo registos escritos das lengalengas. As raparigas que queriam aprender ou que tinham um *dom*, sentavam-se com a curandeira e ouviam-na declamar vezes sem conta as ditas palavras, acabando por decorá-las. As diferenças lexicais advêm, portanto, da pronúncia característica de cada localidade ou de falhas na percepção/transmissão dos conhecimentos.

³⁶² AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 1951, p. 189

³⁶³ “(...)testemunhos que de outrora chegaram até aos nossos dias, apesar das modificações inerentes de alguns dos seus aspectos, sob a influencia de novos factores sociais, culturais, económicos impostos por uma sociedade mais complexa e elitista.” In GONÇALVES, Margarida, “Editorial”, *Folclore*, Julho 1996, Nº 6, p. 5.

Hoje em dia, é frequente o Homem moderno acreditar que está liberto de preconceitos e tabus. As crendices e superstições são coisa de gente antiquada e socialmente excluída.

No entanto, está na moda acreditar nos *patuás* brasileiros e nos amuletos estrangeiros. O incenso substitui os perfumes, tem um aroma mais discreto e é de mais fácil acesso e utilização, para além de ser *fashion*. A cruzinha de alecrim foi ultrapassada pelo famoso olho grego que as adolescentes ostentam em pulseiras e porta-chaves.

Assiste-se, também, à crescente introdução no mercado de produtos estrangeiros, maioritariamente brasileiros e indianos. Este fenómeno vem introduzir alterações aos comportamentos dos agentes envolvidos nos processos das curas, uma vez que, ao contrário das curandeiras que ficava na sua residência à espera que o doente as fosse visitar, os actuais Pai de Santo colocam anúncios nos jornais, prometendo a solução para todo o tipo de problemas. Do mesmo modo, os perfumes que eram feitos na privacidade do lar, com plantas colhidas pelas serras foram substituídos por produtos esotéricos que se encontram a cada esquina, em lojas da especialidade que proliferam em todas as cidades, incluindo o Funchal, e até podem ser encomendados e adquiridos *online*.

XI. Bibliografia

Publicações periódicas:

ISLENHA – Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas, DRAC, semestral, 1987 e segs.:

GOUVEIA, David Ferreira de, “Santo António no folclore: algumas lendas, costumes e devoções que o tempo levou”, *Islenha*, Funchal, Nº 6, Jan. - Jun. 1990, p. 21 a 33.

COSTA, Antonieta, “Cultura, turismo e aculturação: um paradigma de alto risco”, *Islenha*, Funchal, Nº 2, Jan. - Jun. 1988, p. 13-21.

WILHELM, Eberhard Axel "As casas alemãs de bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer", *Islenha*, Funchal, nº 7, Jul. - Dez. 1990, p. 52 a 60.

WILHELM, Eberhard Axel "Seis meses e meio na Madeira (1854-1855). Os diários da governanta alemã Augusta Werlich", *Islenha*, Funchal, nº 16, Jan. – Jun.1995, p. 58 a 71.

WILHELM, Eberhard Axel "Seis meses e meio na Madeira, em 1854-1855. Os diários da governanta alemã Augusta Werlich. II", *Islenha*, Funchal, nº 17, (Jul. - Dez. 1995), p. 75 a 83.

ARQUIVO HISTÓRICO DA MADEIRA, 19 vols., 1931 e segs:

NASCIMENTO, João Cabral do, “Notas etnográficas: lendas e tradições, *Arquivo Histórico da Madeira*, Funchal, Vol. V, nº 1, 1937, p. 157 a 158.

FOLCLORE, Direcção dos Serviços de Extensão Rural, anual, 1991 e segs:

GONÇALVES, Margarida, “Editorial”, *Folclore*, Julho 1996, p. 5.

Grupo Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz, “Crenças populares”, *Folclore*, Funchal, Nº 6, Julho 1996, p. 10.

SANTOS, Teresinha, “Religiosidade Popular e Folclore”, *Folclore*, Funchal, Nº 6, Julho 1996, p.12.

Ritos do casamento”, “Crenças populares”, *Folclore*, Funchal, Nº 6, Julho 1996, p.15.

Grupo de Folclore da Casa do Povo da Quinta Grande, “Rituais Curandeiros”, *Folclore*, Funchal, Nº 6, Julho 1996, p.16.

Grupo de Folclore da Casa do Povo do Porto da Cruz, “Cura do Ziplão”, *Folclore*, Funchal, Nº 6, Julho 1996, p. 30.

ANDRADE, Conceição, “Editorial”, *Folclore*, Funchal, Nº 10, Julho 2000, p.5.

CAPÃO, António, *Cultura em Terras de Aveiro*, cit. “Literatura oral e tradicional”, *Folclore*, Funchal, Nº 15, Julho 2005, p. 6.

Grupo de Folclore da casa do Povo do Campanário, “Crendices e curas”, *Folclore*, Funchal, Nº 15, Julho 2005, p. 13.

Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico, “Curas com rezas e orações”, *Folclore*, Funchal, Nº 15, Julho 2005, p. 14.

XARABANDA, Associação Musical e Cultural Xarabanda, 1992 e segs:

“Rezas tradicionais I”, *Xarabanda Revista*, Funchal, N º 1, Maio 1992, p. 17 a 20.

“Rezas tradicionais II”, *Xarabanda Revista*, Funchal, N º 2, Novembro 1992, p. 43 a 45.

“Rezas”, *Xarabanda Revista*, Funchal, N º 6, Segundo Semestre 1994, p. 70 a 72.

DAS ARTES E DA HISTÓRIA DA MADEIRA, 41 vols., Funchal, 1950 e segs:

Visconde do Porto da Cruz, “A Flora Madeirense na Medicina Popular”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Nº 7, 1951, p. 29 a 32.

Visconde do Porto da Cruz, “A Flora Madeirense na Medicina Popular”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Nº 8, 1951, p. 30 a 33.

Visconde do Porto da Cruz, “A Flora Madeirense na Medicina Popular”, *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Nº 9, 1951, p. 38 a 40.

ALMANAQUES

Almanaque PEF, 2005, pp. 136

PERIÓDICOS

“5 sentidos”, Diário de Notícias de 08 da Agosto de 2010, versão digital disponível em: <http://www.dnoticias.pt/impressa/diario/222168/5-sentidos/222254-cancioneiro-em-2011> [Consultado em 18-08-2010].

BERNARDES, Lilia, “A Ocupação da Madeira pelos Ingleses”, in Diário de Notícias de 12 de Maio de 2007, versão digital disponível em http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=657395 [Consultado em 09-05-2011].

LIVROS

AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 2ª edição, Lisboa, Ed. Mar –Largo, 1951, Vol I, p.177 – 240.

-----, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, Lisboa, s.n., 1937, p. 5 – 14.

AZEVEDO, Maximiliano Eugénio de, *Histórias das ilhas (Reminiscências dos Açores e da Madeira)*, s.l., Edição Electrónica, 2005, p. 59 – 62.

Bíblia Sagrada, 5ª Edição, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2009.

Bíblia Sagrada, tradução João Ferreira de Almada, São Paulo, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BURKERT, Walter, *A Criação do Sagrado*, Lisboa, Edições 70, 2001.

CANCIAN, André Dísposre, *Ateísmo & Liberdade: Reflexões sobre o Homem, o Mundo e o Nada*, 7ª Edição, s.l., Ed. Ateus.net, 2002, p. 19.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dictionnaire des Symboles*, 13ª Edição, Paris, Robert Laffont/ Jupiter, 1992.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, 2 Vols.

ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 6.ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 1995.

ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano - a Essência das Religiões*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2002.

FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues, *Mitos e Utopias na Descoberta e Construção do Mundo Atlântico*, 1ª Edição, Funchal, SRTC – Centro de Estudos de História do Atlântico, 1999, p.45-47, Colecção Memórias, nº 24.

FILORAMO, Giovanni, PRANDI, Carlo, *As ciências das religiões*, São Paulo, Paulus, 1999.

FREITAS, Pe. Alfredo Vieira de, *Era uma vez ...na Madeira, Lendas, contos e tradições da nossa terra*, 2ª Edição, Funchal, DRAC, 1984.

GOMES, Vitor, *O Comércio do Centro do Funchal, leitura da lógica da Internacionalização e das ligações Global/Local*, 1ª Edição, SRTC – Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 9-12, Colecção Atlântica, nº 31.

KONINGS, Johan M. H. e URBANO, Zilles, (org.), *Religião e cristianismo*, 7ª Edição, Porto Alegre, Edipucrs, 2007, p. 337.

LURKER, Manfred, *Dicionário de Simbologia*, tradução Mário Krauss e Vera Barkow, 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2003.

MIEIRO, Elisabete Maria, *A Atlantização Mítica do Éden, Novos Mundos, Novos Paraísos*, 1ª Edição, Funchal, SRTC - CEHA, 2001, p.17 – 36; 73 – 76, Colecção Memórias, nº 42.

PESTANA, Eduardo Antonino, *Ilha da Madeira, I Folclore Madeirense*, Funchal, CMF, 1965, p. 75 a 81.

POWELL, Doug, *Guia Holman de Apologetica Cristiana*, Nashville - Tennessee, B&H Publishing Group, 2009, p.112 – 114.

SARMENTO, Alberto Artur, *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*, 2ª Edição, Funchal, *s.n.*, 1936, p. 21.

SERRÃO, Joel, *Temas Históricos Madeirenses*, 1ª Edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1992, p. 11 – 27, Colecção Atlântica, nº 2.

SILVA, António Marques, *Passaram pela Madeira*, Funchal, Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008, Colecção “Funchal 500 Anos”, nº 7.

SILVA, António Ribeiro Marques da, “Os inícios do Turismo na Madeira e nas Canárias. O domínio Inglês”, in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989, p. 441 – 452.

SILVA, Fernando Augusto da (Padre), *Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira: alguns subsídios para o seu estudo*, Funchal, Junta Geral, 1950.

SILVA, Fernando Augusto da, (Padre) e Carlos Azevedo de Menezes, *Elucidário Madeirense*, Fac- Símile da edição de 1940-1946, Funchal, SRTC-DRAC, 1998, 3 Vols.

SILVA, José Manuel A., *A Madeira e a Construção do Mundo Atlântico (Século XV- XV)*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995, Vol. I, p. 118 – 121 Colecção Memórias, nº 10.

SPRANGER, Ana Isabel, et al., *História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, SRE, 1984, p. 228 – 231.

THOR, Tamina, *Tarô Mágico das bruxas*, Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2005, p. 47 a 49.

TRINDADE, Ana Cristina Machado, *A moral e o pecado público no Arquipélago da Madeira na segunda metade do séc. XVIII*, Funchal, CEHA- SRTC, 1999, p. 101 a 108.

VIEIRA, Alberto, “Crise”, *Breviário da Vinha e do Vinho na Madeira*, 2ª Edição, Açores, Eurosigno Publicações, 1991, p. 43 – 47.

VIEIRA, Alberto, “Escravos com e sem açúcar na Madeira”, in: VV AA, *Escravos com e sem açúcar*, Actas do Seminário Internacional de 17 a 21 de Junho de 1996, 1ª Edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 83 – 102, Coleção Memórias, nº 12.

VIEIRA, Alberto, “Minorias Étnicas e Religiosas na Madeira”, in *Minorias Étnicas e Religiosas em Portugal. História e Actualidade*, Actas de Curso de Inverno 2002, Coimbra, Univ. Coimbra, 2003, p.179 – 215.

VIEIRA, Alberto, *A Vinha e o Vinho na História da Madeira, séculos XV a XX*, Funchal, SRTC – CEHA, 2003, p. 126 – 137.

VIEIRA, Alberto, “As migrações e os descobrimentos portugueses – séculos XV e XVI”, in VV AA, *Imigração e Emigração nas Ilhas*, 1ª edição, Funchal, SRTC-CEHA, 2001, p. 35 – 62.

VIEIRA, Alberto (coord.), *A Madeira e a História de Portugal*, 1ª Edição, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2001, p. 81 a 106, Coleção Atlântica, nº 7.

VIEIRA, Gilda França e António Aragão de Freitas, *Madeira investigação bibliográfica*, Funchal, DRAC- Centro de Apoio de Ciências Históricas, 1981-84, 3 Vols.

BIBLIOGRAFIA DIGITAL:

SARMENTO, Alberto Artur, *As Migalhas (Contos e Esbocetos)*, Funchal, Oficinas do Jornal o Zé, 1912, p. 109 - 115 - Disponível em: <http://nesos.madeira-edu.pt> [Consultado em 28/12/2009].

Visconde do Porto da Cruz, *Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira*, Lisboa, Tipografia do Comércio, 1924, disponível em:

http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/ebooks/Lend_Monumento_s.pdf [Consultado em 28/12/2009].

-----, *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira, s.l.*, Edição do autor, 1954, disponível em: <http://nesos.madeira-edu.pt> [Consultado em 28/12/2009].

CAMPBELL, Joseph, *Mitos, Sonhos e Religião – nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*, Tradução Ângela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade, Ediouro, Rio de Janeiro, 2001, Digital source, disponível em: <http://psicologiaanalitica.files.wordpress.com/2010/05/mitos-sonhos-e-religiao-campbell-org.pdf>, [Consultado em 28/12/2009].

ELIADE, Mircea, *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*, tradução de Noeme da Piedade Lima Kingl, Belo Horizonte: Interlivros, 1979, disponível em: <http://www.scribd.com/doc/13021993/Ocultismo-BruXaria-e-Correntes-Culturais> e <http://psicologiaanalitica.files.wordpress.com/2010/05/eliade-ocul-brux-e-corr-culturais.pdf> [Consultado em 01/01/2010].

KARDEC, Alan, *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, p. 38 e 82 a 87, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/51029494/8/VIII-Das-relacoes-com-os-Espiritos> [Consultado em 10-04-2011].

VIEIRA, Alberto, *As Ilhas Atlânticas - Para uma visão dinâmica da sua História*, Funchal, CEHA - Biblioteca Digital, p. 2 - 7, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/islas.pdf>, [Consultado em 02-02-2009].

VIEIRA, Alberto, *As Ilhas. As Rotas Oceânicas*, Funchal, CEHA - Biblioteca Digital, p. 33 - 34, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/ilhasrotas.pdf>, [Consultado em 02-02-2009].

VIEIRA, Alberto, *Folclore e Religiosidade Popular*, Funchal, CEHA, Biblioteca Digital, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/13605291/folclore-e-religiosidade-popular>, [Consultado em 10-01-2010].

VIEIRA, Alberto, *Notas Soltas. O Quotidiano Madeirense*, Funchal, 2002, CEHA, Biblioteca Digital, disponível em: <http://dc265.4shared.com/doc/RD13g4g6/preview.html>, [Consultado em 10/07/2011].

VIEIRA, Alberto, *Descobrir o Atlântico nos séculos XVIII e XIX*, Funchal, CEHA-Biblioteca Digital, p. 9 - 13, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/descobriratlantico.pdf> [Consultado em 02-02-2009].

VIEIRA, Rui, *Doenças e pragas no Arquipélago da Madeira*, 2006, p. 4, disponível em <http://www.sir-madeira.org/WebRoot/Sir/Shops/sir-madeira/MediaGallery/PragasDoencas.pdf> [Consultado em 12-08-2011]

CD-ROM

PETIT, Eduarda M. S. Gomes, *A Madeira na Primeira Metade de Setecentos*, 1ª Edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2009, p. 78 - 82, Coleção Teses, nº 1 [CD-ROM].

CARITA, Rui, *Curso de História e cultura da Madeira de Rui Carita*, UMa, 2008 [CD ROM]:

- Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, “A Economia e Sociedade da Madeira no século XVIII”, p.4.
- Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, Os comerciantes ingleses no século XVIII, p.7.
- Aula 6 “O império marítimo inglês e a importância da Madeira”, Ponto 1 “A economia da Madeira entre os séculos XVII e XVIII”, p. 8.
- Aula 7 “Da crise do liberalismo português à implantação da República”, Ponto 8 “As ocupações inglesas de 1801 e de 1807 a 1814”, p. 1 a 3.
- Aula 7 “Da crise do liberalismo português à implantação da República”, Ponto 11 “A sociedade madeirense no século XIX”, “Elites e Classes Sociais: o quase domínio da burguesia inglesa”, pp. 8 a 9.
- Aula 8 “Da implantação da República às crises da 1ª Grande Guerra”, Ponto 8 “As indústrias do Turismo e a transformação do Funchal”, p. 4.

VIEIRA, Alberto, “O Funchal: Ritmos Económicos e Históricos de uma Cidade Portuária Atlântica”, in: VV AA, *Actas do IX Colóquio Internacional de História das Ilhas do*

Atlântico, 1ª Edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2009, p. 11 – 99, Coleção Debates, nº 2 [CD-ROM].

WEBGRAFIA:

http://adeportugal.org/mambo/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1 [Consultado em 24-03-2011].

http://aguiar.hvr.utad.pt/pt/herbario/cons_reg_fam.asp?familia=Lamiaceae [Consultado em 06-01-2011].

<http://artigosvozdeleca.blogspot.com/2006/12/talhas-do-tempo-da-minha-av.html>
[Consultado em 01-07-2011]

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110420102949AAE9jtD> [Consultado em 05-05-2011].

<http://casamentos.sapo.pt/Artigo/Casamento/Copo-de-Agua/1/O-bolo-da-noiva-908635.aspx> [Consultado em 19-05-2011].

<http://cbarroso.jfreguesia.com/tradicoes.php> [Consultado em 11-07-2011]

<http://crencasemitosdefelgueiras.blogspot.com> [Consultado em 06-01-2011].

<http://criarmundos.do.sapo.pt/Antropologia/pesquisacultura006.html> [Consultado em 27-08-2010].

<http://guia-madeira.net/madeira/artesanato/tapecaria.html> [Consultado em 05-08-2011].

<http://madeira4evernews.blogspot.com/2009/11/memorias-lendas-e-superticoes-ditos.html>
[Consultado em 04-12-2009].

http://novoencanto.blogspot.com/2008/09/so-cosmo-e-so-damio_3316.html [Consultado em 07-05-2011].

<http://nunovrruum.blogspot.com/2007/05/cura-te-e-andaaaaaa.html> [Consultado em 19-01-2010].

<http://pt.shvoong.com/humanities/arts/1778303-significado-simb%C3%B3lico-espelho-na-cultura/> [Consultado em 13-12-2010];

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus> [Consultado em 06-03-2011].

http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda-chuva#cite_ref-0 [Consultado em 17-05-2011].

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Encarna%C3%A7%C3%A3o [Consultado em 07-10-2010].

<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1bado> [Consultado em 17-05-2011].

http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Pedro [Consultado em 06-10-2010].

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sem_religi%C3%A3o [Consultado em 17-09-2010].

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Te%C3%ADsmo> [Consultado em 17-09-2010].

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xenoglossia> [Consultado em 15-06-2011].

<http://riotinto5estrelas.blogs.sapo.pt/8266.html> [Consultado em 01-07-2011]

<http://serrasonline.no.sapo.pt/> [Consultado em 06-10-2010].

<http://simbologiaealquimia.blogspot.com/2008/10/os-mochos-e-as-marcas-alquimicas-em.html> [Consultado 09-05-2011]

http://sitededicadas.uol.com.br/folk_bruxa.htm

<http://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/espada> [Consultado em 06-03-2011]

<http://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/pao> [Consultado em 06-03-2011]

<http://sms8b09.blogspot.com/2009/05/curandeira-do-bucho-virado.html> [Consultado em 07-10-2010].

<http://sonharcom.com/significados-sonhos/sonhar-com-porcos-significados-interpretacao> [Consultado em 19-05-2011].

<http://symbolom.com.br/wp/?p=2143> [Consultado em 06-03-2011]

<http://uz.com.sapo.pt/tradicional.htm> [Consultado em 01-07-2011]

<http://voceacredita.wordpress.com/2009/09/08/13%C2%BA-post-supersticao/> [Consultado em 23-03-2011]

http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html [Consultado em 17-08-2011].

<http://www.anossaescola.com> [Consultado em 06-07-2011].

<http://www.caminhosdeluz.org/A-298a.htm> [Consultado em 13-12-2010]

<http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

<http://www.clxv.org/textos/dicionario/dicsonho.htm> [Consultado em 18-05-2011].

<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/mulheres-de-combate>
[Consultado em 05-05-2011].

<http://www.conhecersaude.com/idosos/3038-Erisipela.html> [Consultado em 06-10-2010].

<http://www.dermatologia.net/novo/base/doencas/zoster.shtml> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.dicio.com.br/coalheira/> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.esotericosdelcarmen.com> [Consultado em 05-01-2010].

http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/CodigodeDireitoCanonicopdf [Consultado em 09-08-2011].

<http://www.freguesiasantacruz.com/html/patrimonio.htm> [Consultado em 19-01-2010].

<http://www.fronterasul.org.br/sete.htm> [Consultado em 20-12-2010]

<http://www.girafamania.com.br/montagem/simbolos.htm> [Consultado em 17-05-2011]

<http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm> [Consultado em 09-05-2011],

<http://www.infopedia.pt/diciope.jsp?dicio=15&op=DefExpoente&Entrada=mau-olhado&Expoente=0> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/%C3%ADngua> [Consultado em 06-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/cobrelo> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/quebranto> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/bucho> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/termos-medicos/cobr%C3%A3o> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.infopedia.pt/termos-medicos/usagre> [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/julho68/pn68007c.asp> [Consultados em 19-01-2010]

<http://www.jardimdeflores.com.br/sinergia/S17poderesdosal.htm> [Consultado em 13-12-2010],

http://www.jf-canico.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=85 [Consultado em 07-10-2010].

<http://www.manualmerck.net/?id=233&cn=1880> [Consultado em 19-01-2010]

<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=887> [Consultado em 05-05-2011].

http://www.portuguesetimes.com/Ed_1869/Cronicas/repiques.htm [Consultado em 19-01-2010]

<http://www.unesco.pt> [Consultado em 31-05-2010].

Infopédia [on line]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consultado em 2010-10-07]
Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-santa-iria](http://www.infopedia.pt/$lenda-de-santa-iria).

www.eb23-revelhe.rcts.pt [Consultado em 11-07-2011].

XII. Anexos

5. Orações de Portugal Continental

a) Região Centro (Beira Baixa) – Sub-região Pinhal Interior Norte - Concelho de Pampilhosa da Serra - Freguesia de Portela do Fojo³⁶⁴

Reza do Quebranto

«Diz-se que uma pessoa padece do Quebranto quando se queixa de fortes dores de cabeça, fraqueza ou prostração. Pode ainda querer significar aqueles períodos de má sorte ou azar persistente ou duradouro.

Estes estados físicos e/ou de espírito são muitas vezes fruto de um mau-olhado ou de inveja por parte de outras pessoas, mas também podem ser o resultado inadvertido da cura do Quebranto por parte de uma pessoa que estava muito longe, pois como vamos ver em seguida, esta maleita "propaga-se" através do vento.»

Versão 1

«A Reza do Quebranto é feita por uma pessoa que não aquela que padece. Pode ser um familiar, um vizinho ou um amigo.

Pegam-se em dois pauzinhos de um "vassouro", de mato velho e seco, e põem-se ao lume, um de cada vez, até ficarem brasa. Depois pega-se num desses pauzinhos e parte-se em pedaços mais pequenos para dentro de uma malga com água.

Ao colocá-los para dentro da malga dizemos as seguintes palavras:

“Se é Quebranto, eu te espanto

Se é olhado, vai para o telhado

Se é Quebranto, eu te espanto

Se é olhado, vai para o telhado”

Depois, a pessoa que diz a reza molha os dedos na água da malga e faz o sinal da cruz na testa daquele que padece do Quebranto.

Se os pedacinhos ficam à tona de água, é sinal que a pessoa não tem o Quebranto. Ao invés, se forem para o fundo, tal significa que sofre daquele mal.

³⁶⁴ In: <http://serrasonline.no.sapo.pt/> [Consultado em 06-10-2010].

A dúvida dissipa-se mais facilmente se os pedacinhos ficarem cruzados no fundo da malga. Repete-se este procedimento umas três vezes para se obter uma resposta clara.

Posto isso, faz-se novamente o sinal da cruz nas costas da pessoa do paciente com a malga e dizemos novamente:

*“Se é quebranto, eu te espanto
Se é olhado, vai para o telhado
Se é quebranto, eu te espanto
Se é olhado, vai para o telhado”*

Em seguida, o paciente pega na malga e dirige-se a uma encruzilhada (a um cruzamento ou entroncamento de várias estradas). Depois, vira-se de costas para o lado em que vai atirar a água contida na malga. Posto isso, atira o líquido por cima do seu ombro direito e vai-se embora sem olhar para trás.

Caso alguém pise a água que ficou no chão da encruzilhada, ela não contrairá o Quebranto, pois esse foi levado pelo vento para outras paragens.»

Versão 2

«A seguinte reza também serve para curar o Quebranto, mas desta feita sem necessidade do rito atrás descrito. Pode-se dizê-la em qualquer lugar, até de uma janela:

*“Conforme é certo nascer
o menino de Deus em Belém
Assim seja certo tirar o quebranto,
mau olhado, ou mal de inveja, ou todo o mal atravessado
Se [o nome da pessoa] o tem,
vá tudo para o mar salgado.”*

E cospe-se para um dos lados. Para obter melhor resultado convém até cuspir entre cada uma das palavras.»

b) Região Centro (Beira Baixa) – Sub-Região Beira Interior Sul - Castelo Branco

As recolhas que apresentamos em seguida foram recolhidas por alunos da EB1Ciclo de Retaxo e pelo Grupo Típico O Cancioneiro de Castelo Branco com textos das freguesias de Malpica do Tejo, Salgueiro do Campo, Escalos de Baixo, Juncal do Campo e Póvoa de Rio de Moinhos em 2008.

Cobrão

Versão 1

«O cobrão é o nome que o povo dá a uma doença de pele caracterizada pelo aparecimento de pequenas vesículas que surgem, segundo a crença, devido à circunstância das roupas interiores, quando se encontram a secar, terem estado em contacto com qualquer bicho peçonhento: cobra, osga, lagarto ou lagartixa, bichos esses que nelas deixaram, como se diz em Cebolais de Cima, o seu rastejo. É o veneno contido nesse rasto que, em contacto com a pele, desencadeia a doença.

Para curar o doente repetia-se esta fórmula:

"Ouros passei;

Este cobrão cortei;

Ouros hei-de passar

Este cobrão hei-de cortar: a cabeça e o coração."

Em seguida queima-se palha-de-alho e a cinza obtida mistura-se com o vinagre. Com uma pena de galinha, fazendo uma cruz, aplica-se esta mistura sobre a parte doente por três, cinco, ou sete vezes. Depois de cada uma das aplicações, corta-se um bocadinho a um pau fazendo um círculo à volta da parte doente, mas não a tocando.»³⁶⁵

Versão 2

«Para curar o doente repetia-se esta fórmula:

"Eu te rezo cobrão,

Com palha de alho

E gume de navalha

E gume de malho,

Para que não cresças,

³⁶⁵ <http://www.anossaescola.com> [Consultado em 06-07-2011].

Não enverdeças

Não ajuntes o rabo com a cabeça “

(A.A.C.)

A curandeira reza em seguida um padre-nosso e uma Avé-Maria, oferece as orações a S. Silvestre, acrescentando: "*em louvou de S. Silvestre/para que este cobrão seque*". Depois reza outro Padre-nosso e outra Avé-Maria e oferece-os em "*louvor das pessoas divinas da Santíssima Trindade, que se elas quiserem, pode curar este cobrão para que este corpo viva em liberdade*".

Reza-se por fim outro Padre-nosso e outra Avé-Maria e oferece-os em "*louvor das chagas de Cristo Nosso Senhor*", dizendo: "*Jesus Cristo, cura este cobrão tem curado, como se curaram as tuas cinco chagas em Belém. Fico por conta de Deus. Amén.*" Todo este formulário se repete durante três dias e mata-se o cobrão também por três vezes batendo com um malho num pau.

Nesta fórmula as últimas palavras " não ajuntes o rabo com a cabeça" evidenciam o temor da crença que a pessoa morrerá se o cobrão fechar um anel em volta da parte do corpo atingida pelo mal. O gesto enfeitiçante ou de possessão para desligar a pessoa da doença é aqui feito pelo bater três vezes com um malho num pau. A eficácia dos ritos verbais depende da sua repetitividade.

Nesta fórmula, o número de vezes que as palavras devem ser repetidas, bem como o gesto enfeitiçante para que a sua eficácia se manifeste é de três – número de perfeição segundo alguns autores, símbolo sexual para Freud, número ligado às três pessoas da Santíssima Trindade, para outros autores.»³⁶⁶

Versão 3

«Para curar o doente repetia-se esta fórmula:

" Aqui te corto

se és cobra ou cobrão

corto o rabo, a cabeça e a raiz do coração."

(A.A.C)

Circunda-se a parte infectada com tinta e polvilha-se essa parte com cinzas das palhas de alho. Na fórmula a palavra forte é "aqui te corto". O gesto enfeitiçante ou de possessão

³⁶⁶ In: <http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

consiste na formação de um círculo em volta da parte doente. Também aqui, há função libertadora das palavras se alia a função curativa das cinzas das palhas-de-alho.»³⁶⁷

Versão 4

Para curar o doente repetia-se esta fórmula:

«Rezado em cruz sete vezes:

*“Aqui te benzi, aqui te torne a benzer
Para que não cresças, nem inverdeças,
Nem juntes o rabo com a cabeça.”*

Depois a curandeira pega numa réstia de alhos e desenrola-se entre ela e o doente o diálogo seguinte:

“Curandeiro: - *Tu tens um cobrão?*

Doente: - *Ou terei ou não.*

Curandeiro: - *Corta-lhe a cabeça*

Doente: - *Corta tu ou não*

Curandeiro: - *Tu tens um cobrão?*

Doente: - *Ou terei ou não.*

Curandeiro: - *Corta-lhe o meio*

Doente: - *Corta tu ou não*

Curandeiro: - *Tu tens um cobrão?*

Doente: - *Ou terei ou não.*

Curandeiro: - *Corta-lhe o rabo*

Doente: - *Corta tu ou não”*

Por fim, queima-se a réstia de alhos e bota-se primeiro mel sobre a parte infectada e, em seguida, a cinza das réstias, para secar o mal.

Esta fórmula oferece a originalidade de apresentar estrutura em diálogo entre a rezadeira e a pessoa doente. Nesse diálogo. Dois pormenores existem que se devem ser revelados: a primeira frase "tu tens um cobrão?" e a repetição quase contínua e exaustiva de "corta-lhe". A primeira frase patenteia o costume de se invocar o nome da doença no início da fórmula libertadora; e incidência repetitiva que surge no diálogo em relação a "corta-lhe" reside no facto de ser esta palavra forte, isto é, a palavra através da qual a rezadeira liberta a pessoa do mal que a aflige, a palavra que corta um laço que liga a pessoa à doença.

³⁶⁷ In: <http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

O número de vezes necessário para eficácia das palavras é de sete. O gesto enfeitiçante é o sinal da cruz: ao fazer-se a cruz sobre qualquer coisa atraem-se as forças mágicas dos quatro pontos cósmicos, ideia reforçada pelo facto de o sentido esquerda – direita, ao qual o sinal da cruz obedece, representar simbolicamente o passar da morte à vida.

A utilização do mel e das cinzas das réstias de alho, em conjunto com a fórmula libertadora, mostra nesta versão de Escalos de Baixo, uma dupla intenção: a de desligar a pessoa do mal, por um lado, e a de curar, por outro com o auxílio do mel e das cinzas das palhas de alho.»³⁶⁸

Versão 4

«Para curar o doente repetia-se esta fórmula:

“Aqui te corto, cobrão: cabeça, rabo e coração”

Com a recitação fazem-se cruzeiros três vezes com as costas de um a faca voltada para a parte atacada pelo mal. No começo e no fim benzem-se, dizendo:

“Em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo”.

Misturam-se depois cinzas de palha de alho, mel aplicam a mistura sobre o cobrão três vezes por dia.

V. Joaquim Pires de Matos, Juncal do Campo, 1983, página 97.»³⁶⁹

Erisipela

«Doença de pele também constituída por pequenas bolhas que dão à parte atacada uma coloração avermelhada.

Versão 1

“Donde vindes, S. Julião?

Venho de Roma.

Que dizem por lá?

Que há por lá muita zipla e ziplã má.

Volta atrás S. Julião, vai curar essa gente. Com raminhos de facho novo. Palavras minhas, da Virgem Maria e de Santa Isabel.”

A.A.C.

Reza-se em cruz três vezes.»

³⁶⁸ In: <http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

³⁶⁹ In: <http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

Versão 2

“A Nossa Senhora ia para ao monte,

O Nosso Senhor vinha de lá

O Nosso Senhor perguntou-lhe:

- Que notícias há por lá?

Nossa senhora lhe disse:

- Muita zipla e ziplã má.

- Então volta para trás

E esse mal atalharás

Com farinha de trigo, azeite e corda de espacho.”

Molha-se a corda de espacho no azeite, passa-se pela parte infectada e passa-se farinha por cima.»

«Nestas duas versões, embora o processo de aplicação do azeite seja igual (uma corda de esparto – "facho" e "espacho"), o curador mítico, é, na primeira versão, S. Julião e, na segunda versão, Nossa Senhora.

Numa das versões existe um gesto enfeitiçante: a aplicação em cruz. O três é, em ambas as versões, o número repetitivo eficaz.

Na versão 1 há um outro pormenor a salientar: as últimas palavras com que a curandeira termina a fórmula: "palavras minhas, de Nossa Senhora e de Santa Isabel". Estas palavras são uma demonstração evidente de que os ritos podem ser encarados como modo de comunicação entre os homens e o sobrenatural.»³⁷⁰

Versão 3

«”Donde vindes S. Julião?

Venho de Roma.

Que há por lá?

Zepelas e zepelões.

Volta atrás, vai curá-las.

Com o quê?

Com palhas, trigais e azeite virgem.

Em louvor de S. Julião e Senhor do Horto,

³⁷⁰ <http://www.anossaescola.com> [Consultado em 06-07-2011].

Que tire o mal deste corpo.”

(AAC)

De seguida, rezam-se cinco Pai Nossos e cinco Ave-marias em louvor do Senhor do Horto. Durante a reza, molha-se a palha de trigo no azeite virgem e aplica-se em cruz na parte enferma.

Modo de aplicação: palhas de trigais; Gesto enfeitiçante: reza ser feita em cruz, tal como nas versões anteriores; Número eficaz: cinco. Obrigatoriedade do azeite ser virgem, isto é, azeite proveniente da azeitona sem sal e não caldeada.»³⁷¹

Versão 3

«Doença de pele também constituída por pequenas bolhas que dão à parte atacada uma coloração avermelhada. Esta fórmula recolhida nesta freguesia é original uma vez que serve para curar a erisipela e cobrão.

" Pedro e Paulo foi a Roma

Jesus Cristo encontrou.

Jesus Cristo lhe disse:

- Que há lá ?

- Muita erisipela,

zepela, zepelão.

Muito mais haveria

se não houvesse quem o atalharia.

Eu te retalho, cobra e cobrão,

Iza, sarpão, aranha e aranhão,

com azeite virgem

que nem cresças, nem bulas

nem juntes o rabo com a cabeça.

Em louvor de S. Silvestre

Que não faças coisa que preste.”

Passa-se três ou cinco vezes em cruz pela parte infectada com um algodão molhado em azeite virgem e rezam-se ou num caso ou noutro ou três ou cinco Pai-nossos. Nesta versão, para lá dos aspectos já referenciados, há a salientar o modo de aplicação, com ou seu

³⁷¹ In: <http://www.cancioneiro-castelo-branco.pt> [Consultado em 06-07-2011].

c) Região Norte – Sub-região Tâmega - Concelho de Felgueiras³⁷³

As recolhas que apresentamos em seguida foram recolhidas por alunos do 12º ano, em Maio de 2006.

Talhar mal de inveja

«*Mal de inveja fraco olhar de onde vim este, vai lá parar assim como senhora defumou o seu amado filho para cheirar eu defumo este corpo para este mal de inveja levantar.*»

Sete vezes.»

Entrega do leito materno

«*Figueira toma conta do leite quando eu precisar volta-me a dar.*»

5 vezes.»

Talhar o cobranto

«Talha-se com um terço e diz-se:

“Criatura de deus, se tens cobranto ou mal olhado, quem to deitaria, por Deus e pela Virgem maria, dois to deitaram , três to tiraram. Assim como as pessoas da Santíssima Trindade são três, como elas querem e podem, como este mal para aqui veio, assim para lá volte.”

Depois de dizer isto, tem de se levar a mão por cima do ombro, num gesto de deitar fora algo para atrás das costas. Isto deve ser feito três vezes.

Talhar a farfola:

«*Farfola sai daqui assim como porco e porca comem aqui.*»

Numa pia dum porco.»

Talhar o Bicho

Versão 1

«Pega-se num carvão e diz-se:

“Sai bicho sai bichão

³⁷³ In: <http://crencasemitosdefelgueiras.blogspot.com> [Consultado em 06-01-2011].

Sai cobre sai cobrão

Sai aranha sai aranhão

Inda que te fiques já negro como este carvão.”

3vezes.»

Versão 2

“Bicho bichão, largata largatão, em louvor S. Celibreste que as minhas palavrinhas preste, que nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro mestre.”

Versão 3

«“Bicho bicho sai daí qu o bicho queima aqui.”

5 vezes com um fósforo em cima da picadela em forma de cruz.»

Talhar as Aftas

Versão 1

«Olha-se para uma estrela e diz-se:

“Estrelinha de além

Cura esta afta que o/a meu/minha menino(a) tem.”

3vezes.»

Versão 2

“Estrelinha de lá de além tire estas aftas que a minha boca tem.”

Talhar as Dores de Barriga

«Mete-se a laranja no dedo mendinho:

“S. Gonçalo de Amarante

Não me doia a barriguinha

Nem de noite nem de dia

Nem à hora do meio-dia”.»

Talhar a Dada:

«“Duas te dera, três te tirarão e o senhor e a senhora e o padre da Conceição.”

9 vezes durante 3 dias.»

Talhar a Bertueja:

«*Bertueja sai-te daqui, assim como eu varro a cozinha também te varro a ti.*»

9 vezes em 3 dias»

Talhar o fogo:

«*Santa Eufânia tem 3 filhos. Uma da água, uma da lenha e outra do lume. Venha a da água e venha a da lenha e a do lume que nunca cá venha.*»

Com 3 folhas de saboeiro.»

d) Região Norte – Distrito do Porto - Concelho de Gondomar – Freguesia de Rio Tinto³⁷⁴

Modo de talhar a “Rana”

«Febre aftosa

Versão 1

«*Jesus, nome de Jesus. (três vezes)*

Fulano ou fulana (nome)

Santa Ana pariu Maria

E Maria pariu o Senhor.

O Senhor veio ao mundo

Para consagra a hóstia

E tudo consagrou.

Veio o padre sacerdote

Para talhar, o fortalho, farfalhote,

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,

São Pedro e São Paulo e São Silvestre,

Tudo o que eu faço preste.

E Nosso Senhor seja o verdadeiro Mestre. Ámen”.

Pai Nosso e Avé Maria.

É talhado com uma vela benta, na mão direita do doente.»

Versão2

“Santa Iria três filhas tinha,

Uma ía pelo mar e a outra pela guia

E outra com Rana morria.

Perguntaram a à Santa Iria como a filha curaria:

9 folhas de salva, 9 pedras de sal,

9 pingas de água, 9 avé marias,

Tua filha curarias

³⁷⁴ In: <http://riotinto5estrelas.blogs.sapo.pt/8266.html> [Consultado em 01-07-2011]

Pelo poder de Deus.”

Modo de talhar a “atrepezia”

«Perturbação das funções nutritivas nas crianças

“Jesus, nome de Jesus

Nosso Senhor da Guia, eu corto

Talho “atrepezia”, pelo poder de Deus e

da Virgem Maria e São Silvestre

que tudo o que eu faça preste

e Nosso Senhor Jesus Cristo

seja o verdadeiro Mestre.

Ámen”

Pai Nosso e Avé Maria.»

**e) Região Norte – Sub-região Grande Porto – Concelho de Matosinhos -
Freguesia de Leça da Palmeira³⁷⁵**

As recolhas que apresentamos em seguida foram recolhidas por Rodolfo Rodrigues e publicadas em "A Voz de Leça" Ano LIII - Número 10 - Dezembro de 2006

Bicho (herpes)

«Lengalenga (3 vezes com o tição em sinal da cruz sobre a boca):

“Bicho, bichão. Sapo, sapão.

Aranha, aranhão. Cobra do monte.

E bicho de toda a nação.

Esturricado sejas tu como este tição”»

Aberto (costas)

«A pessoa com dois filhos de ventre colocava os pés sobre as costas da pessoa doente que estava deitada:

“Porque paristes? (Pessoa enferma). E tu porque abristes? (Pessoa que talha).

Assim como eu sarei da minha paridura. Também vais sarar da tua abertura.”»

³⁷⁵ <http://artigosvozdeleca.blogspot.com/2006/12/talhas-do-tempo-da-minha-av.html> [Consultado em 01-07-2011]

Trasorelho (papeira)

«3 vezes com jugo sobre as costas do doente:

“Assim como boi e vaca. Cangam aqui. Trasorelho sai-te daqui.”

Aftas

«3 vezes:

“Oh luzinha da banda de além. Tira as aftas que a minha boquinha têm. Amén.”»

Dada

«3 vezes durante 3 dias em sinal da cruz com as canas de vide:

“Quando Deus por mundo andou. Bom Homem lhe deu pousada.

Má mulher lhe fez a cama. E de vides e de lama. Sai-te dada desta mama.”»

Zipela (Erisipela)

«Numa malga mistura-se um fio de azeite em água e introduz-se um ramo de carqueja.

Depois sobre a zona afectada passa-se o ramo em sinal da cruz 3 vezes:

“Pedro Paulo foi a Roma. Jesus Cristo encontrou.

E o Sr. lhe perguntou. Pedro Paulo donde vens?

Oh senhor, venho de Roma. Que morre lá muita gente.

Com quê? Com zipela e zepela. Toda a gente morre dela.

Torna a trás Pedro e talha. Com água da fonte, carqueja do monte e Azeite Bento

Como o que alumia. O santíssimo sacramento. Amén.”»

Pulso aberto

«Durante 3 vezes enfia-se uma agulha sem dar o nó no novelo para que agulha entre e saia da mesma maneira:

“Eu que coso? (pessoa que talha)

Linha quebrada e fio de estroço (pessoa lesionada)

Pois é isso mesmo que coso (pessoa que talha)”»

Íngua

« 3 vezes a olhar para uma estrela:

“Oh estrelinha brilhante. A minha língua diz.

Que seques tu e viva ela. Mas eu digo que seque ela e vivas tu”.»

**f) Região Norte - Sub-região Ave - Concelho de Cabeceiras de Basto -
Freguesia de Vilar de Cunhas – Lugar de Uz³⁷⁶**

Recolha feita por Alunos do Curso de Iniciação à Produção e Tratamento de Animais em 1996.

Talhar as Dadas"

«Para aliviar as dores de cabeça, causadas pelo «mal de inveja», talhavam-se as dadas com a seguinte reza:

"(O nome da pessoa a quem se ia talhar as dadas) *de Jesus*

Se tens dadas

Deus as bote

A quem as botou

Com o poder de Deus

E da Virgem Maria

Um Pai Nosso

Com uma Avé Maria"

À medida que se rezava iam-se deitando brasas numa tigela com água (dez brasas), por cada Pai Nosso uma brasa. No fim, a última brasa deitava-se para trás das costas.

Se as brasas fossem ao fundo da água a pessoa tinha dadas (mau olhado).»

Talhar o coxo

«Quando apareciam muitas borbulhas no pescoço(cocho) fazia-se a seguinte reza:

"Faca que cortas o pão

Corta este Tubarão

Corto-te a cabeça

Corto-te o rabo

Com este navalhão

Sapo, sapão

Cabra, cabrão

Toupa, toupeirão

³⁷⁶ <http://uz.com.sapo.pt/tradicional.htm> [Consultado em 01-07-2011]

Corto-te a cabeça

Corto-te o rabo

Com este navalhão

Com o poder de Deus

E da Virgem Maria

Um Pai Nosso e uma Avé Maria"

À medida que se rezava iam-se fazendo cruzes no pescoço com uma faca.»

Curar de aberto

«Quando se abria um pulso ou um pé, fervia-se uma cafeteira de barro de água. Deitava-se a água numa bacia e punha-se o pé ou a mão magoada a apanhar o vapor da água na bacia ("pôr o pé a cozer").

Ao mesmo tempo ia-se rezando:

"1ª pessoa - *Eu te cozo,*

2ª pessoa (magoada) - *carne aberta e fio torto*

1ª pessoa - *É mesmo isso que eu cozo."*»

g) Região Norte - Sub-região Alto Trás-os-Montes - Concelho de Boticas - Freguesia de Covas do Barroso³⁷⁷

Reza para Cortar o Coxo

«Para que se possa fazer esta reza, é necessário que a pessoa que a vai fazer já tenha morto, pelo menos uma vez, uma toupeira com as mãos, com nove pancadas na cabeça. Esta reza tem que ser feita nove vezes, enquanto se traça uma cruz sobre o coxo:

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz.

P’ra tudo o apliquei,

Sapo, sapão, cobra, cobralhão,

Bicho de toda a nação.

Corto-te o rabo, corto-te a cabeça,

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,

Nunca este mal entraria em.....

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,

Apelo para o Senhor São Tiago.

Assim como vem o bem e o amor,

Pelas cinco chagas de Deus Nosso Senhor. Amen.”

Reza-se um Pai Nosso, uma Avé Maria e uma Salvé Rainha.»

Reza de Cortar a Ciática

«A ciática é uma dor localizada no nervo mais grosso do nosso organismo que pode ser curada através da seguinte reza:

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

Ciática corto, ciática atalho.

Assim como este mal não come,

Nem roía, nem comia, no corpo de.....

Assim como vem o bem e o amor.

³⁷⁷ In: <http://cbarroso.jfreguesia.com/tradicoes.php> [Consultado em 11-07-2011]

Pelas cinco chagas de Deus Nosso Senhor. Amen.”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

Reza para Cortar a Névoa da Vista

«A névoa é uma mancha que surge na córnea e que provoca uma visão turva. Para curar este mal, os mais antigos fazem a seguinte reza:

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

Nossa Senhora pelo mar ia,

Três novelinhos de oiro tinha.

Acontecia que outra névoa,

Desaparecia em.....

Assim como vem o bem e o amor.

Pelas cinco chagas de Deus Nosso Senhor. Amen”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

Reza para Cortar a Inveja

«”Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

Casa varrida, saco molhado,

Vai-te daqui inveja e mau olhado.

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,

No corpo de....., este mal entraria.

Apelo p’ró Senhor São Tiago.

Assim como vem o bem e o amor.

Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen.”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

Reza para Cortar o Medo

«Esta oração é proferida nove vezes, ao toque das Três Trindades. Infelizmente, esta tradição já caiu em desuso nesta freguesia.

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

Medo vai-te daqui,

Que anda a Santíssima Trindade

Atrás de ti.”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

Reza para Cortar o Unheiro

«O unheiro é uma inflamação que surge na zona entre o dedo e a unha, devendo fazer-se a seguinte reza para o curar:

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

- Maria, que tens? — Unheiro.

- Unheiro corto a Maria,

Borbulhas e borbulhões,

Que se esmiucem como carvões.

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.

Apelo p’ró Senhor São Pedro, São Paulo,

São Tiago e São Silvestre.

Tudo isto que faço me preste.

Assim como veio o bem e o amor.

Pelas cinco chagas de Deus Nosso Senhor. Amen.”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

Reza para Cortar o Sol

«Esta reza, de tradição muito antiga, serve para curar as insolações. Coloca-se um guardanapo rendado na cabeça do paciente e deita-se-lhe um copo de água. Reza-se nove vezes esta oração:

“Deus deu o Sol,

Deus deu a Lua,

Deus tire o mal desta criatura.

São Clemente no mundo andou,

O sol e a lua talhou.

Com que o talharia?

Com um pano de olhos e água fria.”

Pai Nosso e Avé Maria».

Dadas

«As dadas servem para curar as dores de cabeça: colocam-se videiras ao lume e, depois de arderem, pega-se nas brasas com as mãos e deitam-se numa vasilha com água, à medida que se vai rezando. Esta oração é rezada nove vezes:

“Jesus, santo nome de Jesus.

Credo em cruz. (3 vezes)

Deus te fez, Deus te criou,

Deus te desacanhe do mal que te acanhou.”

Pai Nosso, Avé Maria e Salvé Rainha.»

h) Região Norte – Sub-região do Minho-Lima - Distrito de Viana do Castelo – Concelho de Ponte de Lima – Freguesia de Estorãos³⁷⁸

Recolha feita pelos alunos do Agrupamento de Escolas Padre Joaquim Flores, da EB1 da Estrada e EB1 da Mourisca – Estorãos, no ano de 2006/2007

Para talhar o bicho:

«O “bicho” é qualquer inflamação que aparece no corpo e que o povo atribuiu à passagem de um bicho peçonhento, a uma aranha, por exemplo. Para talhar, pega-se numa faca, que há-de ser só de ferro e numa vara de urze, onde se dão três golpes, dizendo de cada vez:

“Bicho, bichão

Cobra, cobrão

Sapo, sapão

Aranha, aranhão

Bichos de toda a nação

Bichos que vivais e reinais

Na graça de Deus não andais

Secos, mirrados sejais

E atira-se a vara golpeada ao lume.”

Como talhar a farfalha ou a rena:

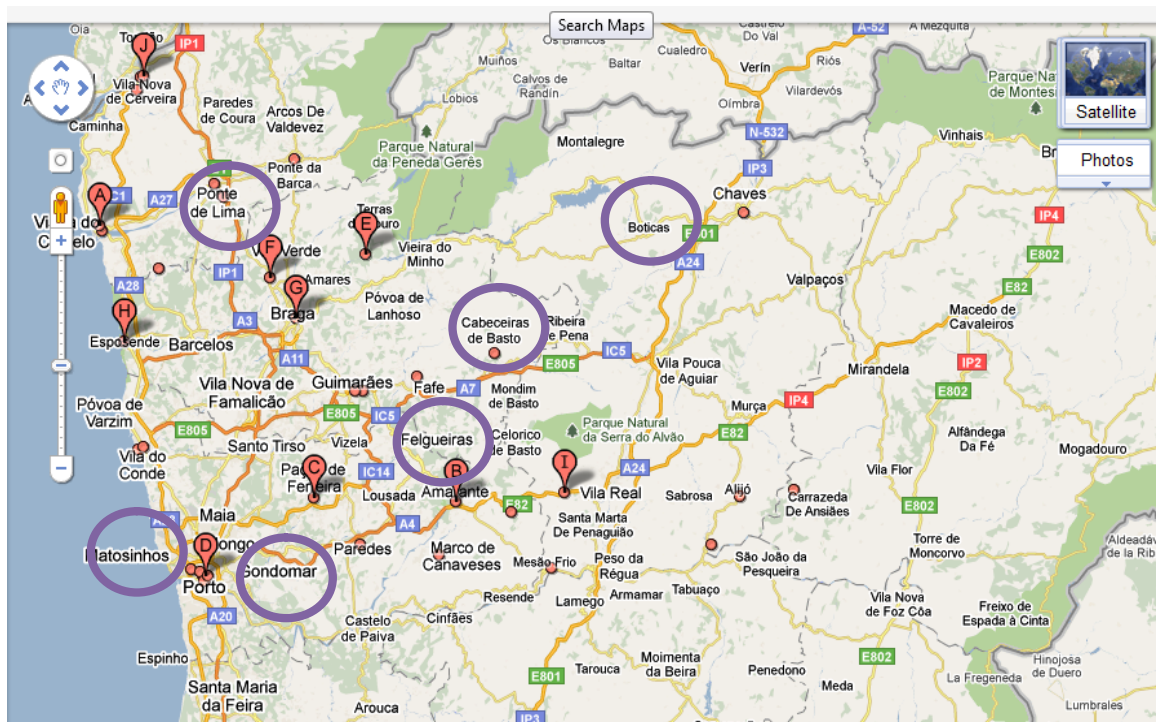
«Talha-se na pia dos porcos. Esfrega-se o farrapo de um saiote de baeta vermelha nos bordos da pia e, de seguida, na língua do paciente nove vezes. De cada vez vai-se repetindo:

“Eu te talho farfalha na pia dos recos.

Assim como porcos e porcas vêm comer aqui,

tu seques aqui”.»

³⁷⁸ In: www.eb23-revelhe.rcts.pt [Consultado em 11-07-2011].



6. Orações de Inglaterra

Foi enviado um e-mail, no dia 22/03/2011 para a Cultural Affairs Office of the United States Embassy in London (CultureLondon@state.gov), bem como para a Department for Culture Media and Sport (enquiries@culture.gov.uk), com o seguinte conteúdo:

“Dear Sir / Madam,

I am a college student from Madeira (Portugal) and I am working on a project about the British influences in Madeiran culture, particularly regarding superstitions. I would like to know if in your traditional culture exist the so-called “cures” to treat diseases, such as envy, skin problems, headaches, animal diseases, etc.

If it exists, is it possible to send me some information on how it’s done?

If there’s any other information you may consider important, please do send me.

I thank you in advance and I look forward on hearing from you in due course.

Yours sincerely”

No dia 08/04/2011 recebemos a resposta de Ahmed, Tabassum G em nome de London, Culture:

“Dear Catia,

Thank you for your enquiry. I am afraid this is outside the scope of our research capabilities.

Regards

London Culture”

Assim concluímos que, embora possa haver influências inglesas na nossa cultura, no que diz respeito às superstições não existem do outro lado não há estudos que confirmem ou não a existência de paralelismos.

7. Orações de França

Foi enviado um e-mail, no dia 22/03/2011 para o Ministère de la Culture et de la Communication (Monsieur le Ministre de la culture et de la communication), com o seguinte conteúdo:

”Madame /Monsieur,

Je suis une étudiante de Madère et je travaille sur un projet concernant l'influence française dans la culture de Madèrienne, en particulier en ce qui concerne les superstitions.

Je me demande si dans la culture française il y a des cures traditionnelles pour les maladies, comme l'envie, les problèmes de peau, maux de tête, les maladies des animaux,... Comment font-ils? Est-ce que on utilise des plantes de romarin ou d'autres? Je me demande aussi où est-ce que je peux trouver quelques informations sur ce thème. Je vous remercie de votre collaboration.

Cordialement”

Até à data não recebemos qualquer resposta.